ROSACRUZ ÁUREA

UMA ESCOLA INICIÁTICA PARA O SÉCULO XXI

Pentagrama publicações

SÉRIE RENOVAÇÃO 7

ROSACRUZ ÁUREA

UMA ESCOLA INICIÁTICA PARA O SÉCULO XXI

Pentagrama publicações

SÉRIE RENOVAÇÃO 7

ROSACRUZ ÁUREA:

Uma Escola Iniciática para o século XXI

Rosacruz Áurea: Uma Escola Iniciática para o século XXI

ROSACRUZ ÁUREA:
Uma Escola Iniciática para o século XXI

2025

Pentagrama
publicações

Título original:
ROSACRUZÁUREA: Uma Escola Iniciática para o século XXI
2025
Impresso no Brasil

Capa e Projeto gráfico: Mônica Jackson
Diagramação: Lumiar Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil

Rosacruz Áurea : uma escola iniciática para o século XXI. – Jarinu, SP : Pentagrama Publicações, 2025.

ISBN 978-65-86863-08-6

1. Autoconhecimento 2. Consciência 3. Espiritualidade 4. Gnosticismo 5. Lectorium Rosicrucianum 6. Rosacrucianismo

25-251554 CDD-299.932

Índice para catálogo sistemático:
1. Rosacrucianismo : Conferências : Gnosticismo : Religião 299.932
Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Copyright:
Todos os direitos desta edição reservados à
Pentagrama Publicações
Rua Heitor Peixoto, 588 – Cambuci – São Paulo – SP – 01543-020
www.pentagrama.org.br

SUMÁRIO

Prefácio

1. A Formação da Corrente de Fraternidades
2. A Atuação da Fraternidade Hoje
3. O Trabalho da Fraternidade no Futuro
4. O Prisma da Consciência e a Manifestação do Espírito
5. As Transformações em Curso na Nova Escola Espiritual
6. As Forças Atuantes na Transformação da Consciência
7. Transformações do Pensar, Sentir e Agir
8. A IA e o Desenvolvimento do Pensamento Superior
9. Mental Concreto e Mental Abstrato
10. O Templo Interior
11. O Templo Externo
12. O Corpo Vivo
13. Individualidade
14. Vontade
15. Autorrendição
16. O quinto éter
17. A busca da perfeição e a vergonha
18. O caminho na busca da verdade
19. A cauda de pavão
20. A batalha entre o terreno e o divino
21. O tempo

22. A estrutura dos serviços templários
23. Por que fazer parte da Rosacruz Áurea?
24. O método de trabalho da Rosacruz Áurea
25. O vazio
26. Cristianismo gnóstico
27. A alquimia real
28. O hermetismo universal
29. Uma Nova Ciência, uma Nova Espiritualidade, uma Nova Arte
30. A Alquimia Universal
31. A Eternidade no Tempo

Referências bibliográficas

PREFÁCIO

Vivemos em um tempo de profundas transformações, em que a busca por sentido e propósito na vida torna-se cada vez mais urgente. Nesse contexto, a Rosacruz Áurea surge como um farol, oferecendo caminhos de autodescoberta e reconexão com aquilo que é essencial em cada ser humano.

Este livro, "Rosacruz Áurea: uma escola iniciática para o século XXI", apresenta reflexões e ensinamentos voltados à renovação interior e à compreensão de nosso papel na construção de uma existência mais significativa. Ele convida o leitor a trilhar um caminho que ultrapassa as limitações do ego e dos condicionamentos, rumo a uma vida guiada por valores universais e uma profunda conexão com a essência espiritual no âmago do ser.

Mais do que apenas uma busca individual, essa jornada representa um movimento de transformação que começa em cada um de nós e se expande para muito além. Ao transformar nossas próprias mentes, corações e ações, contribuímos para uma realidade mais harmoniosa e integrada.

A Rosacruz Áurea, com sua abordagem atemporal e sempre atualizada, inspira aqueles que desejam encontrar respostas para os desafios do presente e colaborar na construção de um futuro em sintonia com princípios elevados. É um convite para que cada um de nós assuma sua responsabilidade como cocriador de uma nova realidade, que reflita os ideais mais profundos de unidade e amor.

Que as páginas deste livro despertem em você a coragem e a inspiração necessárias para avançar nessa jornada transformadora.

A FORMAÇÃO DA CORRENTE DE FRATERNIDADES

Desde a mais remota antiguidade, sábios e iniciados trouxeram sabedoria e exemplos de vida que o mundo não consegue compreender: Krishna, Buda, Zaratustra, Hermes, Lao Tsé, Pitágoras, Sócrates, Platão, Jesus de Nazaré, Apolônio de Tiana, Mani e outros deram origem a fraternidades ou escolas espirituais no Egito, na Índia, na Pérsia, na China, na Grécia e em outros locais. Apesar de poucos registros históricos, algo semelhante certamente também ocorreu no interior da África, nas Américas, na Oceania e em qualquer lugar onde houvesse seres humanos. Essas fraternidades não se formaram por iniciativa individual, fazendo parte de um plano maior.

Como uma corrente, essas fraternidades buscaram conduzir o ser humano à descoberta do sentido da vida e à libertação do sofrimento. Esses grupos, em conjunto, constituem a Corrente Universal de Fraternidades ou uma única Fraternidade Universal, pois transcenderam a multiplicidade do mundo dos sentidos e se elevaram à unidade espiritual.

Um dos legados dessas fraternidades foram os textos sagrados, a muitos dos quais temos acesso, como o Bhagavad Gita, os Upanishads, os Sutras budistas, o Tao Te King, o Corpus Hermeticum, os diálogos de Platão, o Zend Avesta, os Evangelhos canônicos e gnósticos. Nos comentários a alguns desses textos, J. van Rijckenborgh, fundador da Rosacruz Áurea, mostrou a unidade dessa sabedoria. Essa unidade decorre da unidade da consciência humana, muito mais essencial do que as diferenças culturais.

Tal unidade fundamental não nega as peculiaridades de cada tradição espiritual, porque a consciência humana está em contínua transformação, e

cada povo e cada época têm suas possibilidades e limitações. Da mesma forma, a Rosacruz Áurea é uma escola de mistérios ocidental e contemporânea, e se insere numa corrente que inclui, entre outras, a Rosacruz Clássica do século XVII, a alquimia ocidental, o catarismo, o cristianismo gnóstico, o hermetismo e as escolas de mistério ocidentais mais antigas.

Na antiguidade as escolas iniciáticas eram muitas, como as dos mistérios órficos, dionisíacos e de Elêusis da Grécia antiga. Pitágoras também teria criado uma escola sob a inspiração das mais antigas, particularmente a escola de mistérios órfica. Muitos filósofos pré-socráticos foram iniciados nos mistérios, de onde trouxeram muitos dos seus *insights* fundamentais. Sócrates, Platão e Pitágoras teriam sido iniciados nos mistérios persas e egípcios, civilizações consideradas berços da sabedoria iniciática. Da mesma forma, a cultura judaica deixou como legado sua sabedoria, que se tornaria um dos elementos centrais da civilização ocidental, em parte pelo ramo do cristianismo.

No início da era cristã, com a consolidação de uma etapa do desenvolvimento da consciência individual, um novo impulso da Fraternidade Universal se tornou possível, abrindo-se um novo capítulo no desenvolvimento humano. Assim, como descrito nos Evangelhos, o véu de entrada ao santuário foi aberto de alto a baixo no momento da crucificação, e a luz de amor do Cristo cósmico foi liberada, abrindo para o ser humano o acesso direto à realidade espiritual. Deve-se compreender esses fatos como um processo cósmico em que a luz crística se derrama em sacrifício, como uma revelação do amor divino.

Todo o trabalho posterior da corrente de fraternidades se constrói sobre essa base, e não apenas o que é descrito como cristianismo. A luz crística liberada é universal e não pertence a nenhuma religião ou povo específico; no mundo inteiro se observa uma renovação da sabedoria antiga. No Oriente, por exemplo, desde o início de nossa era, o budismo enfatiza o caminho do Bodhisattva, que é o do auto sacrifício em benefício de todos os seres sencientes, e não mais o caminho da libertação individual. Na Europa, apesar

de não utilizar a terminologia cristã, o neoplatonismo contribuiu por muitos séculos para manter acesa a chama dos antigos mistérios, chegando a influenciar pensadores cristãos como Dionísio Areopagita. Os textos atribuídos a Hermes Trismegisto eram uma renovação dos antigos mistérios egípcios, e exerceram influência central na tradição espiritual ocidental.

A reação contrária à força de amor trazida por Cristo não tardou: "a luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a compreenderam e lutaram contra ela". E quando as forças opositoras perceberam que não seria possível vencer apenas com o enfrentamento direto, o método escolhido foi distorcer a verdade da luz, adaptando-a aos interesses egocêntricos. Dessa forma, pouco a pouco, o cristianismo dogmático ampliou seu poder político e o cristianismo gnóstico primordial foi combatido e perseguido.

Todavia, ainda que o aparelho exterior tenha sido destruído, a verdade encontrou novos caminhos para se apresentar aos seres humanos que por ela anelam. Isso pode ser visto, por exemplo, na manifestação da comunidade gnóstica dos maniqueus. A partir do século III da era cristã, assistiu-se ao nascimento e ao desenvolvimento dessa comunidade, que trabalharia durante mil anos. Apesar de pouco conhecida atualmente, a Fraternidade da Luz fundada por Mani foi uma das religiões mais disseminadas do mundo, com penetração e influência semelhantes à do cristianismo, do budismo e do islamismo, tendo se espalhado da Pérsia ao ocidente e ao extremo oriente. Além do trabalho interior dos "eleitos", que eram os iniciados maniqueus, o maniqueísmo tinha presença viva nas sociedades que puderam desenvolver seu trabalho. A aplicação das regras gnósticas gerou nova forma de vida comunitária baseada em valores espirituais, como o respeito à vida sob todos os aspectos, a renúncia ao desejo de poder, a busca do consenso na solução dos conflitos e o anseio por sabedoria e autoconhecimento como a verdadeira finalidade da vida. Apesar de todo o seu sucesso, o maniqueísmo também chegou ao fim após séculos da feroz perseguição.

Ainda que em alguns momentos a fraternidade tenha que se recolher e se afastar do trabalho exterior, as fraternidades da Corrente Universal nunca deixam de atuar. Na região da Bulgária, a partir do ano 950, o grupo gnóstico dos bogomilos iniciou um trabalho que manteve acesa a chama da sabedoria universal. Em estreita ligação com os bogomilos, entre os séculos XII e XIV, a Europa viu o desenvolvimento de um movimento gnóstico de grande amplitude, o catarismo, principalmente na região onde hoje é o sul da França.

Da mesma forma que os maniqueus, os cátaros tiveram presença marcante na sociedade, influenciando com seu exemplo a cultura daquela região. O rico desenvolvimento cultural daquela sociedade pode ser visto como uma manifestação exterior da profunda vida espiritual mantida por muitos cátaros.

Apesar da perseguição e da destruição exterior que o catarismo sofreu, o trabalho não foi paralisado, mas renovado, renascendo posteriormente com uma nova forma. Na mesma época dos cátaros, a Fraternidade atuava por toda a parte, como entre os povos islâmicos através do sufismo, e no extremo oriente através de um budismo renovado. No seio do próprio cristianismo tradicional, onde o dogma e a hierarquia restringiam o livre pensar, houve sábios que conduziram sua busca interior até alcançarem a luz do Espírito. Mestre Eckhart e João da Cruz, por exemplo, foram testemunhos vivos disso dentro da igreja católica. Posteriormente, Jacob Boehme e os rosacruzes do século XVII foram ligados à igreja luterana, ainda que muitos os considerassem hereges.

A Fraternidade da Rosacruz se apresentou exteriormente pela primeira vez no século XVII, através da publicação dos manifestos rosacruzes. Naquela época, a figura de "Christian Rosenkreuz" (ou Cristão Rosacruz) foi apresentada como protótipo de um novo desenvolvimento humano. A jornada de Cristão Rosacruz é a do ser humano moderno que, tendo consolidado a autoconsciência, se conscientiza da necessidade de uma construção interior absolutamente nova. É sob esse selo que se trabalha atualmente na Escola da Rosacruz Áurea.

O trabalho exterior da Rosacruz Clássica foi interrompido pela Guerra dos 30 Anos, iniciada em 1618, impedindo o pleno desenvolvimento dessa escola. Como se viu, os períodos de manifestação do cristianismo gnóstico original, do maniqueísmo e do catarismo foram turbulentos. Apesar disso, essas fraternidades perseveraram, realizando trabalho que deu muitos frutos e deixou testemunhos para as gerações futuras.

O que explica a perseverança e o dinamismo dessas fraternidades são seus campos de força, luz e vida e a consequente conexão com toda a Corrente de Fraternidades. O que são esses campos e como se formam? A exemplo da luz crística universal, a partir do sacrifício interior de seres humanos predestinados é periodicamente erigido um campo de transmutação da luz espiritual, a ser sustentado por uma rede de templos de luz. Esses campos são a essência do trabalho das escolas espirituais ou fraternidades da Corrente Universal. Eles são seu maior tesouro e seu mistério essencial, porque só podem ser revelados aos que "têm olhos para ver".

Pode-se compará-los aos campos eletromagnéticos comuns, como o da própria luz. A radiação fundamental, a partir da qual o trabalho de uma nova fraternidade começa, é como a luz branca, que contém em si todas as cores. Em essência essa luz é uma força divina pura, mas de vibração elevadíssima, e por isso inacessível ao ser humano material. Para que ele a possa assimilar é necessário transmutá-la numa vibração mais lenta.

Pode-se conceber a seguinte imagem: os campos das fraternidades do passado são como esferas de luz que nos envolvem por todos os lados. No início do trabalho, os pioneiros de uma nova fraternidade se ligam a essa esfera de luz pré-existente e passam a transmutar a luz, num trabalho coletivo, diminuindo sua vibração e construindo outra esfera menor – isso se dá pela realização do discipulado individual e coletivo e não por qualquer método artificial, pois, à medida que a centelha espiritual se torna ativa, ela passa a ser um instrumento de recepção e transmutação da luz espiritual.

A esfera de luz da fraternidade anterior, por sua vez, também é abarcada por uma esfera ainda maior pertencente a uma fraternidade ainda mais antiga, formando uma escada de luz até o infinito. É dentro da esfera menor, em formação, que a refração da luz branca pode ser iniciada, até se revelar em sete gradações vibratórias, em sete cores, em sete discipulados.

Uma pessoa teria grande dificuldade em acessar diretamente a vibração de um campo de luz de uma fraternidade do passado, porque esse campo continua a aumentar sua vibração, seguindo um caminho de força em força. Por isso, é sempre necessário que surja uma fraternidade atuante na matéria, como primeiro degrau vibratório acessível a esse edifício de luz.

Foi assim que se constituiu também o campo de força, luz e vida da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, como uma escada vibratória sétupla. Quando o trabalho foi iniciado, em 1924, foi possível acessar a luz transmutada pelas fraternidades do passado, principalmente da Rosacruz Clássica e dos cátaros, e todo o trabalho posterior da Escola realizou nova transmutação, que refratou a luz branca em sete cores.

Os próximos capítulos tratarão do trabalho atual da Fraternidade, manifestado na escola espiritual contemporânea.

A ATUAÇÃO DA FRATERNIDADE HOJE

Os alunos da Escola conhecem a expressão "quando damos um passo com a Fraternidade, ela dá dois passos conosco", e seu significado precisa ser esclarecido para desmistificar eventuais más interpretações – que poderiam conduzir a práticas místico-religiosas ou ocultistas. Ao esclarecer essa expressão, também ficará esclarecido o atual papel da Fraternidade.

Como visto no capítulo anterior, a Fraternidade Universal sempre se manifesta na matéria através de escolas espirituais. O mesmo acontece com a nossa Escola atual, e seus alunos desempenham papel fundamental nesse processo.

O que é esse passo que o aspirante à senda da autoiniciação deve dar, para que a Fraternidade possa dar outros dois com ele? As respostas podem ser muitas, mas em todas se observa que sempre há um primeiro movimento realizado pelo aluno.

O caminho da autoiniciação não é linear, assemelhando-se a uma espiral ascendente. Nesse caminho aumentamos nossa consciência e força, em ligação com o espírito universal, o todo, o uno e a Fraternidade Universal. Cada volta da espiral representa um ciclo de experiências que se repetem, e quando vivenciadas com maior consciência, resultam em maior elevação. A cada volta da espiral, o primeiro movimento é realizado por nós; e diferentes ações podem ser associadas a uma das infinitas espirais do caminho iniciático. Mas para ingressar na espiral de elevação é necessária uma fase preparatória.

A relação consciente com a Fraternidade da vida não surge sem uma preparação prévia do candidato. Na ausência dessa preparação, pode-se tomar equivocadamente como contato com a Fraternidade o que na verdade é apenas

abertura às forças astrais das esferas sutis da natureza comum. Essa é uma experiência enganadora, com resultados decepcionantes.

Tal preparação não se refere em hipótese alguma a exercícios ou práticas de natureza ocultista, mágica ou religiosa. J. van Rijckenborgh alertou quanto a isso de forma muito enfática: "Portanto, devemos dizer-vos, com a mais acentuada ênfase, que o resultado de todas essas formas de comportamento ocultistas ou mediúnicas de modo algum vos capacitará a fazer contato com a Fraternidade do outro reino. Todo esse palavreado 'vi isso', 'ouvi aquilo', 'temos para vós uma mensagem', sempre indica alguma influência da esfera refletora. Precisais rejeitar radical e completamente toda essa simulação, seja de que modo e de que lado ela possa vir, e mesmo que se apresente sob aspecto elevado ou por meio de vosso melhor amigo."[1]

O que o candidato precisa é se transformar em um instrumento adequado e consciente a serviço do trabalho universal da Fraternidade da vida. E essa transformação só ocorre a partir de uma ação proveniente do processo de interação entre cabeça e coração, emanada da força e da luz da centelha do espírito que brilha no âmago do ser de cada um.

Nossa maneira de agir precisa ser modificada nessa luz, isto é, é preciso viver a partir dessa interação, o que significa viver pela fé. Ao viver pela fé, uma nova vida mágica, direta e positiva se manifesta em nós. O toque da fé, o toque da força da centelha do espírito, traz a percepção do quanto somos carentes do espírito, o quanto somos 'pobres de espírito', na linguagem da Bíblia. A percepção dessa carência desperta o anseio pela luz, pelo espírito, pelo transcendente: um grito de saudade emerge do coração alquebrado.

Esse é o primeiro passo a dar; a partir desse anseio e por meio do corpo vivo da Escola as forças da Fraternidade da vida são derramadas sobre nós. Dessa forma é criada uma ressonância vibratória entre nosso estado de ser e o corpo vivo.

Mas como a fase preparatória ainda não está consumada, as forças derramadas não podem ser utilizadas de forma consciente, pois ao aluno ainda

falta um novo estado de consciência. Essas forças ainda atuam como elemento inquietador, estimulador, como uma reserva energética para uma nova ação. E, por isso, é preciso utilizá-las para manifestar uma nova e inteligente forma de comportamento. Este ainda é governado predominantemente pelos automatismos e condicionamentos. Por isso, é preciso atacá-los sem reservas, sem autocompaixão, à luz do real anseio e de forma inteligente.

A expressão "o aluno dá um passo em direção à Fraternidade e ela responde andando dois passos com ele" significa que o aluno se abre às forças do espírito a partir de seu âmago e a Fraternidade responde com mais força. Um dos passos que a Fraternidade dá com o aluno representa essa energia disponibilizada para uma nova ação, esse derramamento de forças que inquieta e que impulsiona. O outro passo é o que aplaina as veredas.

Como já mencionado, somos seres condicionados e automatizados. À luz da nova consciência que vai surgindo, os condicionamentos e automatismos vão ficando mais evidentes. É preciso força e energia para superá-los, para atacá-los, sem piedade, sem autocompaixão. Esse é um dos passos que a Fraternidade dá conosco, esse auxílio impessoal em força e energia. A partir do nosso anseio puro e verdadeiro, nosso estado de ser vibra em uníssono, em ressonância com o manancial do espírito, numa escala vibratória compatível e transmutada pela Fraternidade.

O segundo passo que ela dá conosco, o aplainar as veredas, é o enfraquecimento dos condicionamentos, dos automatismos. É preciso perceber em si mesmo esse enfraquecimento e aproveitar essa oportunidade única.

A nova circulação de forças no sistema do aluno é a grande responsável por esse enfraquecimento, pois ela é totalmente antagônica às forças dos automatismos. Quando o aluno percebe esse enfraquecimento, ele precisa aproveitar para ter uma nova atitude perante a sua vida.

É uma nova atitude inteligente, isto é, uma atitude que tem sua origem na luz que ilumina seu sistema cabeça-coração e que agora ele consegue perceber mais claramente, pois seus mecanismos condicionantes estão enfraquecidos. O

aluno não pode deixar de aproveitar essa oportunidade, esse auxílio duplo e impessoal da Fraternidade.

Este é o ponto sutil de transformação da consciência: agindo com perseverança, persistência e constância é possível criar um verdadeiro novo estado de consciência. Seu sistema cerebral, mais livre dos condicionamentos e automatismos, se abre a uma nova inalação magnética, conhecida como a descida do Espírito Santo Sétuplo. E é com essa nova inalação magnética que o estado de consciência se torna novo, e um real novo estado de vida se manifesta paulatinamente.

Dessa forma o aluno se torna parte da nova Fraternidade sobre a Terra. Sua ação no mundo é outra, não baseada em ética ou moral, mas em irradiação impessoal. Ele se torna um transmutador de forças, do alto para baixo, do que está em cima para o que está embaixo.

Um grupo de alunos que realiza essa proeza é capaz de impulsionar os seres humanos anelantes a verdadeiras transformações. No capítulo anterior foi dito que o corpo vivo de nossa Escola se ligou às fraternidades precedentes, acessou a luz transmutada por elas e realizou nova transmutação, refratando a luz branca em sete cores, nas sete radiações do espírito. Isso foi possível porque um grupo de alunos pioneiros realizou essa transmutação em si mesmos.

E, hoje, são os atuais alunos que através de seus discipulados, vividos de forma consciente e com responsabilidade, mantêm essa tarefa viva, trabalhando a partir do ser interior.

O chamado da Fraternidade ressoa o tempo todo e em todos os lugares. Quem atende a esse chamado dá os primeiros passos na construção da verdadeira unidade dos filhos de Deus.

A fraternidade está fora e dentro de cada um; ela impulsiona de dentro para fora e de fora para dentro. Mas o primeiro passo vem sempre de dentro de nós mesmos.

Que possamos dar, de verdade, o primeiro passo, pois assim o segundo e o terceiro serão iluminados pela Fraternidade.

1. Rijckenborgh. *A Gnose em sua atual manifestação*

O TRABALHO DA FRATERNIDADE NO FUTURO

Ao se projetar no domínio do tempo, o espírito eterno imprime um impulso de transformação contínua. No fluxo e refluxo do mundo, é o espírito que atua, impulsionando a natureza desde suas formas mais elementares até as mais complexas. O que é eterno e imutável impulsiona a criação natural ao seu aparente oposto, a mudança.

Segundo Heráclito, a única coisa eterna é a mudança. Com a aceleração dos tempos fica ainda mais fácil perceber essa realidade: basta um olhar sobre o mundo para perceber as crescentes e rápidas transformações que ocorrem na natureza, tanto no mundo material quanto no mundo interior da consciência humana.

As experiências vividas pelo ser humano atualmente ocorrem de forma rápida e clara, perceptível a todos. Essas experiências, sejam coletivas ou individuais, exercem influência transformadora sobre a psicologia e o comportamento humanos. Ninguém fica isento desse processo.

Isso é motivo de imensa alegria para os que já não resistem ao fluxo incessante da impermanência e se abrem à luz espiritual que tudo impulsiona.

Esse processo de aceleração das mudanças se relaciona ao novo período em que estamos ingressando, a era de Aquarius, a era do derramamento da água viva pelo aguadeiro, que é a luz do amor do Cristo cósmico. Essa luz desperta e auxilia os que reagem positivamente a ela.

Mas como se pode reagir de forma positiva a essas forças? Em primeiro lugar, se observando claramente, em verdadeiro autoconhecimento, e os acontecimentos externos, de forma neutra e lúcida.

Em segundo lugar, trabalhando para libertar o pensamento da submissão ao inconsciente individual e coletivo, ao círculo vicioso de imagens, sentimentos e reações que nos mantêm aprisionados.

Apesar de todo o avanço da ciência, do crescimento das religiões e da criação de diferentes tipos de arte, o pensar comum do ser humano o mantém em estado animalesco, selvagem, recoberto por uma fina camada de cultura. As guerras, as discórdias políticas e a destruição da natureza demonstram essa condição.

Iludidos por posse, poder e prestígio, muitos ainda se buscam fora de si mesmos. Outros acreditam que mudanças políticas, econômicas ou a derrubada da ordem vigente pode construir um mundo de justiça perfeita. Poucos são os que buscam o que lhes falta dentro de si mesmos.

A renovação essencial que os alunos desta Escola buscam não pode ser imposta aos outros, mesmo sob o falso manto do amor comum, ou sob um suposto senso de responsabilidade social, que tenta disfarçar as necessidades inconscientes de poder e controle. Vivemos uma época de contrastes, de grandes possibilidades e desafios.

Aquarius impulsiona cada ser humano, e particularmente os alunos e alunas desta Escola Espiritual, a se voltar para o seu interior, em observação clara, lúcida e sem autojulgamento, em busca das barreiras inconscientes que o separam de si mesmo, da realidade mais fundamental de seu ser e, como consequência, de todos os outros seres. É o autoconhecimento que possibilita ampliar o olhar interior para ultrapassar os próprios limites; só o autoconhecimento, o voltar ao próprio e verdadeiro ser interior, possibilita que essas ilusões se desfaçam e disso advenha a cura da cegueira egocêntrica.

E essa cura interna cura outros, impessoalmente, transformando em colaboradores do poderoso plano da Fraternidade Universal quem atinge esse estado. Ao longo dos séculos, esse plano trouxe várias fraternidades ao mundo e elas ecoam o chamado universal aos que têm ouvidos para ouvir, e estão maduros para compreendê-lo.

Esse chamado pode ser ouvido agora, para uma tarefa muito atual. Somos um dos herdeiros do trabalho das antigas fraternidades, conscientes de que a tarefa atual é diferente da dos cátaros ou da rosacruz clássica, porque a consciência humana está em contínua transformação. A tarefa da própria Escola não é a mesma de 100 anos atrás, quando começou seu trabalho. Aquarius já não é uma profecia, mas a realidade de cada dia.

O chamado da fraternidade é agora o chamado de Aquarius. É a convocação dos pioneiros de uma nova consciência. Na longa história da humanidade sempre surgiram pioneiros, um grupo convocado para constituir a vanguarda de um novo tempo, para ir à frente, abrindo caminho para os que virão depois.

Esses pioneiros muitas vezes se tornavam alunos de escolas espirituais e, através do caminho iniciático, seguiam o método acelerado de desenvolvimento da consciência. Muitas vezes incompreendidos, porque já não se submetiam às regras e restrições de sua época, eles sacrificavam tudo em prol do seu objetivo maior. Tinham a força interior para agir assim, mas também tinham o apoio de seu grupo, dos companheiros que avançavam com eles, em absoluta unidade. Caminhavam na luz que iluminava cada passo de seu caminho, a luz transmutada pelo campo de força, luz e vida da escola espiritual a que pertenciam.

Assim também é conosco agora e será nos dias futuros. Precisamos continuar a realizar nossa tarefa conjunta de transmutação da luz divina, em unidade, liberdade e amor. Precisamos gerar luz suficiente para iluminar não apenas nossa Escola, mas todo o mundo. A luz de nossa Escola pode ser um farol para os navios perdidos, confundidos pela escuridão e pelas tempestades de nossa época. Não apenas anunciamos o novo período aquariano, mas ajudamos a abrir as portas para ele, a avançar por essas portas, apontando o caminho a todos. Ajudamos a construir esse novo período, pois o desenvolvimento aquariano depende de muitos fatores; cada época tem suas possibilidades, nem todas aproveitadas.

Uma reação negativa coletiva às forças aquarianas levaria a humanidade a encarar a face sombria de Aquarius. É por isso que a fraternidade nos convoca para essa nova construção, para que o grupo de pioneiros reaja positivamente à luz aquariana e dê testemunho disso, como fizeram as escolas do passado.

Se ficamos presos aos modelos, valores e métodos do passado, deixamos de cumprir nossa tarefa. Se congelamos a Escola numa forma, matamos seu espírito, restando a fórmula morta.

A Escola foi projetada para ser um corpo vivo em contínua transformação, seguindo sempre o sopro do espírito, que sopra para onde quer. Assim também é com todo aquele nascido do espírito.

Como seres do tempo, a Escola só tem a alternativa de mudar: mudar sua atitude pela compreensão e pela autoiniciação, ou mudar por um aprisionamento cada vez maior ao inconsciente. Não se trata de reconstruir o corpo vivo ou mudar as bases de seu nascimento; trata-se de realizar a tarefa para a qual ele nos chama.

Qual é então nossa tarefa? Através da posse, da certeza interior que nasceu em nós, precisamos construir o novo corpo-alma, a nova veste de fogo, o quinto corpo, o corpo do pensamento superior. Só assim é possível construir a ponte entre nós e o divino em nós, entre a personalidade e o microcosmo, pois este é o elo que falta. Para isso, precisamos libertar completamente nossa consciência e nossa mente de seu aprisionamento ao inconsciente, ao corpo de desejos. Essa tarefa é realizada a partir da consciência lúcida e presente que possibilita o autoconhecimento e o pensamento livre.

Mas é preciso superar a condição egocêntrica. E se corre o risco de, ao orientar a olhar para dentro – sem compreender o que é verdadeiramente autoconhecimento – cair na ruminação interna sem fim, na autoanálise que não leva a nada, a não ser ao fortalecimento do próprio egocentrismo.

É por isso que, na Escola, recebemos a tarefa de realizar a unidade de grupo, de criar um grupo cuja unidade seja construída na base da nova consciência, que, diferente do ego, não vive na separação.

Nossa conexão interior e o processo de autoconhecimento são fundamentais, pois eles constituem a haste vertical da cruz, responsável por assimilar a luz divina. Mas não se pode parar aí.

A luz divina assimilada precisa ser transmutada e irradiada impessoalmente, em autossacrifício perfeito, ou seja, no sagrado ofício de oferecer, em amor, todos os nossos dons a todas as almas que têm necessidade de luz. E assim a haste horizontal da cruz é construída.

Essa cruz pode ser comparada à árvore da vida, que firmemente plantada no solo deste mundo, precisa agora fazer nascer os ramos, folhas, flores e frutos, para consolo, alegria e a cura de todos. Só nesse trabalho de doação, sem qualquer interesse egoísta, é que o novo corpo-alma é construído. Só assim a nova veste é tecida.

Como alertou J. van Rijckenborgh: "Está absolutamente fora de cogitação que a Veste da Alma possa ser tecida em casa, enquanto se permanece numa cadeira de balanço, ou, por exemplo, em certa atitude respeitosa e meditativa. Não, a veste da Alma deve ser tecida mediante ação viva, real, em que vocês arregacem as mangas e se atirem de corpo e alma ao trabalho".

Apenas assim nos tornamos membros efetivos da Fraternidade Universal. Só assim adquirimos as condições de colaborar conscientemente com o plano universal de libertação do mundo e da humanidade. Dessa forma se estabelece uma ligação direta com a Fraternidade Universal, e somos inspirados a trabalhar em sintonia com seu plano.

É através do novo corpo-alma que avançamos positivamente para o novo período. O longo caminho que nos levou à construção de nossa identidade egocêntrica, e do pensamento concreto que a define, deve ficar para trás.

Seguindo o exemplo e a indicação dos pioneiros, toda a humanidade será convocada a avançar rumo à nova consciência, à tecitura da nova veste-alma. Isso nos permite avançar dos caminhos tortuosos do egocentrismo para os caminhos da liberdade e da alegria plena da alma.

O que no passado se aguardava com expectativa, como uma promessa, já está presente aqui e agora, em nossos corações, nossas cabeças e em nossas vidas. Temos apenas que tirar os véus que nos impedem de perceber.

"É dito que a obra de cada um se manifestará; mas ela já se manifestou, já está presente em cada um de nós. Tomemos consciência dessa realidade cada vez mais segura. O dia que aconteceria, já aconteceu. Não há mais dúvida de nosso trabalho interior. O Fogo que se revelaria, já incendeia nossas vidas e se projeta ao mundo e à humanidade. A obra que se esperava, está sendo construída por cada um de nós. Aquele que receberia um galardão deve reconhecer esse presente em si mesmo agora. Pois não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?"

Abramos nossos olhos e corações para compreender que vivemos em um tempo de possibilidades imensas.

Que sejamos impulsionados pela vivacidade e pela alegria da nova alma, pois é essa alegria que atrai a luz espiritual. Que transmutemos essa luz em nossos corações e cabeças e a irradiemos em ação livre e libertadora.

O tempo da busca passou, o tempo da realização chegou para cada um de nós. Avancemos, pois não há mais tempo a perder!

O PRISMA DA CONSCIÊNCIA E A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO

O fogo do espírito é invisível, imperceptível e intangível. Ele se encontra fora do campo de percepção da consciência comum. Ele é a força criadora mais poderosa de todo o universo, pois é a expressão de sua própria força de ideação. Nele se encontra oculta toda a vida e a manifestação. Porém, para poder se revelar, ele precisa se tornar visível, perceptível e real. Assim, ele se projeta sobre nós, sobre cada ser e cada partícula, como um raio invisível que atravessa o prisma cristalino e se divide nas sete cores do espectro.

Ao projetar-se sobre a consciência, o espírito se torna manifesto, revelando o arco-íris infinito da manifestação universal. Dessa forma, através da consciência, a unidade invisível e indivisível do espírito se torna a infinita multiplicidade da vida manifestada. O uno se torna manifesto no múltiplo, na multiplicidade percebida pela consciência comum.

Esse é um grande mistério para a alma, pois ela não é capaz de perceber a luz do fogo invisível do espírito em si mesma, apesar de ser preenchida por ela. A alma precisa aprender a reconhecer o fogo do espírito refletido na multiplicidade de todos os seres que a rodeiam, como se cada um deles fosse uma pequenina parte do grande espelho universal que, em seu conjunto, reflete a infinitude do espírito. O espírito está em tudo e em todos, ele está em todas as partes, e não se deixa limitar.

Os buscadores da luz do fogo do espírito precisam observar atentamente tudo o que se encontra ao seu redor, pois em cada aspecto de suas vidas, por mais insignificante e pequenino que possa parecer, o próprio espírito se encontra gravado e refletido. E, para conhecê-lo, trilhando o caminho que nos

leva a ele e com ele nos unifica, é preciso levar em conta tudo o que se encontra em nós e ao nosso redor, todas as situações, problemas, tensões e conflitos. Ao deixar de lado uma pequena parcela que seja, estamos excluindo algo da própria manifestação do espírito, e assim ficamos impedidos de vislumbrar sua face.

Se tratarmos as situações de nossas vidas com a frieza inerente à esterilidade do mundo material, onde tudo é duro, sem vida e sem sentido, deixamos escapar o brilho da luz do fogo do espírito, que tudo permeia, e assim apenas nos resta o peso de uma realidade feita de chumbo e desprovida de alma.

É interessante lembrarmos dos experimentos das cores, em que se utilizam tintas com as três cores básicas: vermelho, amarelo e azul. No primeiro experimento se misturam as cores básicas com um pincel: vemos surgir as cores complementares, isto é, o laranja, o verde, o índigo e o violeta. Se continuamos a misturar as tintas, obtém-se uma cor escura e sem matiz, que já não reflete luz, semelhante ao que ocorre num monte de cinzas. Num segundo experimento, traçam-se num disco de papel sete faixas de mesmo tamanho e forma, pintando cada uma com as cores na sequência do arco-íris, vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta. Girando o disco, as cores se fundem com o movimento e vemos surgir apenas a cor branca.

Disso se depreende que as mesmas cores geram resultados diferentes, dependendo da maneira como são trabalhadas. Se apenas adicionamos seus elementos, somando umas às outras, o resultado é desprovido de luz. Mas se as colocamos em ordem, cada uma em seu lugar, e as giramos num movimento ritmado e constante, elas se tornam um único espelho de luz.

Esses simples experimentos nos trazem, por analogia, elementos úteis e profundos para muitos aspectos de nossas vidas e de nosso caminho interior.

Como foi dito anteriormente, a luz do fogo do espírito é invisível para a consciência. Mas quando a consciência é tocada pelo espírito, a luz invisível de seu fogo a transpassa, gerando um campo de percepção a seu redor. Quando o espírito penetra e permeia a consciência, ele projeta através dela as sete cores do

espectro luminoso, da mesma forma que faz a luz comum ao passar por um prisma de cristal.

Estão aqui três elementos fundamentais do ensinamento universal: I) a luz do fogo invisível do espírito; II) o prisma cristalino de uma consciência-alma renovada, e III) os sete raios do espírito, que criam o campo de manifestação ao redor da consciência-alma. Em outras palavras, temos o impulso do espírito, uma alma aberta à sua irradiação e infinitos elementos de nossa vida concreta.

Mas é importante entender que o espaço interior de compreensão, em que a alma vê a síntese e o verdadeiro significado da vida, ainda não está presente, porque esse espaço interior – simbolicamente esse espelho da alma, onde o olhar da consciência-alma une e extrai o sentido de sua existência com base na vida espiritual superior – precisa ser construído pela própria alma.

E, para isso, assim como no experimento com as cores, a consciência-alma deve aprender a trabalhar com todos os elementos de seu campo de manifestação, não deixando de lado nenhum deles, e encontrando a maneira correta de ordená-los, de acordo com seu propósito e sentido, dando-lhes o espaço necessário e os colocando em movimento a partir do sentido superior da vida.

Se a alma quiser forçar uma unidade na forma, buscando homogeneizar os diferentes aspectos e situações de sua vida, para que tudo esteja conforme uma determinada visão ou projeção a respeito de si mesma ou dos outros, ocorre o mesmo que no experimento das cores: os diferentes matizes de sua vida se misturam de maneira forçada e perdem sua cor, um a um, tornando-se uma massa amorfa, sem brilho e sem cor, semelhante a um punhado de chumbo, pesado e sem luz.

Isso é o que acontece quando a consciência-eu se apropria dos elementos da vida da alma, e tenta padronizá-los e ordená-los a partir de suas projeções sobre o que seja espiritual e elevado. Nesse caso o resultado é sempre o mesmo, pois se manifesta apenas o peso de chumbo do eu, que converte a vida em um longo horizonte cinzento, sem vida e sem sentido, em que a alma se torna

prisioneira e o espírito se retira. Todas as vezes que nossa alma se encontra sob esse peso, é preciso reconhecer que tomamos o caminho inverso, e que estamos trilhando a senda do eu e não a senda da alma.

A vida da alma é o oposto da conformidade forçada da consciência-eu, e seu resultado e objetivos são completamente diferentes. A vida da alma não cabe em formas rígidas, em padrões pré-definidos, na conformidade insossa do formalismo do eu. A vida da alma inclui todas as nuances, todas as cores, todos os matizes; ela aceita a realidade material, as situações e as pessoas da maneira como elas são, e não tenta mudá-las. A intuição superior lhe ensina que cada coisa tem seu papel, cada situação tem seu propósito e cada pessoa é da maneira que é para poder manifestar sua própria força de alma. Assim, a alma reconhece em cada um desses infinitos aspectos de sua existência o brilho de um raio do espírito, que reluz de maneira única e particular. Como ela não pode dividir o espírito, ela aceita a multiplicidade na qual ele se manifesta, e assim acolhe a tudo e a todos, permitindo que cada um desses infinitos elementos se coloque no seu lugar correto, pois o local em que eles se encontram já está ordenado pela inteligência universal.

E, dessa forma, em seu campo de respiração, cada uma dessas forças flui e reflui, em um constante movimento, assim como no disco de papel, ao redor do centro que é a centelha do espírito em seu coração. Nesse giro, cujo eixo é o próprio espírito, a roda da vida da alma entra no co-movimento da vida universal, e algo maravilhoso acontece: da multiplicidade aparentemente sem sentido de sua existência surge, em seu mundo interior, uma síntese, uma imagem única e una, que lhe revela o sentido de tudo, na perfeita unidade do espírito, que a tudo manifesta. Em seu mundo interior, ressurge o espelho da alma, o espaço luminoso que reflete o fogo invisível do espírito tornando-o luz perceptível e assimilável.

Essa luz ilumina a alma e todo o mundo a seu redor, e assim, pela alma, a ponte entre o espírito uno e a matéria múltipla se manifesta, e a nova vida nasce, sobre os três pilares da lei interior, em unidade, liberdade e amor.

Unidade no espírito, liberdade pela alma, amor pelo mundo e pela humanidade.

Se compreendemos como uma alma humana deve trilhar sua senda interior, também descobrimos a maneira como a escola espiritual deve se manifestar em seu trabalho mundial. Assim como na vida de um ser humano existem incontáveis situações com nuances e matizes únicos, da mesma forma, na manifestação do trabalho da escola espiritual no mundo, existem infinitas situações, características e necessidades únicas, em cada região, em cada país, em cada campo de trabalho.

Por essa razão, com a mesma sabedoria que cada um de nós deve levar sua vida, permitindo que cada um de seus aspectos possa encontrar seu lugar correto e assim dar sua contribuição para a construção do espelho do mundo interior da alma, da mesma forma a escola espiritual precisa fazê-lo, permitindo que as situações de cada campo de trabalho sejam tratadas a partir das leis do mundo da alma e não pela imposição de uma forma rígida e cristalizada, fruto das projeções de nossa consciência-eu.

Somente assim a escola espiritual encontra o equilíbrio correto entre suas diferentes regiões, países e campos de trabalho, que se acham em diferentes momentos e aspectos da longa senda da transmutação alquímica, para permitir que cada um deles se manifeste de acordo com suas possibilidades e necessidades, assim como o espírito que brilha sobre toda a vida universal permite que cada ser, cada alma, se manifeste em plena liberdade.

Esse é o espírito que rege o trabalho da escola espiritual contemporânea, e lhe permite trabalhar da maneira flexível e adaptada à realidade de cada grupo, sempre extraindo das condições existentes os melhores resultados possíveis. Esse princípio, que guia a direção espiritual de hoje, é o mesmo que guiou os fundadores da escola e todos os grandes da Fraternidade Universal, e nossa fidelidade a ele é o que assegura a continuidade do trabalho, assim como está descrito nestas palavras de J. van Rijckenborgh sobre o acordo sêxtuplo dos irmãos rosacruzes:

"O segundo artigo diz: Ninguém deve ser obrigado, por causa da Fraternidade, a usar uma roupa especial, mas cada um deve seguir o costume do país. Este artigo trata do método, da tática, da finalidade da grande obra. Aqui entende-se por `traje` esse método, essa tática, essa finalidade. Cada colaborador, cada grupo de cooperadores, dispõe de completa liberdade de ação. Os colaboradores da Rosacruz não são obrigados a seguir um plano de trabalho determinado como se fosse um clichê, mas cada posto avançado deve agir conforme as circunstâncias. Não há nenhum método autoritário que deva ser seguido internacionalmente; cada país deve adaptar-se aos costumes locais. Todo desvio com respeito a isso deve sempre ser corrigido para que cada grupo possa trabalhar para a realização do grande ideal, com a maior flexibilidade possível. Nenhum dos Irmãos da Rosacruz deve ser obrigado, por causa da Fraternidade, a usar uma roupa especial. Eles não se ligam absolutamente a corporações ou a movimentos particulares, mantendo-se acima de todos os partidos para melhor cumprir sua tarefa. É necessário que compreendais bem isso. Como tudo se situa no sistema e na ordem universais, é evidente que o trabalho de organização que a construção metódica e efetiva sejam criados onde quer que sejam úteis e necessários, mas a estrutura dessa construção deve, antes de tudo, tornar impossível toda tendência à cristalização. Assim, por esse artigo de lei, fica evidente que a Ordem da Rosacruz é inatacável em seu trabalho multiforme. Um grupo que se manifesta materialmente como uma unidade pode ser atacado, mas uma diversidade intangível em seus aspectos e seus métodos é tão invulnerável quanto a própria luz. A luz se propaga sobre o mundo e a humanidade sob a forma de uma irradiação de milhões de aspectos, penetra os recônditos mais sombrios; e por toda parte em que essa luz aparece, as trevas devem desaparecer."[2]

Que assim seja!

2. Rijckenborgh. *O Chamado da Fraternidade Rosacruz,* cap.14

AS TRANSFORMAÇÕES EM CURSO NA NOVA ESCOLA ESPIRITUAL

Há indicações que, de todas as manifestações da Fraternidade Universal, a nossa escola espiritual foi a que atravessou a maior quantidade de transformações mundiais. Muitas delas manifestaram-se em períodos difíceis e conturbados, como durante a perseguição dos cristãos primitivos, dos maniqueus e dos cátaros, ou o impacto da guerra dos 30 anos para os rosacruzes da Renascença.

O mundo mudou, e hoje ela realiza seu trabalho abertamente e com liberdade em praticamente todo o mundo. Os desafios que ela enfrenta atualmente são de natureza bem diferente: é o de atravessar a maior transformação já vista no estado de consciência da humanidade. A escola espiritual contemporânea conheceu 5 grandes crises ou transformações. O primeiro foi seu surgimento no pós-primeira guerra mundial, culminando com a pandemia da gripe espanhola e a depressão econômica mundial que se seguiu. Aquele estado de terra arrasada marcou a psique de toda uma geração e definiu as duas primeiras décadas do trabalho da escola espiritual.

A segunda crise ocorreu durante a segunda guerra mundial, com a clandestinidade de suas atividades e a morte prematura de Z.W. Leene, o mais velho e experiente dos fundadores da escola. Esse período foi marco de grande reformulação de rumo da Escola Espiritual, levando-a a se manifestar como uma verdadeira escola de mistérios contemporânea.

Nas décadas seguintes surgiram os maiores campos de trabalho da Escola, junto à consolidação de seus ensinamentos, discipulados e estrutura iniciática da escola de mistérios. A partir de meados da década de 1960 uma terceira

crise se aproximava, quando o mundo ingressou na grande revolução cultural e social, colocando fim às estruturas tradicionais da sociedade ocidental, atingindo diretamente a tudo e a todos, e também o trabalho da Escola Espiritual. A morte de Jan van Rijckenborgh, em 1968, obrigou Catharose de Petri, e o pequeno grupo da direção espiritual da época, a focalizar seus esforços na continuidade do trabalho, mais que se adaptar aos novos tempos que se apresentavam. Nas décadas que se seguiram, a Escola consolidou uma linguagem e método de trabalho próprios, que lhe permitiram expandir as atividades para vários países, firmando raízes nos campos de trabalho mais antigos.

A quarta crise veio com o advento e avanço da era da informação, a partir da década de noventa, com a popularização da internet e da computação pessoal. Esses eventos mudaram a face do mundo, abrindo possibilidades inovadoras e desconhecidas. O ano de 1990 foi marcado pela morte de Catharose de Petri. Desse momento em diante a Escola não teve mais uma liderança individual, e grupos se sucederam na direção espiritual internacional.

Nas décadas que se seguiram, se delinearam duas situações distintas. De um lado, os campos de trabalho que preferiram permanecer à margem das transformações mundiais passaram por uma consolidação, voltados para sua realidade existente; de outro, os campos de trabalho que se utilizaram das novas ferramentas, conheceram uma nova onda de expansão e crescimento.

A quinta crise, criada pela pandemia dos últimos anos e que catalisou novas mudanças mundiais, acelerou ainda mais as transformações da era da informação. Essa crise acentuou as diferenças de métodos e nuances entre os diferentes campos de trabalho, trazendo à tona os seus desafios locais e específicos.

Isso constitui um grande desafio para a direção espiritual atual, pois dois grandes fatores requerem sua atenção e empenho. De um lado, as particularidades de cada trabalho se acentuaram ainda mais no pós-pandemia; de outro, um novo estado de consciência que demanda constante renovação,

dentro dos princípios espirituais imutáveis que norteiam a Escola e aos quais ela se mantém fiel.

Em capítulo anterior esse desafio foi ilustrado pelo risco de se gerar uma realidade cinza como o chumbo ao se buscar unidade e padronização na forma, e a necessidade de se aceitar e celebrar sua diversidade, dela extraindo a unidade no espírito, mediante o trabalho em liberdade e autonomia da alma. Esse é o atual desafio: temos a responsabilidade coletiva pela continuidade do trabalho da Escola Espiritual, no qual cada aluno deve exercer um papel, independentemente de possuir ou não um mandato formal.

Três grupos geracionais formam a escola espiritual de hoje, e a cada um incumbe uma tarefa. Eles não se distinguem pela faixa etária, mas por diferentes estados de consciência e de vida. Podem ser denominados de os *boomers*, os *X* e os *millenials*; ou de os analógicos, os híbridos e os digitais; ou de os tradicionais, os transformadores e os inovadores. Para que cada aluno reconheça sua tarefa e colabore de maneira aberta, consciente e positiva, é importante reconhecer a existência dessas três gerações em nossa Escola, aceitar esse fato, e perceber a qual desses grupos se pertence.

O que a Escola espera de cada grupo e como podem colaborar?

Usando a última denominação, vejamos o que a Escola espera dos "tradicionais". Nesse grupo se encontram aqueles alunos que se ligaram à Escola através do ensinamento de seus fundadores e nela encontraram seu lar espiritual, por uma identificação direta e profunda com seu campo de força e seu método de trabalho. A elevação e a força dos templos, a pureza e a profundidade dos símbolos e serviços representam para eles o mais sagrado tesouro, que contrasta com toda a degradação que vivenciaram no campo da natureza comum. Para esse grupo de alunos, é causa de sofrimento toda vez que a Escola Espiritual precisa reformular sua forma de trabalho, adaptando-a às necessidades dos tempos que mudam permanentemente. Mesmo sabendo que os princípios espirituais e a essência do trabalho estão preservados, eles

sofrem com a mudança da forma, o medo e a insegurança os assaltam, e a dúvida se instala em seus corações.

Eles precisam ter a convicção de cada um deles é uma célula do corpo vivo da Escola Espiritual, e que ela precisa de cada um deles para realizar o seu trabalho libertador. A liderança da Escola sempre esteve e sempre estará à inteira disposição dos alunos desse grupo para conversar abertamente sobre todo e qualquer assunto; sempre que queiram compreender melhor o porquê das coisas em nossa Escola, serão atendidos com alegria para que disponham de todas as informações e assim formem seu próprio juízo.

Ao ser instalado e a aceitar seu mandato, cada membro da direção espiritual da Escola faz uma promessa tríplice: a de nunca se desviar dos princípios espirituais da Escola Espiritual que lhes foram legados pela Fraternidade Universal; a de nunca a transformar em um projeto pessoal, mantendo assim a unidade de seu círculo fraternal; a de tudo fazer pela continuidade de sua obra libertadora, em prol do mundo e da humanidade.

Portanto, todos os membros da direção espiritual estão imbuídos do mesmo amor, do mesmo zelo e da mesma dedicação que se encontra nos alunos sinceros e honestos do grupo tradicional. Porém, eles não conseguem desempenhar suas funções sozinhos e precisam receber a ajuda de todos. Não uma ajuda cega ou muda, aceita sem questionar ou ser entendida, mas a ajuda com um voto de confiança, na certeza de que seus irmãos e irmãs agem com o mesmo objetivo que os move como alunos. E, caso lhes falte a compreensão ou a aceitação, recorram a seu coração, à sua fé, à sua ligação direta com a centelha do espírito que arde em seu ser e, com base nela, sustentem a Escola Espiritual, sustentem seus obreiros, protegendo-os com o que há de mais sagrado em seus corações. Assim, vocês se manterão plenos de luz, certeza, coragem e força, e avançarão em sua senda interior, abrindo o caminho para todos aqueles que ainda hão de vir. Leiam estas palavras com o coração, pois com o coração elas lhes são escritas.

Agora o grupo dos “inovadores”: esses alunos encontraram a Escola e a reconheceram pelo seu ensinamento libertador e a assinatura impessoal de seu campo de forças. Eles se ligaram a ela apesar de sua forma de trabalho, pois os símbolos, a formalidade e a maneira como os serviços templários são conduzidos lhes pareceu mais uma barreira cognitiva à conexão, do que um verdadeiro auxílio.

De fato, apesar de todo o esforço de torná-la clara – removendo os véus para que se vislumbre a real essência do trabalho, às vezes a linguagem da Escola parece arcaica, abstrata ou enigmática. A Escola de hoje não se manifesta como há dez anos, nem como se manifestará daqui a dez anos, porque ela está em permanente transformação. Mas a lei sagrada é sempre cumprida: a verdadeira escola espiritual é um corpo vivo, e o embrião da nova alma de cada aluno forma cada uma de suas células. A tarefa é atravessar a maior revolução cultural e social da história sem perder nenhuma alma, sem deixar que nenhuma delas se desvie, mantendo a coesão de nosso grupo, no ritmo de transformação constante que lhe for possível. Ao grupo de inovadores incumbe ter paciência e amor nessa travessia. Paciência para aceitar que o ritmo possível de transformações deve respeitar a chave vibratória de todo o grupo de nosso campo de trabalho, assegurando a unidade do corpo vivo da Escola Espiritual, da qual tudo o mais depende. E amor para, quando lhes faltar a compreensão e a paciência se esgotar, aceitar seus irmãos e irmãs como são, pois eles são movidos pelo mesmo anseio sincero e honesto. Nessa base conseguiremos sempre nos reconhecer como companheiros na senda interior, na unidade do espírito e da alma, mesmo que na diversidade da forma.

O grupo intermediário, os “transformadores”, são os alunos que fazem parte da última geração capaz de falar os dois grandes idiomas, o analógico e o digital. Assim como a pedra de roseta do passado, eles formam a ponte cognitiva entre as duas humanidades que vivem hoje: a que nasceu e viveu em um mundo analógico, e a que nasceu e vive hoje no novo mundo digital. Por falarem os dois idiomas, esse grupo consegue realizar o que as outras duas

gerações têm mais dificuldade: os transformadores conseguem conectá-las, compreendê-las diretamente, sem grandes esforços ou necessidade de tradução, pois esses alunos são a tradução viva entre elas.

O futuro da Escola Espiritual também depende desse grupo e de sua capacidade de mantê-la coesa e unida, mesmo que em plena transformação. Deles se requer carinho e dedicação. Carinho, porque a afetuosidade é a assinatura de um homem alma, e com a afabilidade que brota do coração, o homem alma consegue atravessar todas as dificuldades e vencer todos os conflitos. Isso é essencial em nossa Escola, porque é preciso avançar mantendo a mais pura e elevada atmosfera possível. Dedicação, porque a energia dinâmica e positiva de seu trabalho, de sua alegria e de seu entusiasmo são a energia que brota do coração, da própria alma; é essa energia da nova alma que deve entusiasmar toda a Escola Espiritual, preenchendo-a com sua poderosa luz.

Com a coragem de todos os alunos e alunas para essa realização, como uma verdadeira missão de suas vidas, a rica e nobre herança do passado da Escola permanece intacta nas formas de expressão do presente, abrindo os novos horizontes para o trabalho que seguirá seu caminho, como um instrumento nas mãos da Fraternidade da vida, pelo tempo que ela determinar.

Assim, queridos irmãos e irmãs de todas as gerações que hoje formam o corpo vivo da Escola Espiritual, que possamos seguir juntos, como um só grupo, como um só coração, rumo ao radioso horizonte da nova vida libertadora da alma!

AS FORÇAS ATUANTES NA TRANSFORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Desde 2017 se fala sobre a rápida aproximação de um período de grandes mudanças para a humanidade. Em conferências e apresentações se alerta a respeito de uma verdadeira reconfiguração da consciência humana, que demanda da escola espiritual contemporânea grande esforço de adaptação, para manter sua conexão com a humanidade buscadora.

Apoiado no ensinamento sobre os 7 raios do espírito, este capítulo aprofunda os pontos fundamentais desse tema, e extrai algumas conclusões que devem orientar o trabalho da Escola nos próximos anos. Os 7 raios do espírito são aqui utilizados como uma maneira de compreender a constante transformação da consciência, conectando o passado, o presente e o futuro em uma visão integrada sobre sua trajetória.

Em capítulos anteriores foi visto como o fogo invisível do espírito atravessa o prisma da consciência, tornando-se visível na realidade manifestada através das 7 cores do espectro, refletidos na multiplicidade infinita da vida. Essa imagem também é útil para compreender como os 7 raios do espírito se manifestam na consciência e através dela.

O fogo invisível do espírito pode ser associado à esfera multidimensional do microcosmo, o campo individual de existência que surge como sistema de vida ao redor da centelha do espírito. Esse fogo invisível do espírito penetra o sistema de vida humano através do círculo ígneo da pineal, a qual atua como um cristal, como um prisma cristalino. Proveniente do campo de manifestação universal do microcosmo, ao atravessar o círculo ígneo da pineal o fogo invisível do espírito se desdobra em 7 forças, como um arco-íris. Essas 7 forças

são os 7 raios do espírito, que representam as 7 capacidades criadoras básicas da consciência humana. Eles formam as 7 flamas que acendem o candelabro da cabeça do ser humano renascido, como 7 novos fogos, 7 novas forças criadoras que ardem no núcleo da consciência.

Assim como o arco-íris se forma ao passar por um prisma, os 7 raios do espírito são produto da consciência: eles se desdobram e se refletem de acordo com o estado de consciência no qual e através do qual se manifestam. Ou seja, eles produzirão o estado de vida em consonância com o estado de consciência que os desdobrou, de acordo com a vibração do "cristal" da pineal que atravessou.

A humanidade que ainda vive da consciência egocêntrica também possui um conjunto de 7 forças que preenche seu santuário da cabeça; mas essas 7 forças não atuam em sua plenitude. Elas são como uma sombra, um pálido reflexo da realidade espiritual, que um dia preencherá o santuário da cabeça do ser humano renascido. As 7 forças que preenchem o santuário da cabeça de um ser humano dotado da consciência egocêntrica é a imagem de seu inconsciente, refletido em seu campo de respiração.

Essa é a base do ensinamento da Escola, quando alude à concentração de forças na esfera do supraconsciente, denominando-a de "ser aural"; essas forças são uma imitação da consciência superior, sendo apenas reflexos do inconsciente individual e coletivo. Mas mesmo esse conjunto de forças não escapa do grande relógio cósmico do logos que, sem cessar, mantém a humanidade em movimento, levando-a a reagir às transformações que ela mesma atrai, sejam essas reações libertadoras ou demolidoras.

Em suma, ninguém escapa da ação do logos que impulsiona toda a humanidade rumo à nova vida, mesmo que isso implique a total demolição da consciência ou a sua plena libertação. Reagindo de maneira positiva, através da entrada direta do fogo do espírito na consciência, ou de maneira negativa, pela manifestação dos meros reflexos do inconsciente coletivo, a humanidade é

empurrada adiante, e precisa reagir, de acordo com seu estado de consciência, atraindo sobre si o seu destino, e determinando a colheita daquilo que plantou.

É nesse contexto que devemos entender o momento em que nos encontramos agora, pois ele representa o término de um longo período e o começo de um novo, como o fechar e o abrir de muitas portas no sistema de vida humano.

O núcleo da consciência humana é formado por três forças. Na configuração atual dos 7 raios, essas forças são: escolha, inteligência e dedicação. E o campo de vida da consciência é formado por quatro forças. Na configuração atual dos 7 raios, essas forças são: amor, harmonia, sabedoria e ação.

Essa configuração terá uma duração relativamente curta, algo como uma década e meia ou duas, que antecede um novo período completamente novo, que poderá durar alguns séculos. Ela funciona como a colheita de um longo período anterior, como se fosse o final dos tempos de uma fase anterior: é a isso que a literatura da escola espiritual se referia quando falava de um apocalipse. No ensinamento universal, apocalipse não significa um final cataclísmico dos tempos, mas do término de um período e o início de outro, com condições completamente diferentes.

É disso que se trata agora, e é preciso compreender muito bem as consequências deste atual período, para poder depreender a orientação correta para o trabalho da Escola Espiritual. Sim, pois ela deve ser um instrumento que funcione em consonância com a intenção fundamental do logos, cooperando com essa intenção em todos os momentos.

O trabalho de preparação e construção da estrutura dos discipulados e do corpo vivo da Escola visou o momento que estamos vivendo. O esforço dos fundadores e dos pioneiros que nos precederam tinha como alvo o momento de grande transformação que atravessamos, pois o que for colhido e o que for semeado nestes anos determinará a continuidade ou não do trabalho da Escola Espiritual e da dinâmica de todo o trabalho da Fraternidade da vida nos próximos séculos.

Vejamos as forças que estão em jogo, e quais delas são os grandes motores da transformação da consciência, para as quais é preciso estar desperto e em total sintonia. Comecemos com as três forças do núcleo da consciência.

A primeira mudança é a rejeição à obediência à autoridade exterior e a necessidade de escolha a partir da autoridade da voz interior da consciência.

A segunda mudança é a transformação da inteligência: e esta será a grande regente de todo este período. A ascensão da inteligência artificial marca o término do período do pensamento concreto; este em pouco tempo será substituído pelos algoritmos, que realizarão seu trabalho de maneira muito mais rápida e eficaz. O desafio que se impõe à humanidade é a necessidade de uma inteligência superior, não mais como produto de acúmulo de dados, seu processamento e combinação, mas sim de uma compreensão que brote diretamente da fonte real da vida, do próprio espírito, como uma nova inteligência intuitiva superior.

A terceira mudança é o desaparecimento ou degradação da religiosidade exterior, baseada no dogma e no formalismo, e a necessidade de uma espiritualidade interior, pura, autônoma, em ligação direta com o núcleo espiritual no próprio ser humano.

Vejamos agora as quatro forças que regem o campo de vida da consciência.

A primeira mudança é a necessidade do amor incondicional, que aceita todos como são. Esse é o motor por trás dos movimentos pelos direitos das minorias e por uma sociedade realmente inclusiva e justa.

A segunda mudança é a impossibilidade de harmonizar a vida sem que o conflito interior da alma tenha sido vencido. Isso explica a enorme quantidade de métodos e práticas que se buscam hoje para tentar equilibrar a vida diária. Mas ficará cada vez mais evidente a impossibilidade desse equilíbrio sem uma transformação interior.

A terceira mudança está relacionada à coerência entre atos e palavras. No passado se toleravam pessoas que projetavam uma imagem de sabedoria, elevação e ética, sem que suas vidas fossem de fato um reflexo disso. Hoje, em

um único instante, as farsas são desmascaradas, e as pessoas veem suas falsas projeções serem desfeitas como fumaça.

E a quarta e última mudança é a necessidade imperiosa de se "fazer" algo a respeito dos problemas e questões pendentes na vida individual e coletiva. A procrastinação, as pseudo soluções, o formalismo e toda a encenação tão costumeira da consciência-eu para evitar o inevitável se tornam inaceitáveis: os fatos se precipitarão impondo a necessidade de soluções reais.

À vista desse cenário, não há dúvida quanto a magnitude das mudanças que atravessamos, e porque os fundadores de nossa Escola chamaram estes tempos de um verdadeiro apocalipse, pois nenhum aspecto da vida deixará de ser impactado por essa grande transformação mundial.

E isso não deixa dúvidas a respeito da direção que a Escola Espiritual precisa seguir. A alternativa de nos fecharmos e isolarmos do mundo, dando-lhe as costas, protegendo-nos da mudança qual uma tartaruga que se esconde dentro do casco está completamente fora de questão: isso seria trair a obra de nossos fundadores e pioneiros.

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea foi construída ao longo de 100 anos para ser e continuar sendo uma "Jovem Fraternidade Gnóstica", um grupo de vanguarda, atuando no presente de maneira completamente comprometida com a libertação de toda a humanidade.

Na última década vários passos foram dados para abrir o trabalho público da Escola, para estar presente na grande rede mundial de informações de maneira visível e ativa, de falar uma linguagem contemporânea, de vivificar e intensificar o caminho iniciático na escola de mistérios, e de construir um grupo nuclear nos graus interiores capaz de estabelecer uma ligação direta entre a consciência e o espírito, como fonte de força e inspiração. Na visão de alguns alunos talvez esses passos tenham sido ainda tímidos e insuficientes; para outros, foram excessivos e arriscados; e para muitos outros evitaram a cristalização de uma instituição centenária.

Esse foi apenas o começo, pois os anos desta e da próxima década serão decisivos para a realização do trabalho da Escola, quando ela precisará manifestar um trabalho sempre novo, em permanente transformação. A mudança será cada vez mais acelerada e profunda, tornando a Escola cada vez mais aberta, mais universal, mais real!

Somos capazes de realizar essa missão se todos os alunos estiverem engajados nesse processo, plenamente conscientes da manutenção imutável dos fundamentos espirituais como os fortes pilares de nosso edifício, enquanto seguimos adiante, no permanente fluxo de transformação da forma exterior. Cada um de nós é fator essencial, cada um de nós tem o seu papel e sua contribuição para dar, por isso, elevemo-nos a esse novo horizonte, aqui e agora. O futuro não espera por nós. O futuro não é algo que acontecerá. O futuro encontra-se presente, aqui e agora, para que nós o criemos!

Que sigamos então juntos, confiantes, plenos de entusiasmo e de força, rumo ao horizonte deste novo tempo!

Que assim seja, pois assim já é!

TRANSFORMAÇÕES DO PENSAR, SENTIR E AGIR

Liberdade é um dos anseios mais profundos do ser humano. Ela está na raiz das sociedades contemporâneas e do próprio desenvolvimento social. Ao longo do século XX houve avanços significativos na conquista da liberdade em diferentes sociedades ao redor do mundo: a luta pela igualdade de direitos e pela abolição da segregação racial são exemplos dessas conquistas. Nos Estados Unidos essa luta culminou em legislações históricas, como a Lei dos Direitos Civis de 1964 e a Lei de Direito ao Voto de 1965, que eliminaram formalmente a discriminação racial e expandiram o acesso aos direitos civis para todos os americanos. Na Europa Oriental, na década de 1980, os regimes autoritários foram derrubados em meio a ondas de protestos populares. A revolução na Alemanha Oriental em 1989, a revolução na antiga Tchecoslováquia em 1989 e a queda do muro de Berlim simbolizaram a conquista da liberdade política, econômica e individual nessas sociedades.

No continente africano, a partir do final da década de 1950, diversos países se libertaram do domínio colonial europeu, alcançando a independência política. Eles lutaram pela autodeterminação, eliminação do *apartheid* e outras formas de discriminação, conquistaram a independência e estabeleceram governos democráticos como Gana, Nigéria, Quênia, Zimbábue e África do Sul, entre outros.

Esses são apenas alguns exemplos de como a conquista da liberdade evoluiu em diferentes contextos ao longo do século XX. Embora haja muito a fazer, a luta pela liberdade continua a ser uma força poderosa em muitas sociedades.

E o que podemos dizer sobre a liberdade individual? O que é um ser livre?

A liberdade é muito difícil de ser percebida do ponto de vista pessoal. Cada um avalia sua situação pessoal e percebe que não há realmente liberdade.

Em quase todos os momentos da vida somos prisioneiros de circunstâncias e situações que fogem ao nosso controle. Um olhar mais profundo ao nosso mundo interior revela que sequer sabemos exatamente o que é liberdade. Falamos e idealizamos a liberdade, mas agimos dentro de um sistema de vida fechado, sem a experiência real de liberdade.

E por que é assim? Somos seres com grande poder de criação, criamos realidades de percepção, projetamos essas realidades em nós mesmo e nos outros e, a partir disso, formamos hábitos. Os hábitos têm grande força em nossa vida, moldando-a em uma consciência repetitiva. O condicionamento do pensar, sentir e agir é um fenômeno humano com várias consequências: como a educação, pela qual as crianças são ensinadas a pensar, sentir e agir de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade em que vivem, sem questionar; como a cultura, cujos valores e crenças influenciam o modo como as pessoas pensam, sentem e agem, muitas vezes de maneira inconsciente; e como as crenças pessoais, incluindo as religiosas e filosóficas, que limitam a forma como as pessoas pensam, sentem e agem.

Dotados de capacidade de criar realidades, temos dificuldade de quebrar padrões; quando muito, substituímos velhos padrões por novos, isto é, somos hábeis em criar histórias e nos auto enganar.

Reconhecer esses mecanismos internos de autoengano é necessário e tal reconhecimento pode se tornar uma ferramenta poderosa. O autoconhecimento é a ferramenta que quebra a cadeia de ilusões autoconstruídas. Mas essa ferramenta interna não serve para moldar outros: só pode ser utilizada em nós mesmos.

Quando a Escola nos alerta para as ilusões e para a necessidade de despertar dessas ilusões, ela não nos faz perceber uma ilusão fora de nós, mas única e exclusivamente a que nós mesmos construímos.

Mas então como podemos atingir a liberdade? Será a liberdade uma forma de fazer qualquer coisa em qualquer momento? Não, certamente que não!

Lao Tsé nos auxilia a entender o que é liberdade: "Os trinta raios de uma roda convergem para o cubo, mas é unicamente devido ao espaço vazio que eles são úteis. O vaso é modelado com argila, mas é unicamente seu espaço vazio que o torna útil. Colocam-se portas e janelas na casa em construção, porém é unicamente por seu espaço vazio que elas são úteis. Portanto: o ser, o material, tem sua importância, porém é do não ser, do imaterial, que depende sua verdadeira utilidade"[3]. Ele alerta para a necessidade de construir um espaço aberto em nós, um espaço que deve ser mantido vazio, como o vaso vazio que é o símbolo mais atemporal e universal da Escola. Ele representa o silêncio em uma forma vazia, na qual é possível manifestar livremente um pensamento, um sentimento, uma experiência.

Isso é liberdade! Esse espaço vazio, mas vivo, é o espaço da criação divina, é o laboratório onde a alquimia pode ser realizada, a alquimia das transformações do pensar, sentir e agir. E manter esse espaço é luta que exige nosso esforço. Sendo bem-sucedido, esse esforço nos leva às raízes de nosso ser, ao subconsciente, onde estão os aspectos ocultos do ser humano, que se manifestam à consciência como uma força surda, como uma teimosia cega, como intenções desconhecidas.

Quando há um espaço livre em nós, o subconsciente busca ocupar esse espaço tão arduamente conquistado, fazendo aflorar preocupações, receios e medos arraigados. Mas assim ele deixa de ser uma força oculta e pode ser observado e combatido. Não apenas com os elementos do autoconhecimento, mas com a nova força que se manifesta a partir das experiências vivenciadas por esse silêncio interior.

Essa batalha foi descrita de forma magistral na mitologia de Perseu contra Medusa. Na lenda, Perseu foi encarregado de matar a Medusa. Ele recebeu ajuda dos deuses, que o presentearam com uma espada afiada, um escudo polido e um elmo que o tornava invisível. Perseu não poderia derrotar Medusa

se a olhasse de frente, pois ela tinha o poder de transformar as pessoas em pedra. Ele só conseguiu realizar sua tarefa olhando para a Medusa através de seu escudo polido, e assim pode vencê-la sem olhar diretamente para ela.

Assim como Perseu, só iniciamos uma mudança fundamental em nosso ser a partir do espaço aberto em nosso interior, do vazio em nosso ser, com a serenidade de perceber todas as forças presentes em nós e enfrentá-las. Porém, se tentamos enfrentar essa batalha de frente, somos paralisados pelo poder de nosso subconsciente. Logo, é preciso um novo elemento, uma luz que ilumine esse espaço vazio. Essa luz é a centelha do espírito, que abre os caminhos e ilumina nossa consciência. E a partir desses dois elementos, um espaço vazio interior e o contato com centelha, podemos atuar sobre os grandes motores atuais da transformação da consciência humana.

Um desses aspectos é a transformação da inteligência. A conquista de uma nova inteligência é fundamental neste momento, diante da realidade da inteligência artificial. A presença da inteligência artificial marca o término de um período da humanidade, o da construção do pensamento concreto, representado pelo axioma "penso, logo existo". Ela abre as portas para a inteligência superior, que brota da fonte real da vida, do próprio espírito, como uma nova inteligência intuitiva superior.

Tais mudanças são desejáveis para o grupo que atua em uma escola espiritual, e fundamentais para que o ser humano não se desconecte de sua própria razão de existir.

O próximo capítulo aprofunda a relação entre a inteligência artificial e o pensamento concreto, esclarecendo o papel que é preciso desempenhar na construção dessa nova inteligência, que será fundamental no desenvolvimento humano.

---

3. Tao Te King, cap. 11 apud Rijckenborg e Petri, *A Gnosis Chinesa*, p.120

A IA E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO SUPERIOR

O candidato à vida libertadora é aquele que, a partir de uma decisão interna, envereda por um caminho parcialmente desconhecido, confiante que um novo processo será integrado à sua vida.

Em geral, a decisão por um caminho de transformação é estabelecida quando uma falha, uma quebra lógica ou emocional é percebida nos fluxos da vida.

Para entendermos melhor esse tipo de quebra de lógica, utilizemos como exemplo a máquina de contar moedas utilizada pelos bancos. Essas máquinas contam e separam as moedas de acordo com seu tamanho. As moedas coletadas no dia a dia são armazenadas em grandes sacos. No final do expediente, o pesado saco de moedas é colocado na parte superior da máquina contadora, seu contador é zerado e o mecanismo liberado para iniciar a contagem e a separação.

A força da gravidade faz a sua parte. Na parte superior da máquina há buracos menores, onde as moedas menores caem; os buracos aumentam de tamanho, de cima para baixo, e as moedas de tamanho cada vez maior caem gradativamente em seus respectivos buracos. Os sacos são então etiquetados e armazenados para uma próxima dispensação na sociedade, num novo ciclo de coleta, separação e contagem.

Se os espaços pré-definidos para cada moeda mudassem de posição, moedas de tamanhos variados cairiam em espaços que não corresponderiam ao seu valor. Essa situação chamaria a atenção do operador da máquina e novos ajustes seriam feitos para tudo voltar a “normalidade”.

O mesmo ocorre com cada um de nós em relação ao nosso mundo interior. O nosso campo de respiração abriga todas as formas-pensamento criadas em seus "valores" maiores ou menores. A cada experiência, conectamos a sua essência magnética a uma dessas formas-pensamento: uma ligação magnética de atração que capta muito naturalmente o que é percebido pelos nossos sentidos com as referências existentes no nosso corpo mental concreto.

É um movimento tão constante que, sem esforço consciente, não percebemos com clareza os caminhos internos percorridos pelas diferentes percepções externas da vida; é tão natural como cada moeda caindo no buraco correspondente ao seu tamanho. Esse processo assume tal automatismo em nosso campo de respiração, que se torna quase um sonho. E esse dinamismo produz uma ação resultante: à medida que os elementos de percepção circulam pelos respectivos canais magnéticos em nosso campo de respiração, e alimentam as poderosas nuvens astrais, como os pacotes de moeda, o ser humano é arrastado a ações que o tornam escravo de fantasmas autocriados.

Essas ações foram geradas por um pensar escravo dos sentidos, de suas ilusões consolidadas, de seus preconceitos e vícios, levando a um ciclo de movimentos que mergulha e emerge em si, consolidando hábitos do pensar.

Decorrente do maior empoderamento da forma-pensamento, a habitualidade é uma força muito grande na nossa vida, moldando-a em uma consciência repetitiva. Como a máquina de separar moedas, os hábitos conectam as experiências ao respectivo circuito magnético em nosso campo de respiração. Expressões como "nem pensei, fiz no automático" revelam que a captação da força astral da experiência é extremamente voraz para a respectiva nuvem de forma-pensamento.

Mas nem sempre é assim. Vez ou outra algo ocorre e o sistema entra em curto-circuito. Um incômodo, algo diferente percebido nas experiências, e começamos a refletir sobre nosso papel no mundo. Nesse caso, "o operador da máquina se apresenta", buscando fazer os ajustes para que os incômodos observados sejam aquietados, seja com práticas de autoajuda, meditações ou

uso de ações de cultura da personalidade que aparentemente voltam a encaixar a moeda, ou a essência da percepção dos sentidos, no circuito mais adequado de automatismo.

A humanidade como um todo está sendo instada a uma nova consciência, não mais conectada à sua rede de hábitos, de automatismos e de apegos, mas a uma inteligência que dependa da manifestação do corpo mental superior. Vivemos em um momento que se apresenta como grande divisor de águas; intenso trabalho de verdadeiro autoconhecimento será cada vez mais requerido de cada um de nós.

Pela atuação da inteligência artificial, a humanidade começa a observar na prática como funciona o seu próprio corpo mental concreto. Assim como o operador da máquina de moedas, o corpo mental concreto organiza as informações disponíveis no sistema humano e as acumula como memórias, que permitem ações futuras condicionadas. Essa forma de atuar é muito semelhante ao funcionamento da inteligência artificial.

Nos primórdios se acreditava que a inteligência artificial era uma forma de inteligência programada, que poderia aprender e realizar tarefas complexas com grande eficiência e precisão, mas limitada por sua programação e pelos dados que recebe. Agora se sabe que a inteligência artificial aprende, memoriza, cria, se adapta a novas situações, e entende o mundo ao nosso redor. Ela pode interagir e conversar conosco, com os aplicativos de linguagem natural conectados à inteligência artificial.

Essas novas habilidades estão causando confusão no meio científico, pois está cada vez mais difícil distinguir a inteligência humana da inteligência artificial, com impactos profundos na forma como se via o mundo. E há pelo menos dois pontos fundamentais.

Primeiro, com o avanço da inteligência artificial o ser humano será substituído em diversas atividades que desempenha hoje, o que exigirá mudanças sociais e laborais. Mas o mais impactante será a possibilidade de uma grande abertura, na qual a humanidade finalmente perceberá a necessidade de

transformação da consciência. Acima foi dito que as formas-pensamento, criadas pelos seres humanos, são abrigadas no seu campo de respiração. As formas-pensamento se ajustam às culturas, épocas, necessidades pessoais ou de grupos. A IA se utiliza das informações assim acumuladas, registradas pela humanidade a cada momento na vida digital, para produzir informações de modo mais rápido e complexo que um ser humano comum pode fazer. As pessoas que criam os algoritmos e sistemas de IA estão de fato replicando padrões de pensamento, comportamento e cultura e, assim, seguem reproduzindo preconceitos e discriminações da sociedade em que vivem. Ou seja, os desenvolvimentos da inteligência artificial replicam a forma como o ser humano pensa e organiza as informações. É como se estivéssemos diante de um grande espelho cósmico que revela exatamente como somos à distância de alguns cliques. Diante dessa constatação, a conquista de uma nova inteligência é fundamental. A presença da inteligência artificial marca de forma evidente o término de um período da humanidade, que foi o da construção do pensamento concreto cuja tarefa, expressa por "penso, logo existo", foi divulgada por René Descartes no livro "O discurso do método", de 1637.

Entramos numa uma nova fase, o da construção de uma inteligência intuitiva superior, que brota diretamente da fonte real da vida, do próprio espírito.

Muitos já compreenderam a missão interior de religação com o espírito e se dedicam a viver sob o forte impulso do éter ígneo sobre a consciência – que possibilita o desenvolvimento da alma-espírito. Outros milhares, com os pés no grande pátio do templo, buscam maior compreensão sobre as repetidas percepções dos sentidos – as constantes experiências fundamentais impulsionadoras para uma mudança fundamental da existência humana.

Neste momento ímpar para a humanidade, todas as possibilidades são oferecidas para o caminho iniciático. Cada ser anelante, ao reconhecer a centelha do espírito como a única verdade em si, pode trilhar esse caminho

com o auxílio amoroso e fraterno da Fraternidade da vida manifestada na matéria.

A Escola Espiritual Contemporânea da Rosacruz Áurea auxiliou, auxilia e auxiliará todos os alunos, alunas e buscadores a reconhecer o espírito em si, a única fonte de transformação, o verdadeiro mestre que já habita cada ser.

Mas o primeiro passo é sempre de cada um. Lembrem-se que ao dar o primeiro passo, a fraternidade dá dois em nossa direção. Em muitos momentos, podemos ainda ser vítimas dos hábitos, automatismos e apegos que, por mais que nos esforcemos, ainda alimentamos.

Aqui é requerida atenção para a nossa mentalidade. Ainda vivemos na velha mentalidade dos sentidos naturais ou já vivemos na nova mentalidade alimentada pelo fogo do espírito?

Nessa jornada de transformação interior da consciência, nos tornamos candidatos à nova vida libertadora; assumimos a responsabilidade sobre o caminho de auto iniciação e nos tornamos agentes ativos de uma nova realidade, baseada na compreensão de que somos todos Um.

No trabalho impulsionador dos fundadores de nossa Escola, eles incansavelmente externaram a necessidade de uma nova mentalidade, de um novo pensar, o mental superior, um novo corpo mental inflamado pelo fogo do espírito, iluminando os recantos mais escondidos de nosso campo de respiração, uma forja para a transformação das nuvens astrais e suas programadas correntes magnéticas dos hábitos.

Que possamos, todos juntos, trilhar de braços dados o caminho aberto pelos incontáveis alunos e alunas que dedicaram suas vidas a aplainar essa trilha, para que hoje, no limite de nossa consciência, com a nossa própria vida renovada, possamos criar a ponte com o Espírito.

Hora Est! O momento chegou!

MENTAL CONCRETO E MENTAL ABSTRATO

O conhecimento esotérico ensina que o ser humano possui, além do corpo físico, um conjunto de outros corpos sutis: um corpo etérico que circunda o corpo físico, um corpo astral ou corpo de desejos, e um corpo mental, que é dividido em duas partes: uma para o pensamento concreto e outra para o pensamento abstrato.

Na maior parte das pessoas, somente a primeira parte do corpo mental está ativa, ou seja, o corpo mental concreto. Nele há uma correia de transmissão direta entre a forma como o ser humano pensa e o conjunto de imagens-pensamento e memórias individuais. Por isso o corpo mental funciona num sistema fechado e pode ser facilmente treinado.

O corpo mental concreto é treinado para acumular informações e repeti-las em ocasiões apropriadas. E esse treinamento é supervisionado pela sociedade através dos métodos de educação, por meio das relações sociais e pela transmissão da cultura, moldando os tipos de resposta que se deve dar em situações diversas.

Esse tipo de treinamento social tem sua base em um tipo de egocentrismo refinado, cujo objetivo é o de garantir a autopreservação dos diversos grupos, sejam famílias, corporações ou mesmo países.

Ao redor dos anos 1960 um outro tipo de treino mental avançou muito. Por exemplo, a partir das ideias do filósofo e pedagogo americano John Dewey, do início do século XX, o pensamento crítico passou a ser implementado com mais força. Embora o pensamento crítico tenha propiciado identificar preconceitos, suposições e falácias em argumentos e informações, essa forma de pensar também produziu uma grande desconfiança sobre o funcionamento da sociedade e, assim, inúmeras reflexões e teorias conspiratórias ganharam corpo.

Os sistemas de pensamento são focados nas diversas formas de manifestação do egocentrismo, e funcionam como um treinamento supervisionado, semelhante ao utilizado no aprendizado de máquina ou *machine learning* (umas das técnicas de inteligência artificial). Graças à transferência do processamento mental humano, egocêntrico, para os algoritmos, as mudanças sociais estão se acelerando, tornando claro que nossa forma de agir precisa mudar com urgência.

Mas como mudar? Seria preciso algum tipo de alienação ou fuga, buscando uma vida sem contato com as novas tecnologias? Não, definitivamente não!

Nos séculos XII e XIII, a comunidade dos cátaros iniciava seu processo iniciático afastada da sociedade. Sua trajetória e o processo que era realizado está descrito no livro "O Caminho do Santo Graal" de Antonin Gadal. Mas, após o período de preparação, eles passavam a viver no meio do povo, oferecendo-lhe ajuda e apoio espiritual.

Como rosacruzes contemporâneos, sabemos que não há outra forma de agir se não junto com a humanidade. No processo proposto pela Escola, que deve ser realizado sem nenhum tipo de escapismo, os alunos são convocados a viver uma vida dentro da realidade humana, seja ela nos meios virtuais ou não.

Não podemos nos perder em soberba espiritual, deixando a humanidade abandonada ao seu próprio destino. Não, isso não deve ser assim.

Por essa razão, todos os alunos têm contato com diferentes ferramentas para o trabalho interior que, em essência, estão baseadas na ideia central da gnosis quíntupla que são: discernimento, desejo de libertação, auto rendição, nova atitude de vida e nova vida.

Esse caminho quíntuplo pode ser resumido como a tomada de consciência da realidade, em primeiro lugar; a busca da liberdade como uma necessidade interna; a decisão de se desapegar da velha forma de agir, de pensar e de sentir; para finalmente expressar a nova atitude de vida a partir da mudança interior, que é a nova vida.

Em cada uma dessas etapas, é necessário e possível um contato íntimo com a segunda parte do corpo mental, ou seja, com o corpo mental superior. O corpo mental superior é responsável pelo pensamento abstrato, e é ativado pela cooperação entre o núcleo do Ser Absoluto, a centelha divina, e a abertura produzida pelo mental concreto na cabeça.

Para alguns, no início desse processo, é comum que a percepção do corpo mental abstrato se dê por lampejos de pensamento abstrato, por imagens diferentes daquelas fragmentadas e materiais que circulam de forma recorrente pelo corpo mental. Mas com o avançar da cooperação entre o núcleo do Ser Absoluto, a centelha, e o próprio mental, o verdadeiro desenvolvimento da relação entre as duas partes do corpo mental se realiza.

O corpo mental abstrato pode então inspirar e vivificar o corpo mental concreto, transmitindo-lhe a capacidade de "refletir" a imagem original do mundo do espírito como um reflexo compreensível no mundo material.

O éter refletor, que é a combinação de matéria e energia utilizada pelo corpo mental concreto, capacita o corpo mental para a criação de uma imagem estática do pensamento superior. Por outro lado, o pensamento abstrato trabalha através do éter de fogo, uma substância ainda mais sutil e plástica, capaz de carregar em si imagens multidimensionais e arquétipos viventes.

O pensamento abstrato funciona como uma ponte entre o mundo do absoluto, onde não há divisão, e o mundo humano fragmentado. E essa ponte funciona como intermediária, garantindo que o ser humano possa entender a vida espiritual diretamente, sem preparo prévio ou estudo.

Assim, o pensamento abstrato capacita o sistema humano a captar e trazer à consciência as imagens dos arquétipos divinos. Essas imagens podem ser transmitidas, comunicadas e impressas no éter refletor do corpo mental concreto, guiando e orientando a inteligência material.

Quando essa inteligência é colocada em prática mediante a vida, ela pode se converter em uma verdadeira sabedoria. É a sabedoria que garante a possibilidade de conexão entre o indivíduo e o todo, e propicia a unidade com

a vida e todos os seres. Sem necessidade de treino, sem precisar recorrer a memória, nem mesmo a memória da natureza.

O processo de auto iniciação começa necessariamente pela purificação no coração, com o reconhecimento do princípio transcendental, ou centelha do espírito, com o despertar da kundalini do coração.

Esse processo segue até se estabelecer uma ligação cabeça-coração. Ou seja, essa nova vitalidade, a kundalini do coração, desperta o santuário da cabeça. Segue-se intenso trabalho de purificação do pensar, que significa o profundo esvaziamento da velha forma de pensar.

Como mencionado anteriormente, é preciso conquistar e manter um espaço aberto e livre em nosso ser; quando há esforço genuíno e o aluno utiliza as ferramentas de trabalho fornecidas pela Escola, se percebe um aquietar do pensar. Esse aquietamento do campo de respiração pessoal é o indício de que o aluno empreendeu uma profunda purificação.

Nada se dá de forma automática, mas se o aluno persevera com amor e inteligência percebe que as condições estão dadas para que os *insights* oriundos do corpo mental superior possam encontrar um caminho até a sua consciência. Claro que se a consciência permanece ocupada com as velhas questões e não há rendição, nada disso pode ocorrer.

É preciso se preparar para a despedida, e com grande amor o aluno se despede de todas as suas conexões, grande parte das quais são egocêntricas.

Não se trata de conexões com pessoas, mas com as imagens-pensamento formadas a respeito de pessoas e situações. Quem se liberta dessa maneira, nunca será indiferente a nada nem a ninguém. E assim, se estabelece grande paz, mesmo permanecendo os resquícios de um pensar condicionado.

Ainda há muita instabilidade nessa caminhada, e é possível perceber que o corpo mental ainda permanece por algum tempo dominado pelo egocentrismo. Por isso, há certa aflição, como se fosse necessário estar alerta e sempre pronto para algo ruim: é a velha necessidade de controle sendo desmascarada.

Porém, a sabedoria produzida por um corpo mental superior, que guia o mental concreto, propicia uma certa autonomia. Ou seja, um pensar livre em que as situações na vida são percebidas sem passado ou expectativa de futuro. Logo, o ser humano se percebe livre.

A Inteligência Criadora manifestada traz a imagem do arquétipo universal no ser humano, e assim revela com clareza e compreensão interior o propósito universal da existência.

Com base nessa imagem vivente e nessa nova faculdade de compreensão, o ser humano se volta para a realidade concreta da vida e inicia o processo da transformação estrutural.

Essa percepção real não pode ser retida, mas deve ser ofertada.

Essa é a razão de ser de todo o processo: servir, ofertar.

Que essa imagem não seja apenas uma posse teórica a nos distrair em nossas reflexões. Que possamos entender o que está em jogo neste momento da história humana. E que tenhamos a força para vencer nossos automatismos e avançar em direção da liberdade que nos chama.

O TEMPLO INTERIOR

É importante entender o significado espiritual do que os rosacruzes modernos chamam de 'templo'. Na Rosacruz Áurea fala-se do templo interno, dos serviços no templo, das conferências de renovação realizadas nos templos do fogo e do processo de iniciação nos vários templos da escola interna e externa: a lista é longa. Qual é a relevância nos dias de hoje do que poderia ser visto como conceitos, estruturas e práticas ultrapassadas? Eles podem responder às questões mais pertinentes relacionadas à nossa condição como indivíduos, parte da sociedade, habitantes deste planeta e como espécie?

Essas perguntas são válidas e as respostas podem definir nosso modo de vida e o que fazemos com o tempo que nos é destinado nesta encarnação. O templo pode desempenhar um papel libertador em nosso caminho aqui e agora, na prática, individualmente e na sociedade.

Ao estudar as estruturas dos templos em todas as civilizações, se descobrirá aspectos libertadores e mágicos relacionados ao templo dentro de nosso próprio ser e como marca de uma comunidade de almas. Iniciação é o processo de libertação da alma, e são três os templos de iniciação ligados à consciência de alguém que aspira à verdade. Esses três templos se relacionam aos três centros da consciência: na cabeça, no coração e na pelve. Quando se fala de templo, se está referindo à estrutura física e sutil do ser humano como seres que pensam, sentem e agem; ou ao átrio, ao sanctum ou santo, e ao sanctum sanctorum, o santo dos santos. Esses três templos refletem o plano divino para o homem e a humanidade.

Este capítulo examina o templo interior e o próximo tratará do templo exterior. Ambos se relacionam, assim como quando os indivíduos se unem formando uma comunidade, criando um templo vivo ou um organismo vivo.

O capítulo seguinte trata do terceiro elemento, daquele que permite que o edifício vivo permaneça firme e de pé: esse terceiro templo é o santo dos santos.

Diagramas do templo de Luxor, do antigo Egito, mostram três espaços bem definidos, que representam não apenas a cabeça, o coração e o santuário pélvico, mas também a estrutura e o funcionamento do santuário da cabeça: este é essencial para progredir no caminho da iniciação, para o nascimento da nova alma e para união da alma com o espírito.

Na terminologia dos rosacruzes modernos fala-se de corpo vivo, ou de corpo vivo de Cristão Rosacruz ou ainda da morada do espírito santo. Estas realidades devem ser elevadas a uma outra dimensão, que nos coloca à frente do homem como manas, em relação ao mundo – natureza, e ao divino – Deus.

Essas linhas de força dos três templos devem ser vistas em movimento dinâmico para cima e para dentro, através de toda a manifestação da vida, nesses diferentes níveis de existência. Pode-se então falar de microcosmo, de cosmo e de macrocosmo.

O que sustenta essa manifestação é o logos tríplice, como o poder de ideação da manifestação total. E isso tem a ver com a nossa realidade, com a nossa respiração, alimentação, sono e existência como seres humanos, que têm uma tarefa divina a cumprir na vida. Não em palavras e descrições, não em teorias, mas na prática!

O dinamismo da criação, e nosso próprio destino, está contido em três poderosas noções: idealidade, vitalidade e realidade. “Vocês não sabem que são o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês?”[4] Essas palavras nos dizem que o reino de Deus está dentro de nós! Cabe a cada um fazer dessas palavras uma realidade vibrante e irradiante em seu ser. É para isso que cada um de nós é chamado a empreender nesta vida.

Isso significa que não há necessidade de procurar fora de si mesmo – em autoridades ou gurus, viajar para terras distantes para encontrar templos misteriosos ou rituais de iniciação meditando em ambientes exóticos.

A busca dentro de si mesmo requer coragem, porque o antigo templo do ser centrado no "eu" precisa ser desmantelado. O lixo precisa descartado, e o terreno do atual modo de pensar, sentir e agir egocêntricos deve ser limpo.

Um novo edifício espiritual vivo precisa ser estável e erguido sobre base sólida, que não seja corroída pelo espaço ou pelo tempo. Essa base é o reino interior, o centro vibrante de nosso ser microcósmico – a centelha do espírito. É o poder imanente de Jesus que deve nascer em nós; ele está vibrando e nos pedindo para lhe dar espaço, para permitir que desabroche como uma rosa, como uma flor de lótus. Não nos cabe usar nossa vontade para fazê-lo, mas apenas responder a esse chamado interior, dar espaço para que isso aconteça.

No entanto, quão difícil isso é para o eu e para a personalidade que ainda se curvam aos mandamentos do eu inferior e do eu superior – o ser aural, o precioso "meu" e para mim!

Os rosacruzes modernos apresentam o processo de autorrendição, que é a aniquilação de todas as trevas pela luz, permitindo que a luz entre no poço da automanutenção e da autoestima. Autorrendição não significa repetir o que os grandes disseram, nem recitar o que está escrito nos livros que revelam a doutrina universal, mas fazer realmente! Ter acumulado muito conhecimento nesses assuntos pode constituir lastro pesado e mais uma ilusão. No final do caminho de iniciação, Cristão Rosacruz chega à conclusão de que: "a soma de todo o conhecimento é que nada sabemos". Esta é uma descoberta assustadora para o eu com seus desejos, anseios e paixões ocultas sublimadas, mesmo para o discipulado. O caminho da iniciação é feito da nossa morte endurística, que antecede a reconstrução da nova alma; não se constrói um novo edifício vertical sobre alicerces antigos.

Os cinco fluidos, que mantêm a alma natural em movimento, constituem a prisão e negação do reino interior, e somos advertidos: "Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; pois o templo de Deus, que são vocês, é sagrado."[5]

É preciso estar atento a esse perigo no caminho da construção do nosso templo interior espiritual. É preciso se conscientizar dos obstáculos quando, pela ilusão de nossa existência, continuamos a destruir o templo de Deus em nós.

Ao caminhar em sentido contrário ao plano divino, provoca-se a destruição do templo espiritual e, como advertidos, "Deus o destruirá". A personalidade natural tenta de todas as formas alcançar o equilíbrio, inclusive estabelecendo a ligação entre a cabeça e o coração. Tal desenvolvimento da personalidade não nos leva longe, e aumenta a escuridão no poço do nosso ser: isso é contrário ao caminho espiritual.

Novo templo significa que uma nova alma nasce através de um processo que permite que a luz do espírito trabalhe em nosso ser. Num determinado momento a nova alma – composta por cinco novos fluidos – liga-se ao espírito: é a manifestação de Jesus Cristo em nós. O novo templo se torna um edifício luminoso e vibrante, construído sobre aquela mesma pedra angular.

O Sermão da Montanha deixa clara a distinção entre a ordem natural e a ordem espiritual. Ele diz para buscar no imo de nosso ser o absoluto, a ordem espiritual, que desde o início da manifestação permanece adormecida em nós, como seres naturais.

Agora que você está despertando, busque esse começo absoluto com a ajuda da rosa que pode iluminar o seu caminho. Abandone toda pretensão e siga o conselho do Sermão da Montanha: entre em seu templo interior – o santuário do coração, a rosa do coração desperta. O poder do Pai, o poder da origem divina, está oculto ali.

Por um processo conscientemente aceito, ocorre a purificação dos veículos, dos quatro corpos da personalidade e dos cinco fluidos da alma natural. Como? Deixando o Outro entrar – deixando-o fluir. Como disse um dos alunos da Escola, com força e convicção: "Se você não encontrar o templo em seu coração, nunca encontrará seu coração no templo"!

Deixar-se fluir com o rio da vida é fluir contra a correnteza dos pensamentos, desejos e ações naturais; é embarcar na inversão e na mudança de direção, e estas palavras ecoarão nas profundezas dos corações, onde a luz é, desde a eternidade!

---

4. Bíblia. *1 Coríntios, 3: 16*
5. Bíblia. *1 Coríntios, 3: 17*

O TEMPLO EXTERNO

"Se você não encontrar o templo em seu coração, nunca encontrará seu coração no templo". Estude essas palavras com os olhos da mente, com o coração aberto – ouvindo, observando e colocando-as em prática.

O caminho da libertação implica uma reviravolta, uma reversão pela qual conscientemente permitimos que o Outro em nós recupere seu lugar de direito no sistema microcósmico que, como personalidades, habitamos. Tal inversão implica movimento direcionado à edificação dos três templos interiores em nós: o átrio, o santo e o santo dos santos – nos santuários pélvicos, do coração e da cabeça.

Uma imagem desse movimento e nova orientação, oposta ao nosso funcionamento normal, é a lemniscata, uma curva plana com forma característica, consistindo em dois *loops* que se encontram em um ponto central: a figura do oito horizontal – o símbolo da eternidade.

Observe esse movimento na natureza, que oferece tantos símbolos e paralelos em relação ao caminho espiritual – da bolota ao majestoso carvalho, da semente à árvore esplêndida, como símbolos da árvore da vida em que as aves do paraíso se aninham e alçam. Todos os anos os salmões sobem riachos ou rios para desovar, dando a seus descendentes a oportunidade da vida. O movimento que eles fazem para ir contra as águas é o desenho ou o movimento da lemniscata, para dentro e para fora, o que os impulsiona para cima.

E como é com o ser humano? Inicialmente ele nada com a corrente, mas chega um momento que o anseio por algo diferente desperta nele a necessidade de uma verdadeira reversão; ele toma consciência de que precisa inverter o movimento da sua vida. Para aceitar e aprender a fluir com o rio da vida é necessário parar – portanto, não agir – e depois virar-se para encontrar o anjo

que acena estendendo o convite para o casamento alquímico, como no relato de Cristão Rosacruz, para o qual todos estão convidados.

A partir do tempo e do espaço se entra em um processo infinito – a lemniscata – sabendo intrínseca, profunda e verdadeiramente que o Reino de Deus está mais próximo do que mãos e pés – ele está dentro de nós. Assim, flui nele a visão da idealidade.

Percorre-se esse caminho sozinho, mas não na solidão ou no isolamento. Quem entra no rio da vida necessariamente se torna parte de uma comunidade, sob o princípio de que 'semelhante atrai semelhante'. O templo interior e a comunidade estão interligados no caminho espiritual; é a verdadeira união, que faz jus ao provérbio 'pássaros da mesma pena voam juntos›. Essa união é uma necessidade – espiritual, orgânica e eletromagnética.

O caminho espiritual exige calma, orientação e quietude, silêncio. E ele está relacionado a uma tarefa: permitir que o infinito encontre nosso mundo quadri dimensional. Caminho espiritual é contribuir ativa e conscientemente para a libertação da humanidade, para permitir que outros despertem para seu verdadeiro destino. Três palavras encontram aqui sua combinação: comunicação, comunhão e comunidade.

A pessoa nascida da alma irradia, reflete a luz da centelha do espírito – a comunicação é intrínseca aqui, pois ela 'não pode esconder a luz debaixo do alqueire'. Esse caminho é de veracidade, orientação clara, aceitando os outros como eles são – aprendendo pela comunicação e interação o que significa 'amar o próximo'. Então a comunhão ocorre e, por meio dessa interação, surge uma comunidade gnóstica. Da idealidade flui a vitalidade – a energia pulsante da nova alma, que irradia novas forças etéricas. Os raios da luz podem entrar na escuridão da existência pessoal, social, planetária e cósmica.

As comunidades de luz existem em todo o mundo, em todo o planeta, testemunhando a nova consciência, um novo modo de vida, agindo conscientemente na e através da alma e interagindo com seu ambiente. É a prática de estar 'no' mundo, ser 'para' o mundo mas não ser 'do' mundo.

Uma comunidade na luz e orientada para a luz toma forma; e quanto maior o número de portadores de luz, mais forte é a radiação que dela emana. É como a lupa que, concentrando os raios do sol, cria o fogo.

Esse ponto focal reflete a realidade alma-espírito, realidade que transforma e transfigura: esta é a característica de uma comunidade gnóstica. Quando os portadores da luz se reúnem, eles criam pontos focais na matéria – surgem então os templos físicos.

Neste mundo de dualidade, na escuridão da existência, com toda a sua agitação e frenesi, violência e desespero, tais pontos focais oferecem consolo, apoio e orientação: o vertical encontra o horizontal.

A Rosacruz Áurea, à medida que se espalha pelo globo, tem centenas desses pontos focais em muitas cidades, e dezenas de centros de conferências onde a tarefa do renascimento e união da alma é auxiliada para se tornar uma realidade. Grande mudança vem ocorrendo nas atividades da Rosacruz Áurea nos últimos anos. Devido à epidemia da Covid, em alguns países nossas atividades passaram a ser online; mas o caminho continua, quaisquer que sejam as circunstâncias externas. Estamos agora em transição para uma situação híbrida, em que são realizadas atividades virtuais e presenciais. Assim, o templo externo é um ponto focal vibrante para a luz; os serviços e as conferências refletem os princípios da alma-espírito. Quando uma comunidade de almas se encontra, com cada membro orientado para o reino interior, é criado um campo de força eletromagnético. Como a centelha do espírito é a essência da orientação, tal campo astral de tensão produz e amplifica novas energias etéricas, e os quatro alimentos santos são então dispensados em abundância a todos os presentes.

Isso não acontece automaticamente, mas depende da orientação da comunidade, ou seja, de cada um em particular. Uma conferência é apropriadamente chamada de ‘conferência de renovação’ porque através dos serviços, geralmente em número de três, a propriedade do campo de força gnóstico eletromagnético atua limpando os detritos de nosso ser egocêntrico e

oferecendo os éteres superiores para o nascimento e a renovação da alma – é a espada de dois gumes da força atmosférica do Cristo. Tais eventos requerem um espaço apropriado de pureza, silêncio, apoiado pelos participantes em seu foco e tarefa.

O centros de conferência da Rosa Cruz Áurea estão abertos e podem ser chamados de embaixadas da luz. Como atrair e permitir que o éter de luz se combine com o quinto éter – o éter de fogo, para criar um templo de fogo? Nossos centros de conferência podem ser comparados a estações de recepção e transmissão eletromagnética. Como 'semelhante atrai semelhante', as energias liberadas em relação a tais eventos gnósticos se ligam à sempre presente atmosfera astral libertadora que envolve e penetra todo o planeta. Conforme e quando as radiações eletromagnéticas são liberadas durante um serviço no templo, elas sobem como uma espiral acima do templo físico e começam a fluir ao redor do planeta, contatando cada estação gnóstica sucessivamente. Isso ocorre devido ao campo astral puro no qual os templos estão conectados, como uma rede. Depois de terem circundado a Terra, essas irradiações retornam ao templo de origem, para continuar seu movimento circular.

À medida que essas energias libertadoras da alma aumentam de intensidade, elas atraem almas buscadoras de todo o planeta; é o que está acontecendo hoje, pois muitos milhares respondem ao chamado da moderna Fraternidade Gnóstica. Luz atrai luz!

Assim, a Escola Espiritual gnóstica não apenas oferece as autoestradas de luz que levam ao nascimento e desenvolvimento da nova alma, mas também influencia a atmosfera do planeta, contribuindo para a elevação da consciência da humanidade, que tanto necessita de apoio espiritual.

Vemos, então, que não são as palavras que contam, mas sim a força liberada por uma comunidade gnóstica posta à disposição de todos, sem discriminação.

A ligação entre o templo interior, o templo exterior e o templo cósmico é fortalecida através destas estradas de luz astral, criadas e mantidas pelos membros conscientes da comunidade gnóstica – a Jovem Fraternidade

Gnóstica. Pilares de luz são então erguidos e mantidos, irradiando para fora orientação e rumo para aqueles que buscam a direção certa para a luz, tais como balizas, faróis ou estrelas brilhantes fazem no céu noturno. Não se trata, pois, de falar da realização do templo vivo, mas de aderir conscientemente à sua construção de uma forma prática de vida.

Então um outro vínculo é estabelecido, não apenas entre o templo interior e o exterior, mas também com o corpo vivo da manifestação gnóstica atual. Os templos interno e externo são atraídos para o corpo vivo de Cristão Rosacruz, lembrando que esse templo cósmico astral envolve o planeta e atrai as centelhas espirituais ligadas a personalidades buscadoras.

Resumindo: o espiritual precisa se manifestar na matéria. A centelha do espírito irradia e o ser eu responde. Um templo construído na matéria focaliza os éteres puros e os irradia para o mundo. O tempo encontra o infinito, a comunhão se estabelece entre o esforço interior e o templo tríplice – criando o fluxo entre os três santuários, servindo e servido por uma comunidade de seres autônomos. As condições internas necessárias de purificação e transformação precisam ser atendidas, e isso exige disciplina.

Ser um discípulo – mesma origem da palavra disciplina – tem pouco ou nada a ver com aderir a regras e regulamentos, mas com tornar-se um ser autônomo da alma.

Não um antinomiano – alguém que rejeita as regras e a lei – mas um ser autônomo, que se governa por leis próprias, por lei interior declarada por intuição divina interior – a alma vivente.

"O que está em jogo é o estado interno da sua alma. Cristianismo é cultura interior, reforma interior, revolução interior, posse de uma luz interior. Então você deve lavar seu verniz, sua pomada e se aproximar do que é sagrado na consciência de não saber, de não ter, assim como Cristão Rosacruz, que finalmente, mesmo no templo da realização, disse: 'a soma de todo conhecimento é que nada sabemos'."[6] Colocados nesse estado espiritual, os seres se unem em uma comunidade espiritual, independentemente das

distâncias e todo o conhecimento e cultivo das paixões do eu cairá. E se ouve o sussurro suave de Aurora, a deusa do amanhecer: ela promete o tesouro dourado da luz, que vem depois dela; luz que não pode ser dada, mas deve ser conquistada; luz que desce aos corações preparados, que estão vazios no estado de não saber e não ter, e que jogaram ao mar todo o lastro.

"Que todos nós possamos conduzir-nos segundo a única atitude de vida, em incontestável pureza, integridade e lealdade!!"[7]

---

6. Rijckenborgh. *O Chamado da Fraternidade Rosacruz. cap.28*
7. Petri. Rijckenborg. *Rosa Mystica, 131*

O CORPO VIVO

O capítulo anterior mostrou como uma comunidade gnóstica cresce e começa a irradiar no mundo. O universo do qual fazemos parte é denominado 'o sétimo domínio cósmico', com sua manifestação visível e invisível. Há um total de sete domínios, e o sétimo domínio cósmico em que existimos é uma ordem de emergência, um sistema criado e mantido para libertar as centelhas espirituais e os microcosmos aos quais estão ligados.

Os microcosmos giram na roda do nascimento e da morte, se esvaziam de seus veículos após um período na matéria, e esse giro continua no além onde o microcosmo têm a oportunidade de libertação, através da transfiguração.

O buscador não está sozinho, e uma comunidade gnóstica não é um organismo isolado. Cada aspirante à libertação da alma, assim como a comunidade da qual ele faz parte, estão ligados à Fraternidade Universal – uma comunidade de almas viventes ativas no sexto domínio cósmico, onde trabalham pela libertação de todos os microcosmos.

Toda manifestação é sétupla e a Escola Espiritual possui sete aspectos: seis na matéria e o sétimo ligado diretamente à Fraternidade Universal. Há, portanto, dois organismos interagindo: de baixo para cima, a escola espiritual, como uma pirâmide ascendente; atuando de cima para baixo, a Fraternidade Universal, como uma pirâmide descendente invertida. O campo de interação entre os dois é o corpo vivo, o corpo vivo de Cristão Rosacruz.

Tais linhas de força caracterizam toda comunidade gnóstica transfigurada, agora como no passado. A Escola da Rosacruz Áurea foi aceita como um elo da corrente da Fraternidade Universal, e sua construção sétupla corresponde à essência do Espírito Santo Sétuplo.

A Casa Sancti Spiritus, como também é chamada, está entrando em um período de grande expansão e maior perfeição com a jovem gnosis. O poder espiritual da Rosacruz, sua capacidade eletromagnética, suas vibrações gnóstico-astrais e sua energia mental tornaram-se atmosféricas e abrangem o mundo.

Assim como o indivíduo se abre para a luz, o mundo inteiro está fazendo o mesmo. E pelo fato de a Rosacruz irradiar na força do Cristo macrocósmico, hoje se intensificam as possibilidades de libertação da alma. Para o aluno, isso significa um avanço absoluto para a nova vida, para o novo campo de vida no sexto domínio cósmico.

Uma escola espiritual, com seu grupo de alunos, leva em consideração o período em que está atuando. Se o objetivo da fraternidade anterior dos cátaros era realizar a nova alma, agora é tarefa da jovem gnosis da rosacruz moderna realizar a alma-espírito no candidato. Tanto a Escola, como o grupo de alunos, está empenhada na concretização desses dois objetivos. Os alunos pertencentes aos graus internos da Escola Espiritual passam por esses processos de maneira prática: sintonizam suas vidas com o Santo Espírito Sétuplo, para que um dia possam experimentar a graça da descida do espírito em seu ser.

Quando se diz que o poder crístico foi fortalecido atmosfericamente por causa da atividade da Rosacruz, isso ocorreu pela entrada do Santo Espírito Sétuplo no corpo vivo da Escola Espiritual.

Ajustando-se à atividade de radiação do espírito santo, a comunidade deve agora, e nos próximos anos, crescer em uma verdadeira comunidade espiritual. Essa consciência coletiva da alma-espírito reconhece os outros como verdadeiros irmãos e irmãs, independentemente da diferença de corpos raciais e distâncias geográficas. O objetivo é se estender por todo o mundo em absoluta unidade espírito-alma. À medida que preenchem as condições para participar da Fraternidade Gnóstica, todas as limitações desaparecem e, como novos seres humanos em processo de renascimento, experimentam a unidade com o universal, com o divino.

Quem experimenta o poder gnóstico da luz, experimenta, dia após dia, em crescente extensão, como o mundo da alma penetra e envolve tudo, e como todas as coisas são movidas por novas forças da alma em uma unidade elevada e absoluta. Esta é a unidade de todos em todos, de todos para com todos.

Catharose de Petri dá indicações claras sobre essas questões: "... o grau de maturidade determina a atividade de radiação da alma-espírito. Portanto [...], cada verdadeiro rosacruz – em qualquer situação de vida em que possa se encontrar – sentir-se-á e saber-se-á chamado para a atividade. A pureza do Corpo Vivo magnético e, sobre esta base, o afluxo das radiações espirituais e as bênçãos da Corrente Universal de Cristo só podem ser asseguradas se [...] estiverem em absoluta harmonia e unidade no tocante ao plano de Deus e à vocação recebida de Deus. Apenas vós podeis saber se a isto correspondeis. [...] Quando um servidor da Gnosis dedica-se à imitação de Cristo, esforça-se por viver por inteiro segundo a lei da ordem do espírito e dela dá testemunho, quando ele se torna um exemplo vivo para os demais, qualquer que seja sua situação, então dele irradia a pura vida espiritual em tudo o que ele faz e diz. Por isso, uma lei da ordem do espírito só pode ser seguida mediante uma fé absoluta nessa lei e no puro processo de desenvolvimento da endura. Um intercâmbio harmonioso com o campo de radiação magnético da Escola Espiritual só poderá acontecer se estiver presente esta tríade: Unidade – Responsabilidade – e Orientação pura para o único objetivo libertador. Somente pelo cumprimento da Lei da Unidade, da Responsabilidade e da Orientação é que a manifestação sétupla da Escola Espiritual pode ser bem-sucedida do ponto de vista gnóstico-filosófico, organizatório e material." [8]

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea entrou agora em um processo no qual a sensibilidade gnóstica, seja individual ou microcósmica, seja coletiva, está aumentando. Quanto maior for o número de alunos conscientes que possam participar desse processo num futuro próximo, mais rápido avançará o trabalho de libertação confiado à escola espiritual pela fraternidade das almas imortais.

Possuir uma consciência de grupo gnóstica também significa compreender o plano divino para o mundo e para a humanidade. É por isso que depende tanto de até que ponto cada um está consciente disso, como uma célula verdadeiramente viva do corpo magnético, e é incorporado por ele. Isso requer de cada a declaração sincera: 'Senhor, aqui estou. O que queres que eu faça?'. Isso significa a entrega total de seu estado de ser à gnosis, a serviço da gnosis e da comunidade.

Quem se integra e se dissolve no corpo vivo da Escola Espiritual como se fosse seu próprio corpo, experimenta imediatamente a graça do espírito sétuplo expressa nesse corpo vivo. É o processo de purificação e, nesse contexto, ser purificado significa: tornar-se cada vez mais consciente da plenitude gnóstica e continuar firme na caminhada para o novo campo de vida, junto com seus irmãos e irmãs.

Essa é a grande tarefa que a Escola Espiritual nos apresenta: por meio da consciência de grupo gnóstica, estabelecer intenso senso de unidade, assim como a experiência da harmonia viva com a intenção divina, para superar todas as fronteiras, países e distâncias. Ao fazê-lo, um campo de vibrações gnósticas se esparge por todo o mundo, e o poder da rosacruz estará presente onde quer que os alunos vivam e trabalhem para a gnosis. Então todos receberão o poder de todos. E como uma clara luz, toda a plenitude gnóstica irradiará em poder vivo, beleza, verdade e amor!

---

8. Petri. *Verbo Vivente*. cap. 45

INDIVIDUALIDADE

Há uma força perene capaz de atuar de forma inteligente em todo universo. Essa força, quando utilizada por meio da vontade universal, guia o movimento das marés, a velocidade do vento e o ritmo das estações do ano. Como um grande alquimista cósmico, a vontade universal cria condições para que existam distintas formas de vidas, miríades de vidas multicoloridas, com o poder de se manifestar em diferentes dimensões. São formas de vida com cores cintilantes que se manifestam no ar, na terra, nos rios e mares e atingem a complexidade de um ser humano que possui tamanho poder em sua forma de manifestação, que pode decidir, por vontade própria, conectar-se ou não à força universal, ao logos.

E foi isso que aconteceu. Em sua trajetória de desenvolvimento, o ser humano se separou do todo. E, para garantir essa separação do logos, ele fez uso de outra força para guiar sua individualidade apartada do Uno: o desejo ego-centralizado, que é uma força que se desdobra em diversas dimensões. Esse desejo, que atua como simulacro da vontade humana original, limita a atuação humana ao mundo das coisas criadas por sua consciência em seu campo de percepção: sua casa, sua família, sua imagem, suas ideias e assim por diante.

Há, portanto, uma relação entre o desejo ego-centralizado e a vontade desconectada do todo que funciona do seguinte modo: começa-se a querer algo, deseja-se, o que leva a uma ação. Uma atividade ou uma ação é sempre resposta direta da vontade, a qual se segue ao desejo, isto é, o desejo precede a vontade.

O desejo é uma radiação astral que carrega em si uma ideia; se essa ideia é voltada para a autopreservação, ela inflama a vontade nesse objetivo. A partir desse poder mágico de manipulação do desejo, o ser humano se isolou da vida

original e criou uma vida apartada do logos, ou seja, separada da força una que rege o universo. Sim, o ser humano tem a capacidade de se separar do Uno e de construir e organizar formas a partir de suas projeções mentais, formas que podem habitar o ar, os rios e mares e a terra.

E assim foram criadas as invenções humanas para permitir uma vida com maior controle, sem esforço, com algum grau de conforto e auto-proteção. Casas que nos protegem da dinâmica das estações do ano e das chuvas; calçadas e estradas que nos isolam da poeira da terra; automóveis que garantem nosso deslocamento sem esforço, e muitas outras invenções para ocupar os céus e os mares.

Inventamos também as divisões territoriais, que denominamos países; sistemas sociais controlados por um conjunto de regras e leis; culturas isoladas, separadas do todo, que se confrontam entre si.

Esse movimento transformou os aspectos sutis da vida e criou um campo astral próprio, povoado de pensamentos e desejos voltados para essa vida social. Tais forças, que se concentram em nosso corpo astral, também tomaram o coração humano, pois a aura do coração é de natureza astral. Como todas as forças que circulam na personalidade são de natureza astral, toda a natureza de nossos desejos, tudo a que aspiramos, passou a ser estabelecido pelo nosso corpo astral. Assim, foi criada e vivificada uma nova vida astral apartada do todo; uma vida baseada na troca rápida de informações – na intensificação dos fluxos informacionais como jamais visto – mas de fluxos desconectados do todo.

Esse processo tem um limite, e esse limite está sendo atingido, um limite individual e coletivo.

O aprofundamento das estruturas sociais criou o que alguns filósofos identificam como a solidão da sociedade da informação: uma nova forma de solidão contraditória, em meio à abundância de informação. A socióloga norte-americana Sherry Turkle, que trabalha sobre o modo como a internet transforma os nossos comportamentos, destaca: “No silêncio da conexão, as

pessoas se sentem tranquilizadas, estando em contato com um grande número de pessoas – cuidadosamente mantidas à distância. Nunca temos o suficiente do outro, já que podemos usar a tecnologia para manter o outro à distância: não perto demais, nem longe demais, justamente da forma que nos convém".[9]

Assim, sempre temos muito para opinar e falar, mas pouco tempo para transformar. E esse paradoxo tem produzido um vazio existencial profundo, como sinal de esgotamento de um modo de vida; é como se não houvesse saída, situação semelhante a um deserto.

Do ponto de visto coletivo, esse esgotamento parece ainda mais evidente. Um exemplo são as discussões sobre o meio ambiente. Muito se discute, mas à medida que o tempo passa, as discussões não produzem impacto real algum e os eventos climáticos só se agravam.

É como se a humanidade se estivesse lançando em um deserto. Apesar das muitas ideias, estudos e debates, ela se aprofunda no deserto com pouca ou nenhuma transformação real.

Dessa forma, torna-se cada vez mais evidente a existência de um conflito não solucionado entre uma maior particularização e individualização humana, e a necessidade de soluções coletivas. De um lado, não há como evitar maior individualização humana, pois esse é o processo inevitável de nossa trajetória; além disso, a individualização nunca foi e nunca será um problema na busca de soluções coletivas. Por outro lado, o problema real está na forma como buscamos soluções coletivas, que sempre derivam de uma forma egocêntrica. Sejam as soluções eurocêntrica, sinocêntrica ou americanocêntrica, todas elas são, em essência, soluções egocêntricas: nenhuma saída para os problemas coletivos ou individuais será encontrada com os meios e medidas que conhecemos. Isto é, fórmulas econômicas, políticas ou religiosas que não enfrentem o problema central, o egocentrismo, não produzirão efeitos reais.

A solução não virá dos governos, regulações ou mercados, que são criações das projeções humanas egocentralizadas. A solução virá do indivíduo, porém do indivíduo que venceu o egocentrismo.

Neste sentido, cabe ao ser humano aceitar um caminho que lhe propicie vencer o ego. No entanto, um caminho iniciático como esse não propõe o fim do indivíduo, como se nos diluíssemos e perdêssemos a consciência para uma consciência superior, que nos guiaria como seres sem individualidade. Não! O caminho proposto pela Escola Espiritual segue pela jornada do autoconhecimento, dinamiza o anseio de libertação, e propõe a autorrendição, porém nunca como anulação de si mesmo, como uma aniquilação da individualidade. Não! O que esse caminho propõe é o auto-desmascaramento da ilusão de que somos apenas nossos pensamentos e nossos desejos.

E esse ponto é fundamental: nossos pensamentos e desejos são apenas uma reação automática de nosso egocentrismo. E o egocentrismo é parte da construção social, que não tem conexão com a origem da vida.

Por isso, a vida focada no egocentrismo não é a única forma de viver a vida. A vida focada no egocentrismo é uma forma isolada, representada pela luta e pela sobrevivência. A alternativa, que sempre esteve aberta à humanidade, é a vida conectada com o Todo, sem perda da individualidade. Essa forma de vida foi belamente apresentada pelo cristianismo da seguinte maneira: "Observai os lírios; eles não fiam, nem tecem. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais tratando-se de vós, homens de pequena fé! Não andeis, pois, a indagar o que haveis de comer ou beber e não vos entregueis a inquietações. Porque os gentios de todo o mundo é que procuram estas coisas; mas vosso Pai sabe que necessitais delas. Buscai, antes de tudo, o Seu reino, e estas coisas vos serão acrescentadas."[10]

Em um caminho iniciático, a conexão entre o indivíduo e a vontade universal não é somente desejável, mas é a única saída para os problemas contemporâneo. A humanidade está esgotada com a busca de soluções negociadas. Portanto, é preciso uma saída radical. É preciso vencer o ego. Para isso, é preciso saber manejar o desejo e a vontade de uma forma absolutamente

inovadora, e isso não é trivial. Se não somos o que pensamos, sentimos e desejamos, o que somos?

Essa revelação nos colocará diante da questão fundamental. Se formos bem-sucedidos em desvendar esse dilema nos libertaremos desta vida isolada e nos conectaremos ao todo, sem que para isso precisemos estar em meio a multidões. Mas, antes disso, o dilema de nossa existência precisa ser reconhecido ao nos descondicionarmos dos velhos hábitos do desejar, querer e agir.

Essa é a fase do deserto iniciático, e precisamos aprender o que ele é e como atravessá-lo, tema do próximo capítulo.

---

9. https://www.ihu.unisinos.br/categorias/170-noticias-2014/530382-a-solidao-na-era-das-novas-tecnologias-de-informacao

10. Bíblia. *Lucas*, 12: 27-31.

VONTADE

Para solucionar os problemas contemporâneos da humanidade, antes é preciso reconhecer os velhos hábitos do desejar, querer e agir que no capítulo anterior foram comparados a um deserto que deve ser atravessado e deixado para trás.

Assim como um deserto árido e vasto, o campo de respiração do ser humano, quando não elevado ao espírito, pode se tornar um terreno estéril e desolado. O deserto exterior é uma metáfora para a travessia dos desertos mentais, das crenças limitantes, das ações conflituosas e das emoções conflitantes que obscurecem a clareza e a harmonia da consciência.

É das profundezas desse deserto interior, onde o ego vagueia por incontáveis dunas, que brota um mistério ancestral: o que existe de essencial em nós além de nossos pensamentos, sentimentos e ações?

Nossos incontáveis pensamentos, sentimentos e atitudes são os minúsculos grãos de areia que formam as cambiantes e infinitas dunas que se estendem muito além do que alcança nossa visão interna, a consciência. O deserto é um lugar de extremos, de calor abrasador durante o dia e frio implacável durante a noite. É um símbolo para a implacável bipolaridade que forma a gangorra da vida humana. Esse é o terreno que precisa ser ultrapassado e vencido, antes que sejam alcançados os segredos mais profundos nele ocultos.

Ao adentrar seu próprio deserto, a mente humana se depara com um território desconhecido. Assim como a areia muda de forma, conforme o sopro do vento, nossos pensamentos e emoções também são fluidos e mutáveis. Desvendar a psique, a alma, é caminhar pelo labirinto interno, em que cada passo revela um aspecto oculto de si mesmo. Cada duna representa um desafio,

uma crença arraigada, um ciclo de pensamentos repetitivos, um hábito ou uma ferida emocional que precisa ser enfrentada e curada.

Na travessia de um deserto externo, a jornada se desenrola em ritmo próprio. O tempo parece distorcido, como suspenso em um presente sem fim. Da mesma forma, a jornada pela psique não pode ser apressada; é preciso paciência e autoconsciência para explorar as profundezas do ser. A cada passo, nos aproximamos de nossa verdadeira essência, e nos confrontamos com nossos medos e inseguranças mais profundos. Crenças, ciclos repetitivos, hábitos, desejos, medos e tudo que se encontra oculto por baixo do mar de incontáveis grãos que formam o tecido de nosso campo de respiração, criam miragens e visões cambiantes que dançam conforme avançamos deserto adentro.

É nessa fase que há o risco de ficar paralisado frente ao espetáculo multicolorido da dança de nossas tensões, pois à medida que a jornada avança e nos aproximamos do núcleo do deserto, onde está a síntese do ego, a consciência se depara com uma vastidão de ilusões e projeções.

É fácil se perder nesse mundo de ilusões, assim como é fácil se perder na vastidão do próprio eu.

Por isso a verdadeira jornada interior requer discernimento e clareza. Devemos aprender a distinguir entre a miragem e a realidade, entre nossas ilusões e nossa verdadeira essência. Mas como ter clareza de percepção, se é o próprio instrumental da alma humana transitória, a consciência, que alimenta tudo isso? Neste ponto é necessária uma força que nos oriente a partir de fora ou do alto.

Os beduínos cruzam os desertos se orientando de duas maneiras: a primeira, pelo conhecimento de que o vento vem, normalmente, do oriente ou leste, e forma as dunas, que se orientam para o norte e para o sul. Simbolicamente, o oriente está associado à fonte da vida, o sol que sempre renasce. Assim, quem sabe ler os sinais que o vento forma na areia, se orienta de maneira segura. Da mesma forma, nossas tensões começam a ser trabalhadas e repolarizadas

quando o sol gnóstico interior – a força do coração energético humano, a força da mônada – começa a brilhar como o vento no deserto do leste para o oeste.

A segunda forma de orientação dos beduínos é dada pela estrelas. Do mesmo modo, devemos nos voltar para o alto, ou seja, para o espírito que nos chama e orienta. É ele que, como força imutável, nos dá segurança, desde que nos liguemos à sua força chamadora e sustentadora.

Por isso é fundamental ter a sabedoria de criar momentos de introspecção para ler nossa rota interna, seja nos voltando para o mundo interior, seja nos orientando pela força sustentadora e sempre presente do santo espírito sétuplo.

Nesses momentos de silêncio, em que mergulhamos nas profundezas de nós mesmos, é que somos capazes de nos conectar com nosso eu mais verdadeiro e ouvir a voz de nossa intuição, que está mais perto de nós do que nossas mãos e pés. No silêncio desse mergulho intuitivo, encontramos respostas para as perguntas que ecoam em nossa mente: Quem sou? O que há em mim além de meus pensamentos, sentimentos e ações? Então abrimos uma fresta de luz em nosso interior e descobrimos, em nós mesmos, a Sophia, a Gnosis, a sabedoria que emerge das profundezas de nossa psique.

Essa busca pela verdade e pela compreensão do que somos é jornada árdua, que exige do discípulo disciplina e perseverança.

O deserto é um lugar de desapego. Aqueles que se aventuram por suas areias devem abandonar tudo o que é supérfluo, tudo o que não é essencial. Na jornada interior, também devemos nos desapegar das identidades limitantes e dos apegos emocionais, racionais e da ação.

Abandonar as camadas artificiais que construímos ao longo do tempo, para nos reconectar com o que realmente importa, exige coragem para abandonar velhos padrões e abraçar essa mudança.

Fazer a travessia interior sem a essência espiritual pode ser comparada à jornada solitária, desafiadora e de alto risco de alguém que, despreparado, se lança no deserto. É quando se descobre a força do grupo. Os beduínos se

deslocam em grupo, pois conhecem, na prática, os riscos de se perderem quando estão isolados. Também devemos fazer o mesmo.

Chamamos a isso de unidade de grupo. A travessia interior é, obviamente, extremamente pessoal. Mas, ao nos reconhecermos como parte de um todo que tem o mesmo propósito, ganhamos a força que vem desse todo. E contribuímos com a força-alma, que existe em nós, para todos nós.

Quando caminhamos juntos, a essência espiritual que há em cada um é atraída pela lei da reciprocidade. Ela forma a mão sustentadora que atua como um guia compassivo que caminha ao nosso lado, nos lembrando de nossa força interior, nos encorajando a continuar e sustentando cada um.

Por outro lado, ao mergulharmos em nossas dunas, descobrimos o que existe em nós, o que percebemos mas que fingimos não reconhecer ou o que nem imaginamos existir.

Passamos então pela fase seguinte da travessia do deserto: o desafio do auto desmascaramento.

O desafiante processo de auto desmascaramento pode ser comparado ao que é encontrado na jornada do herói: um poderoso rito de passagem que conduz a um mergulho nas profundezas do ser. Nesse mergulho, somos desafiados a dissolver as camadas de ilusão e condicionamento que envolvem nossa alma, uma oportunidade única de questionar e rever as certezas que sustentam nossas identidades e que formam nosso ego.

Todos passam por esse processo, que não é agradável mas indispensável para a transformação interior. Por meio deste processo de amadurecimento começam a cair as máscaras que usamos, muitas vezes para nos adequar às expectativas externas, revelando a essência que se encontra oculta e precisa se revelar.

Isso pode parecer assustador e desconcertante, levando-nos ao incerto território da autodescoberta. É como se as fundações do nosso ser fossem abaladas; sentimentos de medo e insegurança emergem à medida que nossas presunções são retiradas.

É no calor desse caminho sofrido que amadurecemos e encontramos a força e a possibilidade de renovação interior. Ao nos desvencilharmos das amarras das expectativas construídas por nós, e coletivamente, nos livramos da pesada carga que nos faz arrastar pela areia. Por mais dolorido e desconfortável que seja, o fogo do auto desmascaramento nos amadurece e nos torna realistas, amorosos e compassivos, pois vemos nos outros viajantes máscaras iguais às que existem em nós.

Por esse processo nos tornamos mais experientes e autênticos, percebendo que cada um carrega e luta com sua própria máscara; reconhecendo que todos os seres humanos são absolutamente iguais; compreendendo que as dunas do deserto que cada um é e carrega não são nem melhores nem piores que as dos outros.

Um dos símbolos mais poderosos do gnosticismo crístico – aspecto crucial do auto desmascaramento, relacionado à travessia de si mesmo – são as três tentações no deserto, que simbolizam o apego da consciência humana à posse, ao prestígio e ao poder.

Na tradição cristã, essas tentações são associadas ao relato do período de quarenta dias em que Jesus passou no deserto, enfrentando diversas provações. Essas tentações representam desafios universais que enfrentamos em nossa jornada interior.

A primeira tentação é a da posse, que representa a busca pelo acúmulo e segurança material. Ela nos tenta com a promessa de que a felicidade e a plenitude serão encontradas na obtenção de mais bens materiais. Essa tentação nos leva a apegar-nos aos objetos e às posses como fonte de satisfação e segurança, mantendo-nos presos em um ciclo de desejo e insatisfação constante.

A segunda tentação é a do prestígio, que representa a busca pelo reconhecimento externo e pela validação social. Ela nos seduz com a promessa de glória e destaque, levando-nos a buscar o aplauso dos outros. Essa tentação

nos leva a basear nossa identidade e nosso valor na opinião alheia, tornando-nos prisioneiros das expectativas e padrões externos.

A terceira tentação é a do poder, que representa a busca pelo controle e pela dominação sobre os outros. Ela nos atrai com a promessa de que isso nos traz importância e superioridade. Essa tentação nos leva a buscar o poder como forma de preencher o vazio interior e reforçar o ego, criando divisões e conflitos no mundo.

Na travessia do deserto da própria psique, as três tentações são desafios significativos que é preciso enfrentar. Elas representam as armadilhas do ego, que nos mantêm afastados da verdadeira identidade. Ao se apegar à posse, ao prestígio e ao poder, fica-se preso a uma visão limitada e egóica da realidade, incapaz de experimentar a plenitude da vida baseada na consciência desperta.

Assim como Jesus resistiu às tentações no deserto, somos convidados a superar esses desafios por meio da sabedoria espiritual e da prática interior que, na Escola, é chamado de discipulado.

Ao se encarar as causas e os efeitos da posse, do prestígio e do poder, abre-se espaço para uma vida realmente transformadora. Reconhece-se que a verdadeira plenitude e realização vêm de dentro, e não das conquistas externas. Ao renunciar às amarras do ego e abraçar a simplicidade, a humildade e o serviço aos outros, nos tornamos livres para experimentar a verdadeira alegria e a paz interior da convivência com o espírito.

O impulso para descobrir a força impulsionadora, a energia motriz que nos leva a resistir e a superar tudo isso, traz a certeza de que a transformação estrutural é possível. Essa força misteriosa, que traz a coragem e a determinação para nos aventurarmos no desconhecido e abraçarmos o processo de autotransformação, é a energia dinâmica da vontade.

AUTORRENDIÇÃO

Tendo tratado nos capítulos anteriores das questões da individualidade, da solidão do egocentrismo e da necessidade de atravessar o confronto interno simbolizado pelas tentações no deserto, este capítulo trata do papel da vontade no caminho interior.

Vontade é o sumo-sacerdote no ser humano, a sua força mais poderosa, e o ensinamento universal afirma que ela é a grande força criadora do logos.

Ao observamos a natureza, vemos que tudo possui uma vontade, que guia e dirige todos os seres, independentemente de seu grau de consciência. A vontade se manifesta como a força mais elevada dos seres, como seu ponto mais elevado, onde conflui o impulso da vontade universal.

Seja uma pedra, planta, animal ou ser humano, tudo possui uma vontade, que dirige o aspecto mais dinâmico de sua manifestação, seja ele sua forma, vida, movimento ou consciência. A vontade se desenvolve com o próprio ser, como a ponta de uma árvore, que encerra seu impulso para o alto, sempre tomando a iniciativa e mantendo-se na vanguarda da manifestação.

A vontade não está presa aos seus veículos, mas, como essência da identidade dos seres, se associa a seu aspecto mais central e elevado, como força condutora de seu desenvolvimento. Ela é a própria essência do ser, a centelha de sua consciência, e não meramente parte de seus veículos de manifestação.

Em todos os seres a vontade é o espelho da única vontade universal, daquele que afirma “Ego Sum Que Sum”, “Eu Sou Aquele Sou”.

Esta é uma das chaves mais importantes do caminho da autoiniciação: a vontade é a força que no ser humano possui a capacidade de dizer “eu”. A vontade é o próprio núcleo do “eu”.

Por essa razão, todos os candidatos à senda da autoiniciação são colocados diante da tarefa incontornável de solucionar o grande conflito entre a vontade de seu "eu" e a vontade universal em seu ser. A isso a Escola Espiritual denomina de "autorrendição".

Há pouco foi dito que a vontade é a força mais poderosa que se manifesta em todos os seres no universo, a imagem da grande vontade universal. Como imagem do ser universal, a vontade é uma força insubjugável e invencível, uma força que, caso não queira render-se ou cooperar com algo, não pode ser vencida nem eliminada, por nada e ninguém. Desde o menor dos animais à mais frágil planta, resistirão até o limite de suas forças, e buscarão sempre de novo manifestar-se; ainda que sua forma exterior seja destruída, sua essência indestrutível persistirá nos campos de informação aos quais sua consciência pertence e, um dia, voltarão a manifestar-se em outra forma.

Isso também é válido para um ser humano, sobretudo para quem quer colocar os pés no caminho iniciático, pois caso sua força mais poderosa, sua vontade – que constitui o núcleo de seu eu –, não desejar cooperar na senda, disso resultará sua total impossibilidade de trilhar esse caminho.

Por isso, somos confrontados com a necessidade da autorrendição incondicional, o que, se mal compreendido, acarreta uma série de obstáculos criados pela própria consciência. A seguir tratemos de compreender melhor essa questão.

Em um primeiro momento, o processo de autoiniciação começa sem passar pela vontade humana. Essa é a diferença entre o processo de uma escola espiritual e o que as escolas oculistas, místicas e mágicas propõem: nestas, o processo sempre começa pela vontade do eu, oferecendo-lhe poder, prestígio ou posse, portanto uma recompensa no deserto da vida egocêntrica.

Contrário a isso, o processo de uma escola espiritual não começa com a vontade do eu, mas com um desejo, um anseio que não parte do eu, mas do núcleo divino, do princípio universal no âmago do ser. Todos os que encontram a escola espiritual não se tornaram buscadores da verdade por

decisão de sua vontade, mas sim por uma força mais poderosa que ela, por um anseio que os tornou buscadores a despeito de sua vontade.

Mas quando colocam os pés na senda e iniciam o caminho, cedo ou tarde passam pelo crivo da autorrendição de sua vontade, caso queiram continuar a trilhar o caminho.

Enquanto são tocados pelo enlevo de um anseio em seus corações, que desperta lampejos de uma nova compreensão em suas cabeças, tudo vai muito bem, pois, em realidade ainda não começaram a subir a montanha da iniciação; ainda se encontram no vale florido que rodeia o caminho, onde tudo é encanto e poesia, enquanto os olhos se deslumbram com a magnífica vista das escarpas da montanha da iniciação que se ergue, majestosa, adiante.

Enquanto o toque involuntário da centelha do espírito desperta um novo anseio em seus corações e flashes de uma nova compreensão em suas cabeças, tudo são flores, pois a vontade, o núcleo do eu, ainda intocado e protegido pelo *status quo* da vida comum, canta louvores à fraternidade, à escola e à senda das rosas.

Porém, tudo muda quando se é convidado a subir a montanha, pois ali, flores e hinos de louvor são de pouca valia diante das pedras da senda poeirenta que se abre diante dos pés. Nessa hora apresenta-se o grande teste, o critério real que distingue quem está preparado para a subida, e aquele que ainda deve permanecer no vale. Nenhum ser no universo é capaz de transformar sua vontade, sua força mais poderosa, se ela, de fato, não quiser cooperar. E isso também é válido para a senda da autoiniciação, pois se a vontade do "eu" não quiser se render, não haverá possibilidade de se trilhar o caminho. A vontade, o núcleo do "eu", não é força dócil ou submissa que se rende diante do inocente aceno de um anseio vago e de flashes de uma nova compreensão.

Esse é o grande portal da autorrendição, diante do qual todos são colocados, desde o ingresso no segundo aspecto da Escola Espiritual.

A vontade é a força mais ancestral do ser, que se manifesta desde a origem do universo, presente desde o surgimento do primeiro ser unicelular,

acompanhando todo o desenvolvimento da vida no cosmo. E, como força motriz dos diferentes campos mórficos da terra, ela já reencarnou, como centelha, infinitas vezes, antes de tornar-se o núcleo de nosso eu autoconsciente. Ela não se renderá a um anseio ou a um pensamento que, diante dela, com bilhões de anos de manifestação, são bebês recém-nascidos.

Do alto de sua experiência, assim como um irmão mais velho tolera as brincadeiras dos irmãozinhos mais novos, a vontade não leva a sério os anseio que brotam em seu coração ou os flashes de compreensão em sua cabeça. Como em uma brincadeira, onde nos fazemos de príncipes e princesas, a vontade se engaja "de brincadeira" no processo da autoiniciação, deixando seus irmãos mais jovens se divertirem com suas fantasias, enquanto ela mantém a atenção voltada ao que realmente interessa, os interesses do núcleo do eu e sua vida egocêntrica.

E, quando seus irmãos mais jovens reclamam de que não avançam, a vontade, com sua sabedoria milenar, toma os livros da escola espiritual e lhes recita alguns parágrafos, interpretando-os, convenientemente, a seu modo, e diz: "Mas, vejam, estou ajudando nesse seu projeto de "caminho espiritual". Aqui está escrito que o "eu" não pode fazer nada no caminho, não é verdade? Então, é justamente isso que estou fazendo, nada. Vocês que cuidem disso, ansiando e tendo lindos *insights* sobre esta senda de que tanto falam, e, como esse assunto não é para o "eu", continuo aqui, em total "autorrendição", a tocar nossa vidinha... Afinal, temos contas pra pagar, filhos pra criar, casa pra cuidar e um emprego pra manter, não é verdade?" E sorrindo amavelmente, a velha vontade permanece encarapitada em sua confortável poltrona, e a vida segue.

Essa é a farsa que a vontade, como núcleo do eu, pretende oferecer como compromisso, como uma paz armada, uma trégua sem fim, à batalha que precisa ser travada pelo aluno na senda.

E, caso tenha êxito, a vontade do eu nos fará acreditar que estamos trilhando a senda, quando, na verdade, nos encontramos apenas sonhando nas nuvens de nossa imaginação. E o despertar desse sono nunca é uma experiência agradável.

Mas quando o anseio despertado pela centelha do espírito é suficientemente forte, e a nova compreensão que ilumina o santuário da cabeça se mantém constante, como o relampejar de uma poderosa tempestade, mesmo os subterfúgios mais sutis da vontade do eu acabam por ser desmascarados pela força da vontade universal.

A vontade é uma força que se submete apenas a uma vontade superior, e, mesmo assim, mediante seu próprio consentimento.

E é para esse confronto sem escapatória, sem mais argumentos ou subterfúgios, que a vontade do eu precisa ser levada, sendo colocada, face a face, diante da vontade universal em seu próprio ser.

Assim como João Batista foi levado às margens do Jordão e colocado diante de Jesus, seu gêmeo, sobre o qual descia a pomba do espírito; assim como João, o profeta em Patmos, foi colocado diante do ser espiritual eterno, o Alfa e Ômega que detinha as 7 estrelas em sua destra, da mesma forma isso deve ocorrer com o aluno na senda. O núcleo de sua consciência, João, deve ser confrontado com o núcleo da consciência universal em seu ser, Jesus, o ser espiritual eterno.

Nesse confronto, João precisa tomar uma decisão, João precisa declarar suas reais intenções, não mais em um subterfúgio, compromisso, acordo ou fuga, mas em uma verdadeira autorrendição.

Assim, João diz:

"Daquele que vem depois de mim,
não sou digno de desatar os cordões de suas sandálias.
Eu devo diminuir, ele deve crescer.
Eu batizo com água, ele batizará com fogo.
A mim cabe apenas endireitar as veredas para seu caminho".

Esse é o primeiro João, o Batista, a consciência no início de sua senda. Nesse início, João, o núcleo da vontade no aluno, em autorrendição à vontade do todo em si, se coloca diligentemente diante de sua tarefa, pois o núcleo do eu, a vontade do ser humano, possui uma tarefa muito clara e indelegável na

senda. Trata-se da tarefa de "endireitar os caminhos", iluminar e transformar todas as vias de acesso à consciência, permitindo que uma nova força nela circule permanentemente. Trata-se de iluminar e transformar o mundo ainda obscuro dos pensamentos, sentimentos, desejos e reações automáticas que dirigem o ser, permitindo que uma nova consciência cresça nele, cada vez mais em força e poder.

Essa é a tarefa de João no deserto, o aluno no início da senda, que sobe gradualmente as primeiras etapas da senda da montanha da autoiniciação.

E, para aquele que finalmente aproxima-se de seu cume, desponta a tarefa do segundo João, o discípulo na gruta de Patmos, diante de quem ressurge o ser humano celeste, em seu fulgurante brilho.

Em autorrendição, diante de seu esplendor, João atira-se ao chão, cobrindo o rosto. Porém, o ser divino nele o soergue e amorosamente lhe diz:

"Vê, não faças isso, sou conservo teu, adora a Deus".
E, com os olhos fitos em seu olhar maravilhado, ele pede:
"Escreve estas coisas, pois são a Verdade Plena,
e as anuncia a todos os povos".

Que aqueles que tem ouvidos para ouvir, que o compreendam!

"Endireitem as veredas para o Ser Eterno, em seu próprio ser!
Trabalhem em si, diligentemente e sem mais delongas,
iluminando o que precisa ser iluminado,
demolindo o que precisa ser demolido,
e transformando o que precisa ser transformado.
Coloquem a vontade de seu eu a serviço da Vontade do Todo
E cumpram assim sua tarefa, em consciente autorrendição,
à Vontade Universal no âmago de seu mais profundo Ser".

Que assim seja!

O QUINTO ÉTER

A figura do Homem Vitruviano, obra de Leonardo da Vinci, representa um ser humano formando uma cruz e uma estrela de cinco pontas dentro de uma esfera. Dentre incontáveis características dessa figura, pode-se reconhecer o processo de mudanças orgânicas ocorridas no corpo quádruplo – composto pelos aspectos físico, etérico, astral e mental – ao trilhar a senda da autoiniciação.

Trilhar a senda não é uma metáfora: esse palmilhar exige, de fato, uma transformação orgânica na totalidade da veste corpórea quádrupla. Como se verá adiante, o homem vitruviano simboliza a transformação dos quatro corpos pelo quinto elemento, que tem a capacidade de alterar totalmente a sua configuração energética.

Um texto de Jan van Rijckenborgh diz o seguinte:

> *"A verdadeira manifestação acontece no quinto campo, chamado de Reino dos Céus. Neste campo, são assimiladas as forças dos quatro campos precedentes (os campos de preparação, do vir a ser de toda a manifestação) e, no equilíbrio perfeito assim atingido, a forma divina se manifesta. Assim, nasce o homem celeste."*[11]

De acordo com o ensinamento universal, o surgimento do novo ser humano aquariano – o novo tipo humano que se manifestará no período cósmico que se inicia – coincide com o aparecimento desse quinto elemento: o quinto éter, o éter ígneo, o éter de fogo. Esse novo éter marca a transição entre o período de Piscis e o de Aquarius, e representa um novo desenvolvimento orgânico; um novo corpo será formado, trazendo aos seres humanos a necessária modificação de sua estrutura orgânica. Esse novo desenvolvimento não ocorrerá acoplando-se ao que é velho, nem se restringirá à continuidade do processo evolutivo que nos trouxe até o presente, pois o desenvolvimento natural cessa quando surge a

autoconsciência, que denominamos “eu”. A partir desse momento, este deve assumir a responsabilidade pelo desenvolvimento ulterior.

É por isso que a escola espiritual afirma que é preciso que a consciência egocêntrica, enredada nos véus de sua veste corpórea quádrupla, se renda conscientemente à vontade do Todo, que arde na centelha do espírito no âmago do ser. Essa rendição dissolve as ligações cristalizadas, para que um novo corpo, o quinto corpo formado pelo éter ígneo, seja concebido, configurando a nova estrutura corpórea.

Para ilustrar essa transformação tão profunda e estrutural, um aluno da Escola fez a seguinte reflexão:

> “Imaginemos a seguinte situação: quatro pessoas estão muito ligadas, como que de mãos dadas, fortemente atadas. Elas formam juntas um quadrado firme e coeso. Esse quadrado é formado por quatro seres humanos, representando nossos quatro corpos: o físico, o etérico, o astral e o mental.
> O primeiro deles tem 40 anos, possui um corpo perfeito e forte e representa o corpo físico. O segundo, de 30 anos, um pouco mais tênue e fluídico que o primeiro, porém, possui muita energia de vida que sempre transfere e estimula o senhor de 40 anos com essa energia: representa o corpo vital. O terceiro, um jovem ainda, de 20 anos, é o mais emotivo e aventureiro, dado a levar seus amigos a gastarem as energias, e está sempre buscando satisfazer seus desejos: representa o corpo astral. O último, uma criança de apenas 10 anos, é o que pensa e quer. É o mais novo de todos, tenta entender sua própria vida e a de seus outros companheiros, e tem o poder de fazer acontecer as coisas. Ele representa o corpo mental. Entretanto, está sempre envolvido com as propostas do jovem de 20 anos, e não consegue agir de maneira independente e livre para escolher a melhor opção para si e para os outros três.
> De repente, achega-se a esse grupo de quatro seres humanos um novo elemento, muito persuasivo e fortemente intuitivo. Em realidade, ele foi atraído magneticamente pelo grupo dos quatro; eles opõem muita resistência a aceitá-lo, pois não compreendem exatamente a sua natureza.
> Porém, mesmo contra a vontade de todos, cedo ou tarde esse quinto elemento acabará por forçar a sua entrada no grupo, algo que, no fundo, é inevitável, pois ele representa o quinto elemento, o éter ígneo, o éter de fogo.
> Portanto, agora, a pergunta crucial é: ‘O que fará o grupo inicial que forma o antigo quadrado?’ Se resistir, sofrerá a consequência de ver suas ligações serem dolorosamente rompidas. Assim, extenuado, o grupo do antigo quadrado aceitará, involuntariamente, o quinto companheiro.
> Porém, se o grupo descobrir que o melhor a ser feito é abandonar a antiga e forte ligação que os une, poderá ver o quinto elemento se incorporar a eles de uma forma espontânea e harmônica e, por isso mesmo, compreenderá que, a partir de então, deixando de ser o quadrado antigo, poderão se tornar um pentagrama, um novo ser, cujas características serão totalmente renovadas, e, por isso, como

consequência do soltar as amarras que atavam os quatro, um novo corpo quíntuplo surge, mais completo, luminoso e cheio de sabedoria."

A chegada do quinto éter na atmosfera do novo período aquariano forma o quinto corpo da personalidade humana, o corpo-alma, o pentagrama. Os elementos que constituem os quatro corpos do ser humano – o físico, o etérico, o astral e o mental – sempre obedeceram a um mesmo movimento de agregação e desagregação, atando e desatando as conexões entre si, para que o novo corpo fosse incorporado na constituição. Desde a formação do corpo físico foi assim: na chegada do corpo etérico, no surgimento do corpo astral e no nascimento do corpo mental. Agora, um novo elemento, o quinto éter, o éter de fogo, muito mais dinâmico e fluídico que os quatro anteriores, dará à antiga personalidade quádrupla uma nova constituição e uma densidade muito mais sutil.

O quinto éter já se manifesta sobre nós, e é preciso que a humanidade – constituída e adaptada aos quatro corpos – aprenda a lidar com a chegada desse novo éter. Ela deve se abrir a esse novo impulso, franqueando as ligações corporais e a estrutura energética de sua personalidade quádrupla para uma verdadeira renovação de toda sua estrutura. Isso levará a uma verdadeira transformação de identidade da consciência, da antiga identidade quádrupla egocentralizada para uma nova identidade-alma quíntupla.

O quinto éter é o éter da realização. Por isso é dito que esse éter tira do homem o que ele não realizou, mas, por outro lado, consolida o que ele já realizou a serviço do plano universal do Logos.

No mundo da experiência e das percepções, o ser humano egocêntrico se afasta cada vez mais do verdadeiro objetivo de sua existência, perseguindo com sua mente concreta as sombras que seu "eu" projeta no deserto da vida material. Assim, sua vida pode ser comparada a uma imitação, que persegue as sombras da realidade de seu ser universal interior, nelas buscando segurança, conforto e proteção.

Para que a personalidade não seja desnaturada por um toque demasiado brusco e violento, as escolas espirituais, com o auxílio impessoal de seus campos de forças, dirigem-se a todos os buscadores da verdade que despertaram das sombras ilusórias da realidade da consciência egocêntrica, e propõem um processo de restabelecimento, por meio do toque crescente do quinto éter, que ocorre ao longo do trilhar da senda, passo a passo, num caminhar constante.

Dessa maneira, por meio do toque do espírito em seu ser, e do auxílio impessoal do campo de forças, a consciência pode trabalhar constantemente em si mesma, transmutando gradativamente os veículos de sua personalidade quádrupla em uma nova forma. Assim, surge a estrela de cinco pontas, a estrela de Belém, o símbolo da alma renascida, o novo ser humano, o pentagrama de fogo intencionado por Deus.

Esse é o objetivo da escola espiritual: preparar um grupo de seres humanos que realizam em si a meta do novo período aquariano, auxiliando, mediante seu novo estado de ser, o raiar de uma nova era para o mundo e para a humanidade.

São os nossos mais sinceros votos, que a nova veste quíntupla da alma renascida se revele para todos os seres humanos, elevando-se qual ígnea estrela quíntupla sobre os vastos e radiosos horizontes de Aquarius!

---

11. Rijckenborg, J. “Os sete campos do microcosmo”.

A BUSCA DA PERFEIÇÃO E A VERGONHA

Existe no ser humano um esforço inato de busca pela perfeição, uma busca incessante para alcançar uma condição superior, ser cada vez melhor, progredir em todos os sentidos. Como personalidades não temos chance de ser perfeitos; mesmo assim, temos necessidade de ser impecavelmente bons. Como alunos, lamentamos pelo fato de não sermos tão eficientes em alguns aspectos; é difícil aceitar nossas imperfeições e os erros que cometemos... Somos incapazes de aceitá-los e, às vezes, até uma pequena falha nos deixa envergonhados.

Brené Brown, pesquisadora norte-americana que passou mais de uma década estudando a experiência da vergonha, a define como o medo de quebrar um sentimento de conexão. Esse medo surge toda vez que deixamos de fazer alguma coisa ou fazemos algo que não atende as expectativas de nossos entes queridos[12]. Quando não cumprimos nossas intenções ou não alcançamos nossos objetivos, começamos a nos perguntar se merecemos o amor ou o respeito dos outros. Julgamo-nos indignos de pertencimento e aceitação por causa de nossas imperfeições e deficiências. E, por sermos imperfeitos, temos vergonha.

Persistimos nisso num círculo vicioso, presos pelo medo de errar, da humilhação, da rejeição. A vergonha causa dor real, comparável à dor física, difícil de tratar porque fica escondida: temos vergonha de falar do que é vergonhoso.

A pesquisa de Brené Brown a levou a distinguir várias "categorias de vergonha": de ter defeitos, quando nos sentimos intrinsecamente falhos; da exposição, pelo medo de sermos vistos como realmente somos; da imperfeição, porque a busca constante pela perfeição é inalcançável; de ser vulnerável, pelo receio de mostrar nossas fraquezas; de ser julgado, pelo medo do veredito dos

outros; de pedir ajuda, pela relutância em buscar apoio quando precisamos; de não pertencimento, por nos sentirmos desconectados ou excluídos; da própria cultura, relacionada à identidade cultural e ao pertencimento; de gênero, por não correspondermos às expectativas de gênero; de ser inseguro no trabalho, pelo receio de mostrarmos fraqueza no ambiente profissional; de envelhecer, com a luta contra o envelhecimento e suas implicações; de enfrentar a morte e a dor, pela dificuldade em lidar com perdas e sofrimento. Vergonha por estar acima do peso; por ter problemas financeiros; por não ter um parceiro ou uma parceira; por ter um trabalho de baixa remuneração e qualificação; por um casamento que está se desmoronando; por não ter realizado nossas expectativas ou de nossa família etc. Vivemos uma epidemia de vergonha, estando constantemente expostos ao julgamento dos outros; somos avaliados a cada passo de nossa vida e nos sentimos inadequados. Almejamos a perfeição em todas as funções que desempenhamos, como aluno, empregado, companheiro, cônjuge, mãe, pai, cidadão; como se pudéssemos ser uma versão perfeita de nós mesmos, e não nos damos a chance de cometer erros. Sentindo vergonha, experimentamos a separação e a solidão, e tentamos a todo custo recuperar o senso de pertencimento e de comunidade. Ansiamos por nos sentir dignos de amor.

Além disso, os meios de comunicação nos apresentam incessantemente pessoas bonitas e bem-sucedidas, que aparentam viver experiências incríveis e ter uma vida maravilhosa. Pessoas comuns, conhecidas e desconhecidas, amigos e familiares, estão sempre postando fotos e mensagens nas mídias sociais, nós mesmos costumamos fazer isso. E assim vivemos sempre nos comparando uns aos outros, sempre esperando corresponder às expectativas alheias. Tudo isso aumenta ainda mais a pressão sobre nossas expectativas, em geral irreais diante da nossa humilde realidade; e assim, a vergonha está gravada na emotividade humana.

Podemos nos libertar da vergonha, apagar registros anteriores e não permitir que ela seja vivenciada novamente? E em nossa escola, também sentimos a

pressão da vergonha? A escola nos obriga a sermos perfeitos em nosso caminho, ou somos nós que nos impomos objetivos irrealistas de perfeição espiritual e nos tornamos os mais severos críticos, tanto de nós mesmos como de outras pessoas?

Esse tema oferece diversos aspectos sobre os quais precisamos refletir. Em primeiro lugar, é preciso compreender que essa busca pela perfeição é um reflexo do anseio da nossa essência divina, que deseja se expressar plenamente e nos conectar novamente com a pátria perfeita perdida, o Espírito Universal, o Absoluto. A centelha do espírito inflama em nós o anseio por uma vida perfeita, a busca por um estado de perfeição em nós e no mundo.

Mas o sentimento de ser indigno, de inadequação, de não corresponder ao ideal de perfeição que se busca é um empecilho, um obstáculo que nos impede de avançar com firmeza e determinação no caminho da libertação.

Quando se diz que o autoconhecimento é um passo fundamental no caminho espiritual, isso não significa ficar paralisado com a percepção de nossa imperfeição. Certamente somos imperfeitos e o mundo inteiro também é: assim podemos aceitar nossas imperfeições.

Em um mundo perfeccionista, assertivo e profissional, devemos encontrar dentro de nós a coragem de cair, de errar. Ter coragem de aceitar que não somos perfeitos é a base de nossa recuperação.

A dureza interior das certezas irrefutáveis do que é certo e errado, essa determinação de alcançar a perfeição de nosso ego, esse furor incessante de medir e comparar, a nós e aos outros, tudo isso precisa ceder diante da luz de nossa centelha do espírito. Sabendo que nossa personalidade nasceu de um mundo de imperfeições, como nossa vida seria mais fácil e quão menos tensão se acumularia em nosso corpo se nos permitíssemos cometer erros! Que alívio não ter que ser bom, perfeito e, portanto, deixar de esperar isso dos outros, deixar de julgá-los, criticá-los, e não ter mais ressentimento de nós mesmos e de nossos semelhantes! Esta é uma das chaves que abre a porta da liberdade. Brown, no livro citado, explora a importância de aceitar a vulnerabilidade e a

imperfeição na busca por uma vida mais autêntica e significativa, para ousar ser quem realmente somos.

Outra escritora, Joanne Rowling, autora da série de livros Harry Potter, assim expressou: "Somente quando formos corajosos o suficiente para explorar a escuridão, seremos capazes de conhecer o poder infinito de nossa luz".

Não podemos nos deter na percepção da imperfeição de nosso ego; devemos seguir adiante, ansiar e trabalhar interiormente por um estado mais elevado de consciência e de vida, que pode nascer pela conexão com nossa centelha do espírito, pela autorrendição ao reino interior. Nessa conexão interior e autorrendição à centelha do espírito, nasce uma nova compreensão e aceitação de nós mesmos e do mundo, e as tempestades astrais e mentais começam a amenizar, até alcançarmos o silêncio interior.

Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri são claros sobre a busca da perfeição pelo aluno no caminho:

> Não apenas o homem perfeito pode trilhar o caminho, mas este caminho está aberto para o imperfeito e para aqueles preocupados com a sua imperfeição. Num estado de libertação de si mesmo, o candidato descobre porque foi chamado, porque foi convidado. Não foi chamado para se mover imediatamente para a perfeição.
>
> Uma vez chamado, ele descobre que é somente após um longo, longo processo que ele é condicionado a ser capaz de alcançar essa perfeição. Ele não é, portanto, imediatamente chamado a atingir o objetivo final, pois certamente ainda não seria capaz disso. Ele é chamado a encontrar-se no caminho e aprender a percorrê-lo, por isso é chamado a um processo de santificação.
>
> A libertação da prisão, o enobrecimento para um novo tipo humano requer um novo começo, requer a iniciação de um caminho no qual grandes dificuldades, perigos e problemas complicados também aguardam o aluno.
>
> Este novo estado, no entanto, é muito diferente do puramente dialético. No turbilhão da dialética, o aluno se depara com um esforço infrutífero que, de uma forma ou de outra, retorna continuamente. No estado da nova alma, cada dificuldade superada é a vitória final e, portanto, a pedra de construção para uma nova realidade essencial.
>
> É por isso que o sonho profético traz grande paz a Cristão Rosacruz. A força da Fraternidade de Cristo o libertou de seus laços mais básicos. Quando ele descobre que as correntes lhe causaram feridas e que consegue correr com dificuldade, é-lhe dito: 'Meu filho, não te preocupes com esta enfermidade, mas lembra-te das tuas fraquezas e, ao mesmo tempo, dá graças a Deus, que ainda estás neste mundo, e no estado de sua imperfeição, permitiu que você chegasse a tão sublime Luz. Guarde essas feridas por minha causa'.

> Pode-se ver aqui que a visão de Cristão Rosacruz tem a intenção de explicar ao candidato de forma inteligente em que ponto e em que estado o caminho começa para ele.
> Primeiro deve-se viver a experiência de estar preso na escuridão. Depois, em segundo lugar, a mesma experiência, mas intensificada mil vezes pela Luz reveladora da Fraternidade. Em terceiro lugar: superar o clima de pânico e as manifestações de autoafirmação no egocentrismo. Em quarto lugar: a paz da libertação de si mesmo; estar livre da busca dialética de libertação, sem medo ou desespero. Quinto, a imersão do novo fogo da alma no sistema central, como uma nova ajuda da Fraternidade. Sexto, pisando no caminho e, finalmente, em sétimo, uma liberdade reconquistada, a possibilidade de voltar a ser filho de Deus.[13]

Conclui-se que a vergonha, muito mais que um estado de separação, é um apelo positivo à consciência para levá-la a entrar resolutamente no caminho de um desenvolvimento interior guiado por esse anseio de liberdade e superação, e guiá-la de volta à comunidade humana original. Pois essa consciência, que nasce do anseio, do desejo do coração, é uma força regeneradora. Que possamos seguir essa senda que vai da escuridão de nossa consciência egocêntrica e separada, até à alvorada de uma consciência iluminada pelo Espírito.

---

12. Brown, B. *A coragem de ser imperfeito.*
13. Rijckenborgh, J. van; Petri, C. *O novo sinal.*

O CAMINHO NA BUSCA DA VERDADE

A busca da verdade é uma jornada desafiadora e significativa, plena de experiências e oportunidades de crescimento interior. É um caminho de autodescoberta, onde cada passo amadurece a alma, permitindo novos estados de percepção da realidade.

Assim como um botão de rosa desabrocha, a alma humana se abre gradualmente, revelando facetas ocultas da realidade. Essa revelação acontece à medida que o buscador mergulha nas profundezas de sua essência, superando os desafios naturais de sua condição percebida no tempo e no espaço, e expandindo sua consciência para além dos limites conhecidos.

A transformação do estado de consciência de quem busca o espírito é semelhante à do recém-nascido que caminha para o estado adulto. Ao nascer, ele tem a consciência biológica; apesar de potencialmente presente, a plenitude do ser adulto é desconhecida e inimaginável no início da vida. Conforme a criança cresce e amadurece, a transformação da sua percepção e interação com o meio ambiente vai se ampliando, até que ela se manifesta plenamente e se torna um ser autônomo.

Da mesma forma, o buscador da verdade atravessa a jornada de amadurecimento interior, em que estados mais profundos de consciência não estão presentes de imediato, mas sim potencialmente, para se mostrarem ativos no momento certo. Nos alunos que buscam a transfiguração, a consciência da nova alma, ligada à eternidade, é uma possibilidade levada gradualmente ao nascimento, atravessando muitas fases.

Na criança, à medida que seus corpos vão se desenvolvendo, ela vai assumindo a responsabilidade por um determinado estado de vida. Do mesmo modo, ao dar os primeiros passos no discipulado, no aluno acontece algo

equivalente, porém com uma diferença significativa. Enquanto os aspectos físico e etérico do crescimento natural são governados pelos fatores hereditários, biológicos e genéticos e os aspectos astral e mental pelos fatores cármicos e pessoais, isto é, pela inteligência das forças planetárias, o crescimento do novo corpo alma-espírito é governado pela nova consciência, que nasce auxiliada pelo corpo vivo.

O corpo vivo da Escola concentra a inteligência que leva ao nascimento e crescimento supranatural. Mas essa inteligência precisa ser ativada, no interior do indivíduo, pela nova alma em crescimento. É como se a centelha do espírito fosse de outra natureza, e assim fornecesse outra genética e outras forças intercósmicas.

A consciência natural somente chega à consciência da eternidade por meio do que a Escola chama de autoiniciação, que não é um processo automático, mas feito em liberdade, autonomia e envolvimento da própria consciência.

Essa liberdade e autonomia não existem na vida natural: o adolescente não escolhe permanecer adolescente o resto da vida; ele simplesmente é levado pelo campo planetário a se tornar adulto. Mas o ser humano natural não avança em seu estado de consciência – do nível do tempo e do espaço para o da eternidade – se ele mesmo não se dispuser a percorrer o processo de transformação. Ele deve abrir a fonte, que já está presente em seu ser, e contribuir para o nascimento, crescimento e realização da alma-espírito, paralelamente ao processo da vida natural. No aluno esse processo de crescimento depende de sua aceitação e cooperação. Por isso, na Escola se fala de autoiniciação: nada acontece se o aluno não se entrega ao processo de mudança.

Esse processo de mudança é uma fonte inesgotável de aprendizado e crescimento. Passa-se pelos estágios mais elementares do discipulado até uma conexão mais profunda com a verdadeira essência do ser. É uma jornada de despertar, em que a alma se expande, revelando a realidade antes oculta, como uma rosa que desabrocha sob a luz do sol. Essa jornada é descrita de muitas e

diferentes maneiras nas várias tradições espirituais, embora todas apontem para um mesmo e único processo de desenvolvimento interno.

No cristianismo esotérico, por exemplo, esse processo é descrito como o caminho dos três personagens centrais da saga bíblica: João, Jesus e Cristo. Numa interpretação literal do texto, trata-se de três pessoas distintas. João nasce, prega no deserto, vê o estado seguinte se aproximar e sai de cena. Jesus percorre um caminho de curas, milagres, superação das questões que reinam no deserto da vida; depois experimenta a provação extrema, que é a crucificação. O terceiro, Cristo, é o mais misterioso de três e aparece por último, em estado glorificado, e se dá a conhecer aos discípulos, quando quer e como quer.

De acordo com a interpretação exterior, que muitos fazem, os nomes desses três personagens são santificados e glorificados. É assim que acontece no estágio inicial da fé exterior, em que se projeta fora o que está no interior do ser, dando à projeção um caráter personificado, como se fossem três pessoas distintas. Essa antropomorfização traz certo conforto aos que trilham o caminho da fé externa, pois lhes dá a certeza de que há alguém todo poderoso que vela por eles, cuida deles e, em sua incapacidade de lidar com o próprio carma, assume seus pecados.

Mas aqueles que se aprofundam no caminho da transformação da consciência começam a desconfiar que essa interpretação é muito simplista. Pois que valor tem sua consciência se ela depende de alguém que vem de fora e lhe traz a salvação? É por isso que aqueles que trilham o caminho da autoiniciação percebem que é preciso trabalhar internamente para que tudo isso tenha valor real e seja vivo e, o mais importante, seja perceptível como uma realidade em seu interior.

A necessidade de viver isso internamente foi descrita de maneira bem sintética e velada há mais de 2.000 anos por Hermes Trismegisto, também conhecido como Toth, na "Tábua de Esmeralda" ou "Tabula Smaragdina". É um texto complexo e enigmático que tem sido interpretado de muitas maneiras. Alguns acreditam que o texto seja uma descrição da alquimia física,

enquanto outros creem que seja uma metáfora para a alquimia espiritual pessoal. A frase inicial diz o seguinte: “É verdade! É certo! É a verdade toda! O que está embaixo é como o que está em cima; o que está em cima é como o que está embaixo, para que os milagres do Uno se realizem”.

“É verdade! É certo! É a verdade toda!” Como entender esse início? De acordo com a interpretação de Jan van Rijckenborgh,

> Na primeira estrofe, é mencionado que a verdade da Tabula Smaragdina é inteiramente confirmada pela experiência na própria personalidade e sistema microcósmico. Quando o homem hermético diz “É verdade!”, expressa algo diferente do que diria um homem comum. O homem hermético só fala e testifica da verdade quando trilha o caminho e experimenta pessoalmente os valores em questão. Ao ouvirmos esse testemunho, podemos crer e confiar perfeitamente na sua exatidão, compreendendo que, um dia, quando também trilharmos o caminho da experiência, poderemos dizer com a mesma certeza: “É verdade!” A verdade só tem valor e é real para você quando é sentida e vivida de primeira mão. De que serviria uma verdade que você não segue nem vivencia? A segunda estrofe “É certo!” significa que a verdade não pode proporcionar mais do que a experiência própria, não pode oferecer mais do que isso, e que qualquer elemento filosófico e especulativo o afasta da verdade. E com relação à terceira estrofe, “É a verdade toda”? Como bem sabemos, existem inúmeros sistemas filosóficos contraditórios. Muitas vezes, eles manifestam pensamentos de elevado nível, de um ilimitado anseio pela verdade, mas realmente estão distantes dela!
>
> A verdade de que o homem hermético testifica é, em primeiro lugar, o resultado de sua própria experiência; em segundo, ela é livre de qualquer elemento especulativo; em terceiro, tem de ser a verdade na íntegra. Só quando a verdade for completa é que ela poderá ser libertadora.
>
> O homem não iniciado frequentemente diz: “O que é verdade para você não será necessariamente verdade para mim”. Com isso, admite-se que muitas das assim chamadas verdades antagônicas querem se impor umas às outras. ... um caminho que é necessário e verdadeiro para uma pessoa, pode ser inteiramente inútil e prejudicial para outra... No entanto, a verdade na íntegra, no sentido hermético, é universal, relaciona-se a todos e é destinada ao mundo e à humanidade.[14]

Então, como fazer para que aquilo que se busca seja percebido como verdade? O caminho sétuplo, de que trata o próximo capítulo, leva o aluno a adquirir a verdade não somente como posse universal, mas também como realização pessoal, em seu interior.

14. Rijckenborgh, J. van. *A gnosis original egípcia,* cap. 2.

A CAUDA DE PAVÃO

Como chegar à verdade pela experiência, que seja posse interior e integral, não fracionada, e alinhada com a sabedoria universal? Existem várias maneiras de entender esse processo. Uma delas é a compreensão do significado dos três personagens do novo testamento: João, Jesus e Cristo.

O caminho de João é o mesmo que todos percorrem no início da busca espiritual, peregrinando por inúmeros caminhos como se estivessem em um deserto, buscando aqui e acolá, descobrindo algo que brilhava como ouro, percebendo no momento seguinte que a verdade ainda não havia sido alcançada.

Esse é o longo caminho das experiências, o caminho percorrido no tempo e no espaço. Esse vaguear por caminhos incertos e tortuosos, como um subir e descer nas dunas interiores das certezas e incertezas, produz marcas: o tom de nossa psique ou de nossa consciência se transforma à medida que vivemos seguidas experiências. Isso possibilita que João veja o novo estado de consciência se aproximar, vindo do outro lado do rio Jordão, ou seja, vindo de novas possibilidades latentes no próprio sangue. Desse estado de buscador surge um outro, mais elevado, que convive com o que é buscado, o Espírito.

Essa força superior, Jesus, realiza milagres, curas, ressuscita mortos etc. Isso simboliza a transformação interior dos aspectos anímicos e espirituais do ser humano. Do ponto de vista da eternidade, esses aspectos anímicos e espirituais estão mortos, por isso devem ser ressuscitados; estão cegos para o mundo divino, por isso devem voltar a ver; são paralíticos, mudos etc. Por isso é dito que João e Jesus são parentes, ou seja, têm uma ligação próxima. Em determinado momento, João é decapitado, e sua cabeça é levada em uma bandeja, símbolo de um novo campo astral. Assim, o estado de alma natural é

deixado de lado, e a nova alma, Jesus, prossegue seu caminho no campo astral superior.

Finalmente, segue-se a fase mais crítica, quando a nova alma, Jesus, é pregada na cruz da realidade humana, se entrega prisioneira da vida humana, para que o terceiro e mais elevado estado possa surgir: o estado de consciência crístico, que é o que vai conduzir e realizar a transfiguração.

Mas é preciso cuidado na compreensão desse processo tríplice. O caminho que leva da consciência João para a consciência Jesus não é automático, como são as transformações naturais de uma criança para um ser adulto, mas deve ser realizado por escolha e esforço próprios. Por isso a Escola apresenta um caminho de autoiniciação e alerta que há um único mestre: a centelha do espírito que está em cada um. E quem, dentro de nós, percorre esse caminho? É o estado de consciência Jesus que vivencia tal transformação, a partir da base estabelecida pelo estado de consciência João. Essa caminhada tríplice é paulatina e cuidadosa.

Ao longo dos tempos ela foi representada de muitas formas, tais como o desenvolvimento de uma semente até a árvore adulta que produz frutos; a transformação da lagarta em borboleta; o subir de uma montanha; uma viagem ou uma batalha heroica; um processo alquímico, ou mesmo na forma de símbolos mais abstratos, como cores e sons.

Esse último aspecto é exemplificado na metáfora chamada de cauda de pavão, que no processo alquímico se refere ao momento em que surgem diversas cores iridescentes durante a transformação da matéria-prima bruta em uma substância mais pura e refinada, como parte do caminho para a criação da pedra filosofal. É um belo símbolo para a transformação do fogo da consciência: as múltiplas cores da cauda de pavão simbolizam as nuances distintas da capacidade de percepção da alma em sua elevação. Esse processo de transformação está detalhadamente descrito no livro O mistério iniciático cristão: Dei Gloria Intacta, de Jan van Rijckenborgh. Na introdução é dito que aquele que segue o caminho de transformação sabe sobre o sofrimento causado

pelas muitas experiências desse caminhar, e desse modo adquire autoconhecimento como base para a caminhada posterior.

Inicialmente, no mais profundo do ser humano, em sua retorta alquímica, surge a assim chamada cauda de pavão, cuja primeira cor é o amarelo matizado de ouro. Nessa fase Jesus luta com a lógica e com o pensamento do velho Mercúrio, com todos os aspectos nervosos correspondentes. A primeira fase desse caminho é o aquietamento da mente e o desmascaramento dos esquemas lógicos que se constroem em torno do discipulado. Na filosofia hindu, a mente é considerada a assassina do real[15], pois tende a criar e envolver o homem em esquemas lógicos do pensamento racional, obscurecendo a verdadeira essência espiritual que reside no coração energético humano. Para alcançar o encontro com essa essência, é fundamental aquietar a mente. Isso pode ser realizado quando a consciência percebe que existe uma força que impulsiona a busca espiritual, instigando-a a sair da zona de conforto dos esquemas do pensar tradicional.

Quando a consciência toma essa força impulsionadora desconhecida como fiel da balança, ela pode observar o fluxo contínuo da mente, a produção incessante de pensamentos. Ela, a consciência, deixa de ficar oscilando nos pratos da balança, saltando do positivo para o negativo, e busca o centro imóvel. Ela, então, não se coloca como julgadora, mas sim como observadora do fluxo dos pensamentos; não busca interromper o fluxo dos pensamentos com mais pensamentos, colocando mais agitação mental e mais energia no que quer aquietar. Ao se colocar como observadora do fluxo de pensamentos, tendo como base o impulso da busca que nasce do próprio interior, a essência espiritual oculta age como o fogo alquímico que realiza o processo de separação dos elementos.

Então acontecem as duas fases iniciais da alquimia. Na primeira, percebe-se de maneira neutra o caos do pensar; é a fase alquímica da calcinação, ou do Nigredo, na qual o alquimista se purifica pela autoconfrontação com o fluxo mental. Na segunda, tal percepção começa a separar lentamente a consciência

dos esquemas mentais; é a fase da dissolução, ou do Solutio, na qual o alquimista deixa de se identificar com o fluxo do pensamento e mergulha em sua própria essência espiritual, no ponto neutro e imóvel que existe antes do positivo e do negativo. Tem início, então, a separação dos elementos, quando a flama da consciência se desconecta, por pouco que seja, da agitação mental e das limitações do pensamento racional. Assim é aberto o espaço para que a verdadeira intuição espiritual floresça.

Desmascarar os esquemas lógicos do pensamento racional implica em reconhecer que nossa compreensão do mundo é apenas uma fração da realidade. A lógica e o pensar, embora importantes, não conseguem abarcar o todo. É na quietude interior do espaço que se abre entre a consciência e o pensar que se dá a segunda fase do processo da cauda de pavão, na qual acontece o desmascaramento da força do amor natural, pessoal, perante o amor universal.

Nessa segunda luta, a força Jesus dirige-se contra a força-amor inferior de Vênus. Na retorta da aura aparece o verde em um matiz quádruplo. O amor é conhecido em suas múltiplas formas, desde as mais passionais às mais sublimes. Todas essas formas de expressão da força do sentimento têm seu lugar na vida humana. Mas existe uma força desconhecida que cria, sustenta e alimenta a criação como um todo. Trata-se do amor universal, aquele que não separa, mas que une tudo e todos. É o amor que não faz distinção entre o ser mais minúsculo e a galáxia mais imensa. É a argamassa que mantém unidos todos os tijolos da construção do que se chama Universo. Esse amor não é o sentimento que se conhece na natureza, sem dúvida belo e necessário; não se trata de uma força ou impulso, mas de um estado de ser desconhecido, que surge quando essa argamassa universal começa a se manifestar dentro de nós. Nessa fase, é experimentado o amor universal que movimenta toda a criação, como uma mola propulsora interna para um estado de vida superior.

Quando, dessa forma, tanto a cabeça quanto o coração se aquietam e, por mínimo que seja, neles surgem novos espaços de manifestação da vida

universal, são lançadas as bases de uma nova ponte que une os dois centros fundamentais da vida humana, a cabeça e o coração. A luta no campo mental se dá primeiro, precedendo a do campo emocional. É nessa ordem, porque os pensamentos inflamam o campo astral, que gera novos pensamentos e, assim, cria um círculo vicioso. Por isso o campo mental deve ser purificado, ou pelo menos apaziguado, antes que a purificação dos sentimentos aconteça.

A chave vibratória dos pensamentos encontra-se no coração, mas a função do pensar precisa aquietar-se antes que o campo da idealidade, ou da identidade, o coração, seja trabalhado. Se isso não acontece, o campo astral é a todo momento inflamado por pensamentos, o que adiciona desafio ainda maior ao alquimista. Cabeça e coração em equilíbrio permitem à força renovadora no interior da pessoa avançar para o próximo centro da alma humana, onde se aloja a expressão do que dá força à vida do ego, o local onde se reflete a vontade cerebral: o plexo solar.

O próximo capítulo continua a tratar desse campo interior, onde acontece a batalha entre o que é terreno e o que é divino, batalha conduzida pela nova consciência que nasceu, a força Jesus.

---

15. Blavatsky, H. *A voz do silêncio.*

A BATALHA ENTRE O TERRENO E O DIVINO

O plexo solar é a fortaleza onde se escondem os fantasmas ancestrais que residem no subconsciente, a grande parcela da complexa alma humana oculta abaixo da linha do consciente. Nas tentações de Jesus no deserto, isso é simbolizado pela aproximação de Satanás, tentando induzir Jesus a adorá-lo: essa é a grande tentação da esfera solar. É nessa sede do ego que estão as estruturas fundamentais das três tentações: posse, prestígio e poder; é aí que a força da nova consciência encara e ultrapassa essas estruturas que sustentam o funcionamento do ego, voltando-se para o que de fato importa: o divino em nós.

Ultrapassadas as tensões no plexo solar, a força da nova consciência se volta para o regente do sistema da vida humana, a vontade. A terceira luta de Jesus realiza-se na esfera de Marte. Aqui Jesus está diante da tarefa de exterminar a vontade dinâmica, de aniquilá-la completamente até as raízes. Na retorta aparece um vermelho quádruplo. A iniciação de Marte desenvolve a força dinâmica da vontade criadora; é a vontade livre que emprega, da maneira preconizada pelo plano do Logos, todas as forças da sabedoria colocadas à sua disposição. Essa transformação da vontade somente ocorre se o caos do pensar, sentir e agir tiver sido minimamente modificado. Se isso não acontece, a velha vontade continua se apoiando sobre a antiga vida do pensar e do sentir e, astuciosamente, anda de mãos dadas com as forças subconscientes do plexo solar, fingindo que tudo está indo bem, embora ainda sob o comando da velha vontade.

Quando o aluno ultrapassa essa etapa, ele entra em outra zona de perigo se achar, erroneamente, que já venceu a luta. Ele apaziguou o pensar, o sentir e as forças do plexo solar, e começou a transformar sua vontade. Isso ainda não

basta: em quarto lugar vem a luta da força interior Jesus contra o orgulho e a vaidade. Isso é simbolizado pela luta contra o velho Júpiter, que faz surgir na retorta alquímica do candidato, no seu fogo serpentino, o azul quádruplo.

Na astrologia esotérica, Júpiter está relacionado à expansão da consciência e ao desenvolvimento espiritual, simbolizando a busca por conhecimento superior, sabedoria e crescimento interior. Por outro lado, na sua manifestação negativa, ele pode levar ao exagero, à extravagância e ao excesso de confiança. Essas são exatamente as raízes do orgulho e da vaidade. O orgulho é a identificação excessiva da consciência com o ego, que sempre busca validação externa, o que estabelece as raízes da vaidade, em que a pessoa procura satisfazer seus próprios interesses em detrimento dos interesses dos demais. Isso o distancia do crescimento espiritual mais profundo. Essa quinta luta Jesus conduz contra a força determinante do destino de Saturno; na alquimia, aparece na retorta o matiz laranja quádruplo.

Essa estrutura de trabalho apresenta a mesma lógica do caminho transfigurístico. Em primeiro lugar, equilibra-se o pensar e o sentir, o que estabelece a base para que a sede do ego, no plexo solar, seja transformada. Com os três centros da consciência em um novo estado, vem o equilíbrio da vontade, a força dinâmica que pode então atuar na consciência tríplice que foi transformada inicialmente. Com a nova força dinâmica da vontade, o orgulho, a vaidade e a presunção são encarados pela força da nova alma, a consciência Jesus, que está percorrendo todos os caminhos no interior do microuniverso humano. Estabelecida a base de uma nova vontade, livre do orgulho de já se achar um liberto, o ser humano pode colocar, humildemente, as mãos no leme do barco da sua vida. O destino que o arrasta para a vida comum no campo da transitoriedade pode ser alterado. Ele não depende mais do que vem de fora, de alguma teoria, de algum mestre. O espaço estável criado pelas quatro transformações anteriores permite que a manifestação da nova alma passe a ser a bússola que dá rumo à sua vida.

Mas, para que isso se mantenha, é preciso apelar para a influência superior saturnina, relacionada à disciplina, ao autocontrole e à perseverança. Essas características saturninas trazem o amadurecimento e a sabedoria para lidar com o próprio caminho, ou seja, com o destino. É assim que, com base no que foi vivenciado anteriormente, se aprende a manter o curso do barco da vida, mesmo que as ondas do mar estejam furiosas e nos jogando de um lado para o outro. E isso com certeza acontecerá! Esses momentos provam se estamos, realmente, em condições de fazer as boas escolhas. Boas escolhas são as relacionadas ao livre-arbítrio orientado para o crescimento espiritual, e não para o "viva e deixe morrer" dos que querem simplesmente viver a vida!

Então vem a sexta luta, que se dirige contra Urano: nessa luta Jesus tem de vencer o irracional, que é incompatível com a razão superior. Para entender essa sexta luta é preciso saber que Urano é um planeta transpessoal, um dos que está na fronteira entre o que pertence ao microcosmo e o que o liga ao cosmo, ao que está além do limitado cenário individual. Para entender a influência de Urano no sentido gnóstico, também é preciso fazer distinção entre o mental concreto, a razão e o pensamento abstrato.

O pensar concreto pode ser comparado à manipulação de tijolos que constroem uma linha de raciocínio. Jan van Rijckenborgh fala dos pensamentos como sendo "produtos manufaturados"; não coisas concretas, mas objetos viventes, com força vital para influenciar a vida humana.[16] Essas "coisas", esses "seres vivos", são produzidos por meio do cérebro, a máquina que manipula a matéria-prima, a substância conhecida esotericamente como mentalis, dando forma e concretude ao pensamento concreto. A razão, por sua vez, diz respeito à capacidade da mente de organizar as ideias de forma que surjam os pensamentos, por meio dos complexos mecanismos cerebrais. No caso do ser humano natural, tanto o pensamento quanto a razão operam nos limites do tempo e do espaço.

Já o pensamento abstrato – o pensar no mundo da alma superior – opera acima desses limites, e por isso não é percebido nem mesmo imaginado pelo

pensamento concreto; mas esse pensar abstrato vê os objetos mentais concretos como um pedreiro vê os tijolos que darão forma à parede. No mundo do pensamento abstrato também há uma razão, só que superior. Ela opera no mundo da nova alma, e dá forma ao pensamento abstrato. E faz uso do pensamento concreto da mesma forma que um construtor usa o tijolo como e quando quer. Conclui-se que, do ponto de vista do mundo divino, o que se chama de razão humana é irracional. Por isso, Urano, como aspecto transpessoal, que vai além do que pertence ao tempo e ao espaço, rompe esse limite. Dentro dos limites da razão e do pensamento concreto, a sexta luta é a da nova alma, da força Jesus, contra o irracional; essa luta pode ser imaginada, mas há uma grande distância entre isso e viver essa experiência.

Finalmente, vem a sétima luta, a última e mais difícil, que Jesus realiza na esfera de Netuno; nessa luta Jesus alcança a vitória sobre a falsa consciência-deus. Na retorta do alquimista aparece o matiz violeta: Jesus venceu os poderes das trevas e ingressa na glória do pai. No simbolismo exterior Netuno é o deus dos mares e das águas. Do ponto de vista iniciático, mares e águas se referem a campos astrais. A iniciação de Netuno tem como missão realizar a partir de novas águas – ou seja, de novos campos astrais – a completa purificação e o renascimento de todo o microcosmo. Nessa última fase ocorre a manifestação plena da forma espiritual.

Se a sexta luta já é difícil de ser compreendida, a sétima é ainda mais! O motivo é que ela acontece na raiz das causas da separação do reino divino. Por que a humanidade se desviou do desenvolvimento divino previsto? Por que ela tomou um atalho que a colocou fora dos trilhos do caminho das estrelas, como diziam os cátaros? Não teria sido exatamente a falsa consciência-deus, ligada à perda da razão superior e à prisão nos limites do pensamento e da razão segundo o tempo e o espaço? Por isso é preciso se desligar dos campos astrais e mentais naturais e se ligar aos campos correspondentes da eternidade. Criar a partir dos campos astrais naturais certamente traz a sensação de que se é um

deus. Mas, do ponto de vista do mundo divino, ilimitado, trata-se de uma falsa consciência-deus.

A chave para ir além da ideia romântica de que somos deuses enfaixados no tempo é a transformação do Netuno do zodíaco natural – também um planeta transpessoal – no Netuno como catalisador da transformação divina. Se esse salto não é dado, e se as seis etapas da alquimia divina não são vividas, nosso aspecto netuniano continua catalisando reações alquímicas limitadas ao campo astral e mental natural. Mas, se essa transpessoalidade é vivida, então Netuno cria, livre, desimpedido e autonomamente e não fica preso à sua criatura.

Para concluir, por que se fala de cores quádruplas? A razão é que essa complexa mudança estrutural deve ocorrer em todo o edifício do ser humano. O retorno do ser divino ao nível da consciência e da vida da eternidade requer que sua veste quádrupla, seus quatro corpos naturais, sejam transformados pelo processo chamado de transfiguração. Essa palavra significa "ir além da figura". Ou seja, o renascimento estrutural deve ultrapassar as quatro camadas que sustentam o ser humano. Quando isso acontece, surge na retorta do atanor, no forno alquímico – no fogo serpentino – uma variação quádrupla de cor.

Tudo isso pode parecer distante, pouco compreensível e talvez mesmo inalcançável. Mas se o impulso para a busca espiritual está presente, e é reconhecido como força ativa na vida do indivíduo, isso significa que um princípio da nova consciência está brotando no seu interior, e este princípio, como uma nova criança, crescerá no campo de vida da eternidade, em resposta à sua dedicação.

Esforcemo-nos para que todas as cores do maravilhoso matiz divino possam também se revelar em nosso interior, impulsionadas pelo fogo espiritual que arde no coração, colorindo a nossa vida.

---

16. Rijckenborgh, J. van. *Luz sobre o Tibet*, p. 24.

O TEMPO

O tempo molda as experiências humanas; seus ciclos oferecem oportunidades para aprendizado e compreensão sobre as mudanças que têm sido cada vez mais rápidas. Esse tema é abordado de diversas formas no conhecimento universal, e este capítulo explora apenas duas de suas inúmeras dimensões. Essas dimensões permitem compreender melhor como o tempo influencia a existência e como, ao perceber que os eventos se repetem em padrões cíclicos, é possível ampliar a percepção sobre nós mesmos.

A primeira dimensão diz respeito à passagem do tempo e suas possibilidades. Segundo a mitologia grega, Cronos é o deus do tempo; ele devorava os próprios filhos para que nenhum deles pudesse um dia lhe roubar o trono. Suzana Schwartz destaca que esse mito retrata o caráter destrutivo do tempo[17]: os objetos queridos, as paixões, as realizações mais grandiosas cedem perante esse "senhor" que parece reger o destino humano.

Partindo da percepção da inevitabilidade do tempo e seus ciclos, o livro Eclesiastes, do Velho Testamento, oferece outra abordagem em linguagem poética[18]:

> Tudo tem o seu momento apropriado;
> há um tempo certo para cada propósito sob o sol:
> Tempo de nascer e tempo de partir,
> tempo de semear e tempo de colher o que se plantou,
> Tempo de ferir e tempo de curar,
> tempo de derrubar e tempo de erguer,
> tempo de lamentar e tempo de sorrir,
> tempo de chorar e tempo de dançar,
> tempo de espalhar pedras
> e tempo de juntá-las novamente.

Essas duas abordagens, aparentemente tão distintas, evidenciam algo que ainda causa desconforto a muitos: a passagem do tempo é inevitável, e produz modificações na vida através de seus infinitos ciclos, seja na forma como se percebe a vida ou pelas mudanças das suas condições.

E tais modificações são parte de um processo natural que, se bem aceitas, trazem grandes possibilidades ligadas à capacidade de observar de forma objetiva o passar do tempo. Porém essa capacidade não é linear nem passiva. O desenvolvimento dessa nova capacidade depende do nosso conhecimento do mundo, de nossas vivências e de nossa abertura para perceber novas experiências, isto é, depende do nosso estado de consciência.

Quando fazemos uma viagem que nos tira da rotina, por exemplo, temos em geral uma relação diferente com o tempo. É comum que um conjunto de novos acontecimentos, diferentes da experiência cotidiana, transformem nossa percepção. Em situações como essa, por vezes temos a sensação de que um dia equivale a uma semana, uma semana a um mês e outras percepções semelhantes de tempo estendido. Isso ocorre porque nas viagens nos abrimos a novos experimentos, e usamos nossa vontade para aprender novas coisas e ter novas experiências. Portanto, fatores externos podem alterar nossa percepção do tempo.

Esse fato foi testado e comprovado em uma pesquisa publicada recentemente na revista científica Nature Neuroscience. A pesquisa identificou que nos mamíferos ocorre uma alteração da percepção do tempo de acordo com a mudança de temperatura de uma parte mais profunda do cérebro, denominada "estriado". Quando ocorre o resfriamento do estriado, os mamíferos se comportam como se o tempo parecesse mais curto, enquanto seu aquecimento indicava que o tempo era mais longo do que era na realidade.[19]

A hipótese que se buscou analisar nesse estudo era a dos "relógios da população". Essa ideia complexa sugere que grupos de neurônios, chamados de populações neuronais, podem ser responsáveis por codificar e gerar padrões temporais no cérebro. Esses padrões de atividade neuronal mudam ao longo do

tempo e podem estar relacionados a diversas funções cerebrais, como coordenar movimentos e processar eventos sensoriais. Estudos como esses confirmam o que se nota na experiência diária: de que a percepção do tempo não é linear. Esse fato cria uma série de circunstâncias curiosas, e explicam comentários corriqueiros de que uma determinada situação parece passar rapidamente para uma pessoa, enquanto dura uma eternidade para outra.

Além dessa constatação lógica, de que o tempo não passa de forma linear e de que nossa percepção a seu respeito é relativa, soma-se o fato de que a passagem do tempo produz modificações na vida. E tais modificações são parte de um processo natural que, se bem aceito, produz enormes possibilidades para o ser humano. Dentre essas possibilidades, a mais evidente é a de se viver várias vidas em uma só: uma vida como criança, outra como jovem e muitas outras na fase adulta até a velhice. E, estando atentos, em cada uma dessas etapas se recebe uma quantidade enorme de experiências que são a chave do desenvolvimento interior.

Nesse mesmo sentido, a percepção de que a atual revolução tecnológica tem feito o tempo passar mais rápido ganha um novo significado, ao percebermos que o volume de experiências oferecidas à humanidade neste momento permite ampliar enormemente a possibilidade de viver diversas vidas em uma só. Viver várias vidas em uma só é uma possibilidade criada para que possamos transcender a própria vida. Para tanto, é preciso uma nova percepção, a de ver além dos ciclos diários e sazonais do tempo e conquistar a noção de união com o todo.

Neste ponto atingimos a segunda dimensão do tempo: a percepção do tempo psicológico e sua transcendência.

Vimos que a percepção do tempo é mutável e que, além disso, vivemos um momento de aceleração externa, nas relações e nos fenômenos. Por meio da enorme soma de informações e experiências, esses fatores têm propiciado, em seu conjunto, a possibilidade de se viver como que várias vidas em uma só.

Examinemos esse aspecto à luz da Roda de Samsara. No budismo, Samsāra refere-se ao conceito do ciclo da vida, do nascimento à morte, que envolve todos os seres no Universo e do qual só se escapa por meio da iluminação. Se a cada giro da Roda de Samsara, com suas diversas experiências, o ser humano tem a possibilidade de encontrar a iluminação, imagine uma condição em que essa roda ganha grande aceleração e diversas experiências são ofertadas em apenas uma vida.

Isso significa que as possibilidades humanas de libertação nunca estiveram tão acessíveis como nos dias atuais; nunca foi tão factível percorrer o caminho de autoiniciação, como nos dias atuais. Se a base da autoiniciação é a abertura para o aprendizado por meio de experiências, nunca as condições exteriores estiveram tão favoráveis a esse processo, que pode se realizar agora de forma muito acelerada.

Neste momento de grande abertura e oportunidade, cabe à Escola oferecer de forma cada vez mais clara e ampla seus ensinamentos, para que cada ser humano, amparado em um conhecimento concreto de transformação, possa colocá-lo em prática. Nossa Escola, embora centenária, trouxe à luz um processo iniciático moderno e adequado ao momento, a autoiniciação.

Esse processo está resumido na fórmula da gnosis quíntupla, sobre a qual sugerimos que os alunos se debrucem e busquem entender cada vez mais suas nuances. Ao se aprofundar nos aspectos basilares da gnosis quíntupla, o aluno nota uma perceptível mudança em seu ser, que permite combater uma eventual acomodação ou cansaço diante de tantas transformações e mudanças deste momento. A chave para isso é o reconhecimento de um tempo interior imutável, que se dá a partir da completa transformação do sentir, pensar e agir. Tal movimento interior está ligado diretamente à purificação dos três santuários, o do coração, o da cabeça e o da vida.

Purificação aqui tem uma conotação muito clara e precisa: é a conquista da liberdade de viver o presente, sem amarras da memória do passado e sem projeções de um futuro qualquer. O caminho para a conquista dessa

purificação passa pelo reconhecimento de que cada experiência diária é uma oportunidade para que a nossa consciência revele nossos aprisionamentos e nossos hábitos. E, na medida em que caem os véus da autoilusão – a ilusão de que somos o que pensamos, sentimos e fazemos a partir da memória ou de nossas projeções –, abre-se para nós o presente absoluto.

O presente absoluto é a própria percepção do tempo interior imutável, pois quem vive no presente reconhece que tudo flui. Essa é a experiência da transcendência sobre a qual os grandes do espírito sempre falaram. Essa é a eternidade no tempo sobre a qual tanto ouvimos na Escola. Essa é condição para um contato direto com o fogo do espírito, que nos transforma em um templo humano. Um templo interior inatacável que cria um tempo interior imutável, nesses tempos de grande força e fluidez.

Que cada um de nós tenha a coragem, a força e a sabedoria para esse encontro interior!

---

17. Schwartz, S. *Aprendizagem: questão de ritmo?*, p.1.
18. Bíblia. *Eclesiastes*, 3: 1-5.
19. Monteiro, T. et al. *Using temperature to analyze the neural basis of a time-based decision.*

A ESTRUTURA DOS SERVIÇOS TEMPLÁRIOS

Há alguns aspectos utilizados no trabalho da Escola Espiritual que chamam a atenção dos alunos novos, que se perguntam sobre a estrutura utilizada nos textos lidos durante os serviços templários. Eles se perguntam por que, não sendo a Escola Espiritual uma religião, percebem uma estrutura aparentemente ritualística, na qual por vezes são utilizados trechos de escrituras do ensinamento universal.

É importante esclarecer que, mesmo que essa estrutura se pareça com algumas que se conhece ou de que se ouve falar, utilizadas em religiões e outros movimentos, o objetivo da estrutura utilizada na escola é totalmente distinto; a forma não deve levar a confusões e interpretações equivocadas.

Os serviços templários funcionam como um verdadeiro trabalho interior, um serviço para o nosso templo interior. Os textos têm o propósito de fornecer as ferramentas necessárias para o trabalho dos alunos.

Antes de aprofundar esse tema, é preciso compreender porque é necessário um templo físico para realizar o trabalho da Escola, e o que é um templo. Um templo é uma oficina de trabalho, um campo de força, luz e vida que funciona de maneira similar a um campo magnético. E são necessários templos físicos porque o ser humano ainda não atingiu o ponto de se tornar, ele mesmo, um templo totalmente consciente. Talvez no futuro, com a manifestação do corpo mental em sua plenitude, os templos físicos se tornem dispensáveis, já que o campo etérico do mundo deve se tornar o verdadeiro templo universal que irá abarcar o ser humano aquariano. Porém, para que isso se torne uma realidade, o corpo mental do ser humano – com seus aspectos concreto e abstrato – deve estar minimamente formado, pois as imagens recebidas do Espírito precisam de um veículo para se manifestar.

Em um campo magnético são colocadas em circulação forças que atuam de acordo com determinada estrutura e polaridade. Nele se encontram diversos vetores de força com seus polos positivos e negativos que, em seu estado original – com o campo magnético em repouso, estão desordenados.

O campo de força da Escola Espiritual funciona de maneira semelhante, e os polos de força – positivo e negativo – desordenados no estado de repouso do campo da Escola somos nós. Isso ocorre principalmente quando, no início de um serviço templário, em um templo físico ou de forma on-line, nossos pensamentos, sentimentos, desejos e ações estão em desordem e em desarmonia com esse campo. É fácil perceber isso pelo tempo que demora para conseguirmos nos aquietar e colocar toda a atenção no que estamos ouvindo; é como se o silêncio que buscamos escapasse a todo momento e os pensamentos se movessem em todas as direções, dificultando a concentração no que está sendo dito.

Apesar de ser uma situação indesejável, a Escola sabe que em muitos casos isso acontece e, para amenizá-la, é necessária uma estrutura própria para ajudar os alunos a colaborarem no serviço e para auxiliá-los em seu caminho.

O primeiro auxílio é dado pela própria existência do campo magnético formado pela orientação pura de todos os alunos que participam conscientemente das atividades oferecidas. O corpo vivo da Escola é mais do que um campo magnético: é um campo de força, luz, calor, som, coesão, vida e movimento.

Durante um serviço é formada uma construção etérica por meio de vários fatores: o tema do serviço, a leitura que é feita, a atenção do grupo que está ouvindo de forma consciente etc. Quando um ou mais desses fatores não se manifestam da maneira adequada, a construção etérica fica como que cheia de buracos e a força não circula da maneira idealizada. Como nossa consciência oscila o tempo todo, qualquer ponto fora do propósito do serviço é suficiente para fazer com que se perca aquilo que está sendo dito, assim como fios desencapados atrapalham a condução de energia.

Voltando à questão da estrutura de um serviço templário: ela reflete a manifestação dos 7 raios do Espírito. Esses 7 raios determinam a manifestação de tudo que se pode perceber no Universo, como as 7 notas musicais, as 7 cores, os 7 chakras principais, os 7 estados de consciência. Assim, um serviço templário possui 7 partes: a abertura, a invocação, algumas palavras que visam uma profunda introspecção, a alocução, uma invocação final, e as palavras de encerramento, além da parte musical e momentos de silêncio que permeiam toda essa estrutura.

As palavras de abertura e de enceramento do serviço atraem e nos selam com a força fundamental do Espírito que impulsiona tudo e todos – o raio 1 da vontade do absoluto. A introspeção e as invocações colocam em ação os raios 2 e 6, o amor universal e a dedicação inabalável, que devem levar o mais profundo de nosso ser a ligar-se à centelha do espírito em perfeita e consciente dedicação. A alocução deve colocar em ação os 3 raios construtores do Espírito: o raio 3, a inteligência criadora, que nos oferece a visão interior da alma para trilhar o caminho; o raio 5, a sabedoria aplicada que permite compreender como podemos trilhar o caminho; e o raio 7, a ação libertadora que nos concede a força para trilhar o caminho. Os momentos de silêncio e os intervalos musicais devem harmonizar o nosso ser com a atmosfera do campo magnético para que haja uma perfeita união entre o Ser e o campo de forças, sustentados pelo raio 4, a harmonia criadora.

Portanto, um serviço é uma fórmula muito precisa, que utiliza uma combinação perfeita dos elementos positivos e negativos dos 7 raios. Por essa razão, toda a mensagem de um serviço, representada pela alocução, somente pode ser compreendida se estiver sustentada por um novo estado de consciência, que é estimulado e potencializado pela primeira parte do serviço, conhecida como introspecção.

E o que é um ritual para a Escola Espiritual? Para compreender a essência real desse trabalho, é preciso que o aluno se livre dos conceitos exteriores e superficiais. Tudo na vida é ritmo; o ritmo tem relação com o corpo etérico.

Portanto, um verdadeiro ritual também é ritmo. Por meio do ritual as linhas de força do corpo etérico vão se alinhando de acordo com a vibração do Espírito.

No início, o corpo mental ainda em formação – com seus aspectos concreto e abstrato – não tem condição de receber o espírito conscientemente. Do mesmo modo, o corpo astral é dominado pelo egoísmo. Ele deveria ser um corpo em constante transformação para que não houvesse cristalização, mas se tornou uma prisão, um corpo caótico, dominado pelo egocentrismo. Assim, é necessário que o processo de transformação comece a tomar forma no corpo etérico, por meio da formação gradual de uma nova consciência.

A estrutura de um ritual atua de maneira ordenada em todos os 7 aspectos da consciência, para que haja uma transformação dos corpos sutis sem que a consciência egocêntrica comum interfira. Por essa razão, muitas vezes um ritual pode ser algo difícil para a consciência comum compreender. Essa é também a razão pela qual muitas vezes ouvimos algo no serviço templário e logo em seguida não lembramos exatamente o que foi dito. A consciência é elevada por meio da fórmula do ritual e atua em aspectos aos quais o ego não tem acesso. Porém, é importante saber o que está por trás da fórmula.

Existem diferentes maneiras de se construir um ritual, um ritmo. Como estamos na fase de transição de um tipo humano – Peixes – para outro – Aquário –, temos que encontrar um ponto comum na Escola Espiritual. Por essa razão temos uma estrutura de serviços que deve abarcar esses dois tipos humanos. E quando entendemos a maneira como um ritual é construído, colaboramos no objetivo proposto pela Escola.

Cada parte de um ritual tem um encerramento, para que haja um selamento, a conclusão de uma vibração rítmica antes que se inicie outra. Como se estivéssemos subindo as escalas musicais para uma conclusão, para uma completude.

Esperamos ter esclarecido o que se encontra por trás das fórmulas que a Escola usa e que muitas vezes parecem incompreensíveis. Muitos alunos, nos primeiros anos de sua ligação com a Escola, se entregaram às suas orientações

com todo seu coração, mesmo sem compreender totalmente essas questões. Isso mostra que seu estado de alma reconheceu, mesmo que intuitivamente, a verdade que se encontra por trás da instituição. Porém, nos dias de hoje, não é possível pedir aos alunos que se aproximam para que realizem algo que sua consciência não compreende. Isso é assim, porque a era de Aquarius tem como ponto de apoio a consciência, que deve ver por meio das fórmulas e, assim, realizar o que deve ser realizado, entendendo que é uma só força – o Espírito – que se manifesta por diferentes formas. Aquele que entende isso, sustenta o trabalho da Escola da maneira como ele se apresenta, já que são os mesmos princípios espirituais que norteiam o trabalho de libertação da humanidade.

São nossos mais sinceros votos que este capítulo tenha trazido mais clareza sobre o propósito de nossa escola espiritual, e tenha contribuído para maior compreensão em sua jornada espiritual.

POR QUE FAZER PARTE DA ROSACRUZ ÁUREA?

Por que faço parte da Escola da Rosacruz Áurea? O que me impulsionou a buscar respostas para aspectos fundamentais da vida, levando-me a encontrar essa Escola? O que há por trás dessa instituição que me chamou a atenção? Este capítulo explora um pouco o que está por trás da busca e que serviu, serve e servirá de combustível para a jornada de crescimento e transformação espiritual.

Somos nós que fazemos surgir as condições para essa jornada de desenvolvimento interior, ou veio de fora esse incômodo que nos tira do marasmo da existência comum? Em um primeiro momento, podemos achar que "sim, fui eu mesmo que busquei e ainda busco!". Mas será que podemos ser tão autoconfiantes, a ponto de creditar esse movimento ao eterno e ilimitado apenas às nossas transitórias e limitadas capacidades pessoais?

Ao confrontar de maneira objetiva e serena a nossa condição mortal e temporária ao oceano ilimitado da vida divina, que tanto se anseia alcançar, chega-se a um ponto de interrogação: como fui e sou auxiliado nessa busca pelo que está tão acima de minhas capacidades? Essa indagação é importante não só para se ter uma visão interior, mas também para um entendimento claro de alguns pontos que estão na base do que chamamos corpo vivo.

Simbolicamente, corpo vivo designa um ser vivente, supranatural, formado por pequenas células, no qual a força do espírito – o ouro – se manifestou. Essa força espiritual toca o ser humano de maneira dupla: como impulso transcendente, vindo dos domínios espirituais, do Pai, do Insondável, e a partir de dentro, da força imanente que está presente no núcleo mais elevado e

desconhecido do homem, a mônada. A mônada é o núcleo de nossa identidade espiritual, a assinatura que caracteriza nossa individualidade. É por meio dela que se estabelece a conexão direta com o divino e que, pelo trilhar do caminho da transformação interior, se pode ser a expressão suprema do criador original. Ela é a fonte primordial da qual brotam as energias e as forças que estão na base da criação de nossa vida. Em uns, essa fonte jorra de maneira efetiva, como sua essência espiritual mais pura e elevada; em outros, naqueles que estão em processo de maturação e crescimento, ela ainda se expressa de forma mais primária.

Assim como acontece na manifestação universal, a expressão individual da força monádica segue um ritmo próprio, como uma cadência, e pode ser apresentada de várias maneiras. Vamos propor uma, que não é definitiva, mas apenas uma analogia. A força do espírito, ao transformar os santuários do coração e da cabeça, manifesta no ser humano três elementos: calor, luz e fogo. Ao longo do discipulado, a força do espírito se manifesta inicialmente como calor, como a força motivadora que injeta em nós a energia necessária para buscarmos a verdade; esse calor nos inspira a explorar cada vez mais profundamente a natureza espiritual de nossa realidade mais íntima. Essa força acalentadora e impulsionadora pode ser vista como a expressão do amor divino. Quando damos ouvidos ao impulso da busca, sintonizamo-nos de maneira intuitiva e não consciente com o calor do amor divino, e nos conectamos à própria essência monádica.

Quando uma célula do corpo vivo (ou seja, um de nós) reconhece em si mesmo esse amor como fonte de sua busca espiritual, ela irradia para todas as demais células (os demais alunos do corpo vivo) a mesma força impulsionadora que está em si. O aluno fará isso de maneira impessoal, mas não inconsciente; ao contrário, ele sabe ser sua missão irradiar o calor que lhe aquece o coração para aqueles que buscam a verdade.

A luz, por sua vez, pode ser entendida como a representação da sabedoria divina. Ela está na base do que chamamos de iluminação espiritual. Cada

criatura segue seu caminho de transformação e evolução; a luz que emana da mônada é que ilumina esse caminho. Por que vamos por aqui e não por ali? Por que, depois de termos sido impulsionados pelo calor espiritual, trilhamos um caminho e não outro? As inspirações que brotam dentro de nós e revelam, ainda de forma difusa, a misteriosa vida espiritual que nos aguarda, são efeitos da luz que a mônada provoca em nossa percepção interior. É essa luz que nos orienta. O calor nos aquece, nos dá energia e nos coloca em movimento; a luz demarca o caminho e delineia a jornada espiritual que cada ser humano deve seguir.

Do topo do corpo vivo – o cume da montanha que chamamos de cabeça áurea – emana uma luz orientadora que permite a cada aluno de todos os discipulados compreender o caminho a ser percorrido e, principalmente, buscar uma conexão cada vez mais direta com sua centelha divina.

Desde o início do discipulado, os alunos são estimulados a compreender o que precisa ser feito para buscar a conexão com sua própria essência, o fogo monádico oculto no seu coração energético e espiritual. Essa conexão deve ser dupla: por um lado, intuitiva, nascida do coração de onde ela brota; por outro, compreendida com a razão, para ser utilizada como guia da jornada. Os momentos de introspecção são indispensáveis para nos conectarmos com essa luz, com essa sabedoria divina que brota da mônada e que ilumina nosso caminho. É assim que vai sendo criada a compreensão cada vez mais forte e aprofundada da realidade espiritual, tanto na sua expressão individual quanto coletiva, no corpo vivo.

Por fim vem o fogo, o terceiro atributo mágico que emana do alto do corpo vivo e que também precisa nascer dentro de cada um. Na alquimia, o fogo é o agente de transformação que separa o puro do impuro. Na etapa alquímica da calcinação, uma substância é submetida ao fogo para que todas as impurezas sejam queimadas, deixando apenas a essência, a origem espiritual que fará surgir o ouro.

No lento processo de transformação que ocorre no laboratório alquímico pessoal, o fogo vai queimando o que é inferior e impuro. É pela ação transmutadora do fogo que a consciência é elevada e o propósito da criação é alcançado, o que é inferior é consumido e o que é divino, superior, ocupa o espaço deixado. O fogo espiritual da mônada é, portanto, a força que impulsiona a evolução espiritual da criação. Ele simboliza também a coragem de enfrentar os desafios do crescimento espiritual e a determinação de avançar nessa jornada, não importa quão difícil ela possa ser. Ele é a energia que nos estimula a superar as limitações da nossa personalidade.

Tudo isso pode soar teórico e distante, mas lembremos de que quando decidimos nos tornar alunos, essa decisão de nossa intuição, razão e vontade foi imediatamente respondida pelo corpo vivo. Quando se compreende, anseia e busca realizar esse caminho, por mínimo que seja, se está cumprindo o que se espera de todos nós: sermos uma ponte entre o mundo do espírito e o corpo vivo. E, por sermos células desse corpo vivo e estarmos abertos ao espírito, ajudamos a transformar a consciência coletiva do corpo vivo, irradiando força-luz também para o mundo e a humanidade. É assim que nos tornamos um catalisador, um acelerador das reações alquímicas espirituais dentro e fora da Escola.

A capacidade de perceber as coisas, internas e externas, vai sendo alterada por experiências, eventos ou desafios. Compreensões transformadoras advindas do discipulado marcam a consciência e são lembradas como pontos de apoio, quando delas se necessita. Tudo isso promove o despertar da nova alma-espírito e nos tira da inércia, retira a autocomplacência, nos faz perceber a rotina pegajosa a que estamos presos, nos desafia a questionar e rever crenças, valores e padrões mentais, emocionais e de comportamento. Essas sacudidas nos forçam a buscar respostas mais profundas e significativas para nossa vida. Quem passa por esse processo de transformação tem o poder e o dever de agir como elemento de transformação coletiva. Isso acontece à medida que se busca o

calor, a luz e o fogo do espírito, primeiramente em si mesmo, para depois compartilhá-los com os demais.

Essa é a magia gnóstica que nos cabe realizar: começar a construção de um novo corpo mental, superior, ígneo, pleno do fogo áureo do espírito: o quinto corpo, manas, o corpo mental superior. Não existe magia viva, real e atuante num grupo, se não existir a mesma magia viva, real e atuante em cada um de nós.

O próximo capítulo aprofunda o método de trabalho da Escola Espiritual para alcançar esse objetivo.

O MÉTODO DE TRABALHO DA ROSACRUZ ÁUREA

Há três aspectos fundamentais no método de trabalho da Escola Espiritual: primeiro, a sua natureza prática; segundo, seu principal ponto de apoio; e terceiro, o papel dos alunos e alunas.

A natureza do método de trabalho da Escola Espiritual, em uma única palavra, é a autoiniciação, palavra formada por três elementos: auto, início e ação. O primeiro deles, auto, significa que a própria consciência do aluno precisa assumir a iniciativa do processo. Isso coloca a chave do processo interior nas mãos da própria consciência, excluindo qualquer forma de autoridade exterior, e eliminando o panteão de antigos mestres e gurus que buscam perpetuar-se no novo período. Portanto, o primeiro fundamento do trabalho da Escola Espiritual repousa sobre a autonomia e a autorresponsabilidade do ser humano, e de ninguém mais. Essa autonomia é a base do processo de trabalho, que deve ser clara aos que se aproximam da Escola Espiritual, e se transforma em realidade ao longo do discipulado.

O segundo elemento está expresso na palavra início, que significa algo novo, um novo princípio, e não melhoria, aperfeiçoamento ou continuidade do que já existia. Isso é fundamental e revolucionário, e também óbvio, pois indica que a Escola não é uma escola anímica preparatória, que aperfeiçoa as nobres qualidades de alma de seus alunos, ou mesmo uma elevada religião que visa dar conforto e segurança a um determinado estado de consciência refinado e elevado. Não, pois a Escola é uma verdadeira Escola do Espírito, do Espírito que sempre é o novo, o novo início, o novo elemento, ígneo e imponderável, que vem sobre todos com a instantaneidade e a imprevisibilidade do relâmpago, causando fogo, luz e transformação.

É esse relâmpago que deve falar dentro do ser humano, como algo totalmente novo e desconcertante, e não como uma suave e melodiosa voz que vem para acalmá-lo e reconfortá-lo, adequando-o ao mundo, à vida comum, ou a uma instituição. Não, isso não seria o espírito; isso não passaria de sua sombra.

Essa é a razão pela qual nunca se deve cair na falsa paz da sombra do espírito, aferrando-se às suas formas externas que um dia foram veículos do fogo, mas que com o tempo se cristalizaram em cascas vazias, como o casulo que um dia foi o espaço protetor da borboleta. Não, nossa fidelidade é com o espírito, que cria infinitas formas como moradas temporárias para a nova consciência, em plena transformação. Isso vale para todo o grupo e para cada um; esse é o significado do segundo elemento que define a natureza do método de trabalho da Escola: ser e permanecer eternamente no novo início de tudo, na força ígnea do espírito.

E o terceiro elemento está na palavra ação, no sentido de ação real e não teórica. Não basta apenas compreender ou anelar, mas é preciso agir concretamente na vida, na prática, gerando uma transformação tangível e observável na vida diária. Sem essa transformação, os ensinamentos não passam de filosofia negativa e aprisionadora, pois falta o aspecto concreto da magia gnóstica, o aspecto real da ação autolibertadora, que é a marca visível e reconhecível do trabalho de uma escola espiritual verdadeira; isso é o que diferencia seu trabalho.

Se o aluno está numa escola transfigurística, e após décadas de discipulado nenhum aspecto concreto de seu comportamento realmente transmutou, trata-se de algo real e comprovável ou de mera teoria negativa?

No mundo que nos aguarda nas próximas décadas, onde as pessoas e os fatos se revelam à luz do dia em um único instante, somente um grupo de pessoas que realmente transformaram a si mesmas possui um lugar de fala e o direito de apontar um caminho a quem quer que seja.

Tendo compreendido os três fundamentos da autoiniciação, pode-se avançar para o segundo elemento que define o método de trabalho da Escola, seu principal ponto de apoio: o corpo vivo.

O paradoxo diante do qual o novo ser humano aquariano se encontra é que, por um lado, ele é responsável por seu desenvolvimento espiritual, devendo agir com autonomia e autorresponsabilidade; por outro, sozinho ele nunca vai muito longe.

Todos que se aproximam da Escola Espiritual precisam ter clareza sobre esse dilema: há necessidade de um campo coletivo capaz de catalizar os esforços de cada consciência, e ao mesmo tempo a Escola não deseja angariar adeptos ou fiéis. No método de trabalho da Escola, o aluno deve utilizar a força coletiva do corpo vivo como ponto de apoio para realizar as transformações orgânicas necessárias em si mesmo, transformações que jamais poderia realizar sozinho.

Mas o aluno não pode confundir a sombra da instituição com o próprio corpo vivo, pois isso cedo ou tarde lhe seria fatal, seja por ligar-se apenas ao aspecto exterior sem jamais unir-se ao corpo vivo, seja por recusar a se ligar ao corpo vivo, por sua rejeição ao aspecto externo, associando-o à religião organizada ou a grupos sectários.

Esse é um dos maiores desafios para a continuidade desse método de trabalho ao longo do próximo século, desafio que somente é superado por um outro ainda maior.

Trata-se do elemento humano, o mais desafiador e complicado de todos, e que representa a essência de nossa tarefa, como alunos e alunas: de nada adianta a Escola dispor de um processo estruturado de autoiniciação e de um corpo vivo completo e maduro, se o aluno não se engajar, com todo o seu ser, na transformação de si mesmo. Mesmo que a divindade universal tomasse a forma humana, e descesse dos céus e se pusesse à sua disposição para ajudá-lo, ela não poderia fazer aquilo que somente cada um pode fazer.

A Escola Espiritual fez sua parte por nós. A cada conferência, a cada serviço, a cada atividade, ela serve aos alunos uma mesa farta com os novos alimentos,

os novos materiais de construção, necessários para que cada um realize a transmutação de todo o seu ser. Simbolicamente, ela serve o pão da nova vida – o processo da autoiniciação, que contém a substância e a estrutura capazes de dar forma e impulsionar nosso caminho interior, acompanhando-nos desde a vida material até a nova vida da alma-espírito. Ela também nos oferece o vinho do espírito – a nova força astral que emana do fogo do espírito, que preenche o corpo vivo, e que nos toca, desperta e impulsiona, à medida que se deseja avançar na senda interior.

Portanto, tudo aquilo que é possível ser feito por nós, como alunos e alunas, a Escola Espiritual tem realizado de maneira constante e inabalável, como uma mãe amorosa e zelosa. Porém, ela somente pode nos levar até o salão da grande festa do espírito e, sentando-nos à mesa fartamente posta, oferecer-nos o banquete dos novos éteres santos, a cada dia, todos os dias. Mas a nós cabe nos servir desse banquete, utilizando concretamente as incontáveis oportunidades que recebemos.

A Escola só consegue ir conosco até a metade da ponte que nos leva da natureza comum do "eu" à nova vida da alma-espírito. Cabe a nós atravessar por esforço próprio a outra metade da única travessia necessária na vida, a travessia de si mesmo.

Aos alunos dos graus internos, lembrem-se que sobre seus ombros recai a responsabilidade de sustentar ativamente a Escola Espiritual. E vocês somente avançarão em seu discipulado se estiverem dispostos a servir incondicionalmente a seus semelhantes, dentro e fora da Escola Espiritual, convertendo sua vida em uma vida de serviço ao próximo. Isso somente será possível se vocês estiverem dispostos a dar o exemplo por seus atos e não por suas palavras, pois somente nossas ações são capazes de transformar nossos semelhantes.

Aos alunos da escola interna, lembrem-se que somente mediante o esforço verdadeiro para demolir sua consciência egocêntrica, colocando o caminho interior como a primeira prioridade de sua vida, é que vocês conseguirão galgar

o maior degrau da senda, que é a transição da vida oscilante do "eu" para a nova vida da alma-espírito. E isso somente é possível se vocês estiverem dispostos a colocar o seu "eu" a serviço de sua "nova alma", encontrando um novo centro de gravidade em sua vida, harmonizando todos os seus aspectos e papéis, a partir da espiral superior de sua própria alma.

Aos amigos e amigas da escola externa, e também aos que se aproximam agora da Escola Espiritual, é pedido que não busquem exemplos externos de alunos perfeitos, não tomem a forma externa e imperfeita da Escola Espiritual por sua verdadeira essência e não esperem mais tempo para colocar seus pés na senda interior. Coloquem-se a caminho agora, utilizando toda a força da busca que arde em seu coração; coloquem-se a caminho agora, e utilizem plenamente todas as possibilidades que lhe são ofertadas, pois somente assim, utilizando a força do fogo do espírito que arde em seu ser, vocês avançarão rumo aos horizontes da nova consciência e da nova vida.

Sabemos de seu amor, de seu carinho e dedicação à Escola. Sabemos de sua busca, de seu anseio e de seu esforço. Porém, chegou o tempo de irmos além disso, chegou o momento de irmos além de nós mesmos. Se tivermos a coragem de fazê-lo, estaremos, agora mesmo, inaugurando um novo tempo em nossa vida e um novo tempo para a Escola Espiritual. Essa é a chave para a magia gnóstica. Essa é a chave de nosso método de trabalho. Essa é a chave para o futuro da Escola Espiritual.

Que sejamos essa chave, hoje, amanhã e sempre. Que nos elevemos assim, hoje, amanhã e sempre,

ao eterno e onipresente campo da nova vida!

O VAZIO

No ensinamento budista há um conceito que, se bem compreendido, auxilia o buscador da verdade em seu caminho interior: é o conceito de sunyata, muitas vezes traduzido como "vazio" ou "vacuidade". Por meio dessa compreensão, o buscador pode se libertar de muitas limitações da consciência egocêntrica.

Este capítulo trata de uma aproximação inicial ao tema, mas com a intenção de que a compreensão do conceito não seja apenas teórica. Vivenciado de forma livre e individual, ele proporciona uma nova perspectiva para a vida cotidiana, evitando mal-entendidos frequentemente associados a uma compreensão superficial. A incompreensão do verdadeiro sentido de sunyata levou muitas vezes o budismo a ser acusado de niilista, como se fosse uma filosofia que nega tudo. Mas o vazio budista não é o nada; sunyata não significa não-existência; é algo bem diferente disso.

Lembrando da música popular que diz "é sempre bom lembrar que um copo vazio está cheio de ar", fica óbvio que para um copo estar cheio ou vazio, ele precisa existir. Então, afirmar que o copo está vazio não significa negar sua existência. Mas ao falar do copo vazio, é preciso especificar do que ele está vazio. O vazio sempre se refere a algo, a estar "vazio de alguma coisa". Vamos imaginar uma árvore e dizer que ela é vazia, no sentido budista. O que isso quer dizer? Num dia de sol, não podemos dizer que a árvore é vazia de luz solar, pois está banhada por ela. Quando o vento passa por ela e move suas folhas, ela tampouco está vazia de vento. Se chove sobre ela, também não é possível dizer que está vazia de água. Também podemos ver nela a atuação do solo, da terra, dos minerais e até do jardineiro que cuida dela. Continuando, veremos que o cosmos se uniu e ajudou a árvore a manifestar-se como uma

maravilha da natureza. Então do que ela está vazia, se está repleta de tanta coisa? Na verdade, ela está vazia de uma existência separada das outras coisas. Uma árvore não pode existir por si mesma, ela não tem uma existência intrínseca ou separada, uma natureza própria (svabhava).

E o mesmo raciocínio pode ser aplicado a todas as coisas. Em toda a criação, nada existe em estado autônomo, desconectado do restante. Por isso, no caso da árvore, os mestres budistas dizem que "árvore" é apenas um nome, uma designação convencional. Pois se tirarmos da árvore tudo o que não é árvore – o solo, o ar, o sol – nada resta.

Pode-se falar da mesma forma sobre uma criança. Ela não tem natureza própria, não tem existência intrínseca ou independente; sem o pai, a mãe, a luz do sol, a água, a comida, uma criança não pode existir. Cada criança é a continuação de seus pais; os traços dos pais estão em seu rosto e em seu caráter. E a criança não permanece criança para sempre, pois ela cresce e se torna jovem e depois adulta. Então, também nesse sentido o estado de "criança" não tem natureza própria, pois é só uma condição provisória. O mesmo é verdade para a árvore: ela está em contínua transformação. Um dia ela manifestou a condição de semente, que se transformou em arbusto, até crescer e atingir a condição de uma árvore frondosa.

Mesmo as estrelas têm seus ciclos de vida. Seu nascimento ocorre em nebulosas, imensas nuvens de gás compostas por hidrogênio. A força gravitacional faz com que as moléculas sejam atraídas umas pelas outras, fazendo a nebulosa se contrair. Essa contração chega a tal ponto que leva à fusão dos átomos de hidrogênio, o que dá origem ao hélio. A fusão dos átomos de hélio, por sua vez, dá origem ao lítio e assim por diante, cada vez originando elementos mais pesados. À medida que o hidrogênio se esgota, estrelas menores se transformam em anãs brancas, enquanto as de massa maior podem explodir em supernovas, formando buracos negros ou estrelas de nêutrons.

Os elementos fundidos no interior das estrelas massivas, quando explodem em supernovas, são espalhados por uma ampla região do cosmo. Elementos

gerados dessa forma também estão presentes em nosso planeta e mesmo dentro de nós. De fato, todos os elementos essenciais à vida na Terra, inclusive os átomos em nosso corpo, foram criados no forno de estrelas agora mortas. Daí porque o astrônomo Carl Sagan afirmou que somos "poeira de estrelas".

Pode-se, portanto, confirmar que todas as coisas contêm o cosmo inteiro. E todas as coisas são impermanentes, tudo está sujeito a um processo de mudança contínua, mesmo as maiores estrelas, as galáxias e o próprio Universo.

Então tanto espacialmente, com relação a tudo que as envolve, quanto temporalmente, com relação ao que foram e ao que serão, não há "árvore" nem "criança" nem "estrela" como entes existentes por si mesmos. Por isso dizemos que árvores, crianças e estrelas são vazias de existência intrínseca. Todas as coisas estão vazias de existência separada, de natureza própria. Nada é por si mesmo, nada está isolado.

Não são apenas as realidades materiais que são destituídas de existência intrínseca, mas também as realidades psíquicas. Quando os seres humanos se observam, o que percebem? Descobrem que são constituídos de uma forma, de sentimentos, de percepções, de formações mentais e de consciência – e constatam que tudo isso também está em contínua mudança.

Essa constatação não é exclusiva do budismo. Por exemplo, é atribuída ao sábio grego Heráclito a frase: "um ser humano não se banha duas vezes no mesmo rio". Por um lado, porque o rio está em contínua transformação, suas águas nunca são as mesmas. Mas isso é verdade para tudo o que constitui o ser humano: a forma de seu corpo está em contínua transformação, assim como seus sentimentos, percepções, formações mentais e consciência. E não há um "eu" separado desses elementos. O cérebro humano é constituído, entre outras coisas, de neurônios, que trocam continuamente informações. Nenhum neurônio desempenha o papel de chefe, de presidente, de comandante. Como mostra a neurociência, é um grupo de células que funciona como uma orquestra sem maestro.

A língua portuguesa, diferente de outras, permite a construção de frases sem sujeito, como “chove lá fora” ou “venta”, que também podem ser expressas como “a chuva cai” ou “o vento sopra”. Porém, chuva que não cai não é chuva e vento que não sopra não é vento.

Algo semelhante se passa com nossos sentimentos, percepções e decisões: há uma decisão que é tomada, mas não há um decisor fora da decisão. Por isso, sábios como Jiddu Krishnamurti afirmaram que não há um observador separado da coisa observada ou um pensador separado do pensamento. Do mesmo modo, a vida emocional: pode haver sentimento de tristeza e de alegria, mas não há um eu separado do lado de fora ou no fundo do sentimento.

O eu não existe por si só, não tem natureza própria, separada; a ideia de “eu” é apenas uma convenção, uma designação convencional. O eu é também vazio de existência intrínseca.

Como nós fomos programados para acreditar que somos um eu, uma entidade isolada, que existe por si mesma, construímos toda a nossa vida ao redor dessa entidade. No entanto, há 2.500 anos, Sidarta Gautama, o Buda, já havia percebido que não existe uma entidade que corresponda à ideia de eu, dentro ou fora do corpo. De fato, o ser real não está nessa concepção de eu, mas em sua transcendência. Essa transcendência só pode ser descoberta quando se vai além dos limites do eu e se descobre que, em essência, não há limites, não há separação, senão em nossas concepções ilusórias. Tudo depende de todo o resto para se expressar, e esse é o ensinamento da interdependência, da interconexão, que é o sentido verdadeiro de sunyata no budismo. Não se pode ser por si mesmo. Só é possível “inter-ser”, ou seja, existir como parte de um fluxo contínuo de interdependência. Tudo está repleto de tudo, e nada tem existência separada.

Essa compreensão tem consequências enormes se não for considerada apenas uma teoria, mas sim uma compreensão clara, com uma vivência real. Daí porque os fundadores da Escola sempre chamaram tanto a atenção de seus alunos para a necessidade de transcender a noção do eu. Essa transcendência

não é a tentativa forçada de destruir a própria individualidade, mas a percepção de que não existimos como seres isolados e permanentes, como o egocentrismo nos ilude.

De forma mais ampla, quando não se tem a compreensão sobre a vacuidade ou o vazio, toda a realidade em constante mudança e interação parece ser composta de elementos separados e imutáveis. Vivendo nessa ilusão, a tendência é se agarrar às coisas, às pessoas, às ideias, aos sentimentos. Perpetua-se também a noção de separação típica do egocentrismo, dividindo o mundo entre "nós" e "eles", entre a minha família e as outras, a minha religião e as outras, a minha espécie e as outras.

A própria noção de ser humano é uma designação convencional. O ser humano é feito não apenas de elementos dos seus antepassados humanos, mas também de antepassados animais, antepassados vegetais e antepassados minerais.

O ser humano não pode existir isoladamente, como tem tentado ao longo dos últimos séculos. Por isso, ele precisa se relacionar harmonicamente com outros seres humanos, com os animais, as plantas e os minerais, com o planeta e todo o cosmo. Pois para preservar o ser humano, é preciso preservar o todo que o envolve.

Para ampliar a compreensão de como se pode realizar isso, há outro conceito diretamente relacionado com o conceito de vazio ou vacuidade, que é o de "boditchita", a mente da iluminação. É dito que a compreensão da vacuidade leva à boditchita, à mente daquele que busca a iluminação em prol do bem de todos, que sacrifica até sua libertação final em prol do bem de todos. A boditchita contém em si duas aspirações centrais: o desejo de beneficiar e dar felicidade a todos os seres vivos, e o desejo de atingir a iluminação para cumprir a primeira aspiração. A boditchita é uma consequência da compreensão profunda de que não existimos como seres isolados e independentes, e por isso nosso amor deixa de ser amor-próprio, por saber que não existimos como seres próprios, isolados.

A boditchita é a mente capaz de manifestar o amor a respeito do qual também Jesus fala no Evangelho de João: "Amados, amemos uns aos outros, pois o amor procede de Deus. Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus".[20] A compreensão profunda da vacuidade nos liberta das amarras das percepções limitadas, permitindo-nos abraçar a impermanência e a interdependência de todos os fenômenos. É uma visão que nos convida a transcender os conceitos rígidos e a nos abrir para a vastidão da existência. Por meio dessa compreensão, alcançamos também a boditchita, a aspiração de atingir a iluminação para o benefício de todos os seres, guiados pela compaixão universal e pela busca incessante de alívio para o sofrimento humano. Ao nutrir a boditchita, estendemos nossa mão compassiva a todos os seres, promovendo a harmonia e a paz em um mundo muitas vezes tumultuado.

Que desta jornada de exploração e reflexão, levemos não apenas as palavras, mas o desejo de aplicar esses ensinamentos em nossa vida diária. Que essa busca incessante pela sabedoria e pela compaixão nos guie em direção à realização interior e ao despertar espiritual.

---

20. Bíblia, 1 João 4:7.

CRISTIANISMO GNÓSTICO

O solstício de inverno no Hemisfério Sul ocorre no mês de junho, entre os dias 20 e 23, marcando o dia mais curto e a noite mais longa do ano. Este fenômeno astronômico acontece porque a Terra, em sua órbita, atinge o ponto em que o polo Sul está mais inclinado e afastado do Sol, resultando na menor quantidade de luz solar direta sobre essa região.

Diversas culturas e tradições reconhecem e celebram o solstício de inverno como um momento de renovação e introspecção. Os povos indígenas sul-americanos, por exemplo, têm suas próprias celebrações e rituais. Os Mapuches do Chile e da Argentina comemoram o We Tripantu, que significa "a nova saída do sol" e simboliza o início de um novo ciclo de vida e renovação. Os povos andinos celebram o Inti Raymi, uma antiga festa inca em homenagem ao deus Sol, Inti, pedindo por abundância e fertilidade no ano vindouro.

Na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, o solstício de inverno é visto como um período de introspecção e preparação para um novo ciclo de trabalho, uma oportunidade para avaliar e refletir sobre os fundamentos que têm guiado o caminho e para se preparar conscientemente para os desafios futuros.

No ano de 2024, o solstício de inverno marcou um momento histórico de duplo encerramento de ciclo para a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea: encerrou-se um ciclo de 99 anos de trabalho, e o centenário que foi comemorado em agosto de 2024.

Jan van Rijckenborgh menciona o número 9 como a fórmula que contém o nome do ser humano perfeito,[21] e o encerramento deste ciclo de 99 anos simboliza a essência de uma dupla perfeição: a perfeição à adesão aos fundamentos e a perfeição na manifestação. Esta também é a marca do livre-construtor que, conhecendo e obedecendo os princípios divinos de construção,

ergue a obra da Fraternidade da Vida no mundo com perfeição em sua forma; ele preenche todos os espaços com os princípios universais de construção, atingindo a perfeição da manifestação, simbolizado pelo número da perfeição plena, o 99.

Os princípios legados pelos grão-mestres construtores, que permitiram alcançar a perfeição na manifestação do corpo vivo da Escola Espiritual, são o cristianismo gnóstico, a alquimia real e o hermetismo universal. Os próximos capítulos tratam dos três princípios que sustentam a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea: a tríplice aliança da luz representada pelos cátaros – o cristianismo gnóstico, pela rosacruz – a alquimia real, e pelo graal – o hermetismo universal. Este trata da tarefa do cristianismo gnóstico, que é vencer a dualidade em si mesmo, por meio da perfeita aplicação da endura.

Na literatura produzida pelos fundadores do Escola, muitos alunos identificam certa trajetória cronológica. Nos livros mais antigos, escritos nas décadas de 30 e 40 do século passado, há ênfase no dualismo. Essa ênfase podia levar à interpretação de que existiam duas vidas irreconciliáveis, uma espiritual e uma dialética, e que a solução seria certo escapismo da realidade concreta. Contudo, nos livros mais recentes, escritos nas décadas de 1950 e 1960, observa-se que a visão de dualismo se amplia e ganha contornos universais: a tarefa não era algum tipo de escapismo religioso, mas vencer a dualidade em si mesmo, pela perfeita aplicação da endura na realidade concreta. Isso mostra que o caminho trilhado pelos fundadores não foi linear, baseado em certo determinismo, mas nas suas tentativas e na experiência.

No início, face à necessidade de partir do fundamento do cristianismo, ligando-o à tradição gnóstica, foi necessário que eles experimentassem e se aprofundassem no dualismo até atingirem seus limites; uma vez percebidos esses limites, eles propuseram sua transcendência.

Tal como no início da história da Escola, o dualismo marca um outro início, o despertar da consciência humana. Mesmo fora do discipulado da Escola, muitas pessoas vivem esse despertar como uma divisão interna: a vida interior

clama por pureza e propósito, enquanto a realidade do dia a dia parece ser seu oposto.

A percepção dessa dualidade pessoal é por vezes tão dura para a consciência que acaba sendo transferida para uma rigidez moral, dividindo e definindo o que é sagrado e o que é profano. Contudo, apesar dessa percepção de dualidade, o grande paradoxo a ser vencido é: a vida é uma só.

Para cada um de nós é preciso uma fusão completa, que permita revelar que o estado de consciência define o estado de vida. A relação entre o estado de consciência e o estado de vida não é uma questão pacífica, e intriga os buscadores. Quem determina o quê? Será que nosso estado de consciência não é definido pelo estado de vida, e somos prisioneiros das circunstâncias, como se a vida fosse um beco sem saída? Ou seria o contrário?

A resposta a essa pergunta pode ser encontrada pelo processo que nos permite alcançar um novo estado de consciência, não identificado com o egocentrismo. Em outras palavras, é preciso pôr em prática a endura. A prática da endura significa desvincular-se das limitações do ego e conquistar a pureza que permite perceber nossas experiências sem parcialidade; é ter uma consciência livre, que nos permita laborar na vida um estado de consciência que se transforme em estado de vida.

Como saber se atingimos esse ponto? Em primeiro lugar, é preciso observar nossas ações, pois elas são o reflexo da nossa verdade interior. Se nossas ações estiverem alinhadas com os princípios de verdade e integridade que buscamos, estamos no caminho certo.

Mas tentar honestamente viver uma vida desconectada do egocentrismo é um desafio, e o primeiro passo é sempre o autoconhecimento. Na alegoria da caverna, imagine uma pessoa dentro dela, onde ela constrói um mundo próprio, uma atmosfera pessoal, como função das próprias projeções. Nessa situação a pessoa não vive a realidade, mas a ilusão de que suas próprias projeções são a realidade.

Esse é o efeito mais evidente da consciência identificada, que gravita ao redor do egocentrismo. Nessa situação se vive uma realidade particular apartada do todo, separada da realidade concreta, da realidade como ela é. Nessa situação, as questões atávicas encontram campo fértil de manifestação e retroalimentação, como o medo, ligado ao instinto de sobrevivência. Por exemplo, ao ver uma árvore sacudindo, o que se vê de fato é a projeção de perigo, e o medo se manifesta; a pessoa não vê a árvore, mas o medo que o movimento do vento ou da chuva pode causar.

Mas, se além de sentir medo a pessoa puder ver esse medo se manifestar, houve uma grande conquista: nessa situação ela pode se observar. É como se, apesar de viver delas, a própria consciência percebesse suas projeções em uma dualidade autopercebida. Essa auto-observação pode ser chamada de despertar: a própria consciência desperta se percebe identificada e pode retirar suas máscaras!

Esse desmascaramento é tão poderoso que permite que nos observemos presos a hábitos repetitivos, por pensamentos, sentimentos e ações; como alguém identificado com suas próprias projeções, se mantendo num castelo de ilusões, numa jaula autocriada. A saída é a endura, que produzirá uma consciência não identificada.

A endura não é um processo binário, em que uma consciência deixa de ser identificada e passa a ser outra coisa. O processo de desidentificação possui camadas mais superficiais e camadas mais profundas, que vão se revelando. E isso fica evidente nas nossas ações! Se agimos sempre nos sentindo oprimidos, sofridos, sem reconhecimento, sem aceitação, sem entendimento, sem compreensão e com agressividade, estamos estagnados!

Se reconhecemos que todas as dores, frustrações e alegrias são reflexos das nossas ações diante de uma consciência identificada, e se o fizermos por meio de um processo profundo de autoconhecimento, a liberdade se abre para nós. Ou seja, dois possíveis caminhos, oriundos do livre-arbítrio conquistado, são possíveis de serem trilhados. O primeiro é o caminho da paixão por si próprio.

Sim, o autoconhecimento pode gerar esse caminho que se manifesta, entre outras coisas, como um ardor em falar de si mesmo. Nem sempre em tom elogioso, mas sempre de si mesmo. Nessa situação o autoconhecimento conquistado se torna o seu oposto, pois a paixão por si mesmo é muito forte. É o comportamento retratado magistralmente na obra "Narciso", pelo artista barroco italiano Caravaggio, por volta de 1597-1599, capturando o momento em que Narciso se apaixona por seu reflexo na água.

O segundo caminho é o caminho da liberdade de si mesmo em prol do próximo. Nessa situação a consciência ganha uma nova perspectiva e um maior espaço de manifestação, pois se liberta da jaula autocriada de suas projeções, ao mesmo tempo que sente profundo amor por tudo e todos. Neste segundo caso, é possível perceber as experiências diárias de forma livre, e as ações e as experiências na vida se transformam em ferramentas de acelerada aprendizagem. Assim o autoconhecimento é ampliado e a força para novas realizações se multiplica. Isso traz grande responsabilidade com tudo e todos com que nos relacionamos, tanto na vida em sociedade quanto em todos os reinos de vida.

Portanto, o caminho para a conquista da liberdade passa por vencer a dualidade em si mesmo. Esse caminho, realizado pelos cátaros, precisa ser realizado em nossa vida diária. Como diz um fragmento do hermetismo:

> As características do mundo material jamais são constantes. Elas parecem estar mutuamente em luta e ser inconciliáveis. Sê, pois, cautelosa com relação a elas, ó alma. Desvia-te dessa aparência, pois são essas as coisas às quais não te deves ligar.
> Tu és simples, ó alma; elas são múltiplas. Tu não tens enganos; elas são enganosas. Tu és verdadeiramente vivente; elas não possuem nenhuma verdadeira vida. Tu és tal como és; elas mascaram e dissimulam, são ilusórias, volúveis e perecíveis.
> Sê vigilante, vela sobre ti mesma a fim de que não sejas por elas induzida ao sono, desviada da finalidade que fixaste para ti. Não negligencies, ó alma, tua verdadeira natureza, que é simples, verdadeira, real e de alto valor...[22]

21. Rijckenborgh, J. van. *Filosofia elementar da Rosacruz moderna.*
22. Trismegisto, H. *Do castigo da alma*, cap. 3.

A ALQUIMIA REAL

A tarefa da alquimia real – o segundo fundamento da Escola Espiritual – é realizar a transmutação do ser, pela qual ele atinge a unidade perfeita com o Todo.

A palavra alquimia tem origem no árabe al-kīmīya, que significa "a química", e representa, em sua essência mais profunda, a ciência da transmutação do ser humano. Retirando o véu das lendas que a encobrem, verifica-se que alquimia não se refere à manipulação física de substâncias misteriosas em um laboratório obscuro: todos os sistemas simbólicos utilizados para descrevê-la indicam os processos interiores que devem ocorrer em cada ser humano.

Os três sistemas simbólicos mais conhecidos da alquimia são: o sistema das sete substâncias, dos sete metais e dos sete corpos celestes. No sistema das sete substâncias, a mônada é dividida em suas duas correntes criadoras, simbolizadas pelo Sol e pela Lua. Esses três elementos refletem-se nos três sais alquímicos essenciais, representados pelo enxofre, mercúrio e pelo sal. E pela ação desses três sais essenciais, o alquimista pode realizar a transmutação dos quatro elementos da natureza: o fogo, a terra, o ar e a água.

Fazendo um paralelo entre esse sistema e o processo da Escola Espiritual, vemos que a mônada, o Sol e a Lua representam o microcosmo, a centelha do espírito e o núcleo da consciência humana. Os três sais representam os três santuários, cabeça, coração e vida. E os quatro elementos representam a personalidade quádrupla. Assim, a partir do toque da centelha do espírito no núcleo da alma no coração, nasce uma nova consciência tríplice que, ao unir-se ao espírito, realiza a transfiguração da personalidade quádrupla.

No sistema dos sete metais, o alquimista parte de uma partícula de ouro para transmutar os outros metais, transformando a prata, o mercúrio, o cobre, o

ferro, o estanho e o chumbo no ouro do espírito.

E a correlação com o processo da Escola Espiritual também se evidencia no sistema dos sete planetas, no qual o ouro corresponde ao Sol – a centelha do espírito; a prata corresponde à Lua – o núcleo da consciência-alma; o mercúrio ao próprio planeta Mercúrio – a faculdade do pensamento; o cobre ao planeta Venus – a força astral dos sentimentos; o ferro a Marte – a força da vontade e da ação; o estanho a Júpiter – o espírito ao qual a alma deve se unir; e o chumbo a Saturno – o destino que deve ser transmutado.

Existem inúmeras correlações que podem ser feitas entre todos esses aspectos. Por meio de sua literatura, serviços, conferências e palestras públicas, a Escola fornece extenso material de estudo. Mas para nos transformarmos em verdadeiros alquimistas é preciso ir muito além da mera compreensão intelectual, do encanto sentimental ou da elevada contemplação. Para se tornar um verdadeiro alquimista, portanto um rosacruz atual, é preciso colocar em prática a alquimia em seu próprio ser.

Descendo para um nível bem mais concreto, um nível de compreensão que não deixe dúvidas a respeito de nossa tarefa, capaz de ajudar a entender exatamente o que deve ser realizado na prática, deixemos de lado os antigos sistemas simbólicos e empreguemos uma linguagem bem mais direta para descrever o que precisa ser realmente transmutado em nós.

O que é necessário fazer então? É preciso que nos libertemos de sete coisas que nos acompanham em todos os momentos de nossa vida egocêntrica: a raiva, a distração, a especulação, a vitimização, a teimosia, a vaidade e a inércia.

A raiva é própria dos que vivem do fogo do núcleo egocêntrico e não da centelha do espírito. Portanto, todas as vezes em que sentimos raiva, isso nos indica que, naquele exato momento, estamos vivendo do fogo do eu e não do fogo do espírito. Não se trata, porém, de fingir que não sentimos raiva, mas de ficarmos atentos à quantidade de instantes que sentimos raiva num único dia. Diante dessa realidade, devemos atacar o núcleo do eu, voltando-nos à centelha

do espírito que está sempre presente. Para ficarmos livres da raiva é preciso atacar o núcleo do nosso egoísmo todas as vezes em que ele se manifesta.

Em segundo lugar, é preciso atacar o estado de distração. Nossa consciência pula de um pensamento para outro, envolve-se com um sentimento após o outro, e se deixa levar de um hábito a outro. Nesse estado, não vivemos, mas somos vividos a cada instante. Essa constante distração indica falta de foco do núcleo de nossa consciência que, nesse estado, é arrastada de um lado para outro, em total desconexão com seu verdadeiro centro, que é a centelha do espírito. O esforço consiste em prestar atenção à falta de atenção, concentrando a força de alma que obtemos ao perceber tal estado, para reorientar o núcleo da consciência, assim como alguém que mantém um espelho voltado para o fogo, refletindo sua luz. Portanto, para nos livrarmos da constante distração, é preciso concentrar toda a atenção na centelha do espírito, a ela orientando e reorientando o espelho de nossa alma.

Em terceiro lugar, é preciso nos livrarmos das intermináveis especulações, reconhecendo que nós não pensamos, mas apenas especulamos. Existe uma diferença abissal entre pensar e especular. Quem pensa, parte da realidade objetiva e tira uma conclusão. Quem especula, vive preso a imagens e fantasias, tece conjecturas sobre elas, como uma criança que brinca com bolhas de sabão. Especulamos sobre o que pensam de nós, sobre o que devemos ou não fazer, sobre o que é bom ou o que é ruim para nossa saúde, sobre o que acontecerá amanhã, e assim por diante. E quando fazemos isso, estamos muito distantes da realidade concreta e, por essa razão, metemo-nos em dificuldades, como alguém sem juízo que anda pelas ruas de uma grande cidade com os olhos vendados. Para vencer a especulação, é preciso tirar a venda dos olhos e prestar toda a atenção, da maneira mais neutra e direta possível, à realidade ao nosso redor, colocando nossa faculdade do pensamento a seu serviço, libertando-a, passo a passo, do interminável panteão de sonhos e imagens mentais ilusórias. Assim, para nos livrarmos da especulação, é preciso utilizar o pensamento a partir da realidade objetiva, permitindo que a força da centelha do espírito que

se reflete no espelho de nossa alma nos ilumine e nos mostre o que devemos fazer, a cada instante.

Em quarto lugar, é preciso abandonar toda a vitimização. Esse é o estado emocional que nos domina quando reforçamos a certeza egocêntrica de que sempre estamos certos, e o restante do mundo está errado. Trata-se da atitude covarde do nosso "eu", que ataca usando a conveniente máscara de vítima. Nessa atitude, não questionamos os reais motivos e intenções de nossa consciência egocêntrica, e jogamos o jogo das emoções negativas da vitimização, atolando-nos no negativismo. Para livrar-nos da vitimização, é preciso ter a coragem de encarar a verdade de que todas as vezes em que nos enxergamos como vítimas, estamos, de fato, apenas protegendo nosso egocentrismo, embalando-nos em uma cantiga paralisante. É preciso ter a coragem de expor as reais motivações egocêntricas que ainda fazem ninho em nosso coração, expondo-as sem piedade, sob a luz da nova compreensão que ilumina nosso pensamento, deixando que o fogo do espírito refletido em nossa alma dissipe todos esses sentimentos negativos, assim como o sol nascente dissipa as brumas da noite.

Em quinto lugar, precisamos nos livrar da teimosia, que é a resistência da vontade egocêntrica diante de tudo e de todos, e que não se entrega nem retrocede. Com nossa vontade refinada e dissimulada, teimamos para que tudo se submeta a ela, desde nossos entes queridos até cada pequeno aspecto do que nos rodeia. E é essa vontade forçante, que arde como um fogo obscuro e incontrolável, que transforma a Terra em um inferno, o inferno que arde nas chamas da vontade egocêntrica. Para nos livramos dela, é preciso, antes de mais nada, admitir o tamanho de nossa teimosia, reconhecê-la em cada uma de nossas atitudes, para então confrontá-la diretamente. Desse modo seremos capazes, em cada situação, de render nossa vontade à vontade do Todo, permitindo que esta, sim, se manifeste em nós e em tudo que nos rodeia.

Em sexto lugar, é preciso abandonar a vaidade, que talvez seja nossa maior pedra de tropeço, pois, como nos diz o ensinamento universal, "tudo é vaidade

sob o sol". A vaidade é a negação da realidade, é a tentativa de parecermos o que não somos, a farsa de um mundo de aparências. Ninguém conseguirá libertar-se da vaidade se, em primeiro lugar, não se reconciliar com a total imperfeição de sua própria realidade; se antes de mais nada não aceitar quem é, para então ser capaz de aceitar a outrem. A vaidade só será vencida pela aceitação incondicional da realidade, da realidade de quem somos, da realidade daqueles que nos rodeiam. Nessa aceitação, seremos então capazes de nos voltar totalmente ao espírito que inunda de luz a nossa alma, curando-nos da dor de nossa imperfeição.

E, finalmente, precisamos nos libertar da petrificante força da inércia, da inércia do hábito, da imobilidade do eu, da eterna repetição de nossas falhas, do perpétuo ciclo vicioso dentro qual vivemos aprisionados. Quantas vezes já ouvimos isso, e, no entanto, permanecemos exatamente iguais? O que mais precisa acontecer em nossa vida para que mudemos? Dor, perda, doença, morte? Mesmo passando por tudo isso, muitos ainda permanecem os mesmos, porque as infinitas repetições de ciclos viciosos não nos levam a lugar algum se não utilizarmos a única arma capaz de rompê-los. Essa arma chama-se agora. E ela sempre se encontra aqui, bem diante de nós. Pois no aqui e no agora encontra-se algo único, que não pertence ao ciclo vicioso do eu: trata-se de nosso ser real, do outro em nós, da vida una mesma! Se nos tornarmos conscientes disso, receberemos nesse mesmo instante a força para romper nossa petrificante inércia, a força que aqui e agora permitirá o irromper de nossa alma. E, ao utilizarmos essa força, receberemos a força do Todo, a força do novo, a força infinita do Universo.

Se realmente desejamos nos tornar verdadeiros alquimistas, verdadeiros rosacruzes, ataquemos nosso eu, e nos livremos de seus sete lastros: raiva, distração, especulação, vitimização, teimosia, vaidade e inércia. Que assim seja!

O hermetismo universal

Nos capítulos anteriores foi dito que Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, os fundadores da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, a construíram sobre três fundamentos: o cristianismo gnóstico, a alquimia real e o hermetismo universal. E que esses fundamentos expressam a ligação da Escola com a Tríplice Aliança da Luz.

Essa aliança designa um trabalho do qual fazem parte três manifestações da Fraternidade da Vida que estão separadas, do ponto de vista espaço temporal: a Fraternidade dos Cátaros, cujo desenvolvimento se deu na Idade Média, na Europa; a Fraternidade Rosacruz, cujo início mais visível se deu no século XVII, no sul da Alemanha, e a Fraternidade do Graal.

A Fraternidade do Graal não pode ser localizada geográfica ou temporalmente porque seu campo de atuação está acima da realidade material. Ela se encontra em um estado de desenvolvimento em que não é mais necessário seu contato direto com o mundo, no sentido de uma manifestação física; a Fraternidade do Graal vivencia a eternidade, isto é, para ela, o que imaginamos como eternidade e imortalidade é a realidade concreta.

Esse terceiro elo estabeleceu uma aliança, um trabalho de salvação tríplice, pois, como se verá à frente, um trabalho libertador não ocorre no isolamento, mas em grupo, em coletividade. Falar do terceiro elo da tríplice aliança da luz não é tarefa fácil, mas, por mais distante que possa parecer, esse terceiro elo está ao nosso lado. Essa certeza deve nos sustentar e trazer conforto em momentos de dificuldade, ao nos lembrar de que não estamos sós e que estamos conscientes de que o trabalho da Fraternidade da Vida sobre a Terra não é apenas uma ideia elevada, mas uma realidade tangível, próxima e concreta, para todos que a ela se ligam.

Ao colocar os pés no caminho de transformação interior, pelo discipulado, somos auxiliados por inúmeros que já percorreram esse caminho antes de nós, e que chegaram à meta que também desejamos alcançar. Esses muitos formam a multidão de libertos. Quantos são, onde, quando e como viveram, não sabemos. Com certeza a maioria viveu no anonimato e, protegidos pelo manto da simplicidade de suas vidas, foram pedras de construção da ponte entre o tempo e a eternidade. Podem ter sido artesãos, mães, pastores, agricultores, guerreiros, sacerdotes; dualistas ou monistas; místicos, artistas, músicos, trovadores; uns podem ter tido o dom da palavra; outros o dom da cura; outros ainda o dom da profecia ou ainda o dom da escrita.

Apesar de não sabermos nada sobre esses inúmeros libertos, muito menos suas fisionomias ou seus nomes, temos certeza de que, independentemente de toda a nossa ignorância, somos todos aparentados, porque dos mais longínquos e antigos aos mais modernos e contemporâneos, nós inclusive, formamos uma corrente. Não é sem razão que chamamos essa legião de corrente universal de fraternidades.

Alguns poucos se tornaram conhecidos da humanidade. Foram e são os grandes luminares da espiritualidade que abriram, de mãos dadas com os anônimos, verdadeiras trilhas de luz. Foram os que fundaram as grandes religiões ou que abalaram as certezas da humanidade com suas ideias revolucionárias sobre o que é a vida e o destino do ser humano. É essa corrente que, em trabalho conjunto e cadenciado, inspira, metaboliza e expira a Luz divina que sustenta o trabalho da Luz em favor do ser humano que também a busca.

A imagem da corrente humana – em que inúmeras pessoas se colocam uma ao lado da outra e passam algo de mão em mão, como um cântaro de água para aplacar a sede, um alimento para saciar a fome, ou qualquer coisa que exista em abundância em uma ponta, mas que falte na outra – ajuda a compreender a atuação da Fraternidade da Vida sobre a Terra. Dessa corrente

de auxílio, do elo mais maduro ao último elo, mais jovem, deflui, de mão a mão, algo de que necessitamos, o auxílio àqueles que buscam o Espírito.

Queremos Luz, a verdadeira Luz da eternidade para perceber com clareza o que devemos fazer com nossa vida. Queremos a força transmutadora do Espírito, para nos transformar de seres mortais em seres espirituais. Queremos a Sophia, a verdadeira sabedoria divina, não para saciar nossa sede intelectual, mas para saber como auxiliar outros que também querem conhecer aquilo que chamamos de libertação. É sob a Luz dessa corrente que nos encontramos e trabalhamos nesse 99º ano de existência como Escola do Espírito.

Ao colocarmos os pés no segundo século de existência, damos provas de que não somos um movimento efêmero, nem luzes fugidias que logo se apagam. Muito mais do que em organização, crescemos em força. Métodos, escritos, desenvolvimentos organizatórios e tudo o mais que diz respeito à presença da Escola na matéria são indispensáveis, mas nunca são decisivos, nem libertam.

A verdadeira Escola Espiritual não é apenas um elo dessa corrente que conhecemos hoje como a Rosacruz Áurea. A verdadeira Escola é o grande campo da Fraternidade Universal; é o campo atrativo e transformador, a soma das forças de todas as manifestações que, vistas no tempo e espaço, estão separadas pelos continentes e pelos séculos, mas plenamente unidas no grande campo da eternidade. Quando um de nós entra nessa grande Escola, seja pela porta que for, ganha participação no todo e não apenas no que vemos hoje, neste século XXI, atuando sob o nome de Escola Espiritual da Rosacruz Áurea.

A Tríplice Aliança da Luz é uma maneira de ver esse todo libertador, pois essas três manifestações – cátaros, rosacruz e graal – formam um todo, como as faces de um cristal que refletem a mesma luz. No céu estrelado vemos corpos celestes minúsculos e outros esplendorosos. Apesar das diferenças, tudo o que se vê são corpos celestes, estrelas pequenas ou grandes, mas todas são estrelas. Da mesma forma, esse grande campo da Fraternidade Universal é composto por diferentes manifestações, em diferentes fases de desenvolvimento espiritual na eternidade. Uma escola espiritual que se manifestou em uma época

inimaginavelmente distante de nós, certamente se encontra em um grau de manifestação ilimitadamente maior do que o de outra recém-admitida nesse grande corpo, que é o nosso caso. Mas toda e qualquer diferença desaparece quando lembramos as palavras de Jesus: "Dos nascidos de mulher não surgiu ninguém maior do que João Batista; todavia, o menor no Reino dos céus é maior do que ele"[23].

Desde o primeiro momento em que a humanidade fez nascer em si a separatividade do eu, o auxílio da alma esteve presente. Assim, a humanidade sempre contou, conta e contará com a presença de uma corda de Luz que vem elevar os que anseiam. Nosso trabalho hoje, como manifestação contemporânea do grande corpo universal, é estabelecer uma ligação de sangue com todos os que estão espalhados pelo mundo e que anseiam por essa Luz. Dizemos sangue não apenas no sentido biológico, pois toda a humanidade tem uma genética comum; mas falamos de uma ligação mais sutil, etérica e vital. O trabalho de irradiação de nossos discipulados individuais faz uso dessa ligação vital que temos com todos; somos anônimos trabalhando para outros tantos anônimos. Somos como os que quebram as pedras para construir uma via, uma estrada que leva para fora dessa realidade. O trabalho é árduo e cansativo; por isso, no tempo, se vê a regularidade do surgimento e do desaparecimento dessas manifestações.

O esforço somente tem êxito quando se liga ao campo alimentador da Alma do Mundo, a força de inquietação que atua sobre a psique humana, triturando as certezas dos egos e impulsionando-os ao limite, até que tenham na busca espiritual a razão de suas vidas. A alma do mundo é um trabalho que está acima do tempo e do espaço; é a radiação que vem de um dos muitos elos ou sistemas magnéticos da grande Fraternidade Universal. Como escola atuante na vida contemporânea, exercemos papel duplo: por um lado, nos ligamos ao alto, à alma do mundo; por outro, estamos com os pés fincados na matéria e nos ligamos com todos os que buscam. Desse modo, nos tornamos vasos comunicantes entre a realidade eterna e nosso campo denso, visível e

transitório. Manifestamos não apenas os resultados de nosso próprio discipulado, mas, por nosso intermédio – e isso é fundamental –, flui o sangue espiritual coletivo, carregado com as experiências libertadoras de todos os que nos precederam ao longo da história da humanidade. Essa é a força que nos sustenta em nosso trabalho individual, coletivo e de doação nestes tempos tão complexos. Essa é a certeza de não estamos sós!

Essa é a magia libertadora do graal. Denominamo-nos Jovem Fraternidade Gnóstica não porque somos inexperientes, gnosticamente falando. Não, pelo contrário, pois o elo mais jovem de uma corrente recebe a herança de todos os anteriores. Visto por esse ângulo, somos abençoados, pois a herança do passado espiritual humano é parte nossa. É essa herança que compartilhamos com os que se aproximam de nossa Escola, herança que flui em cada imagem, frase ou vídeo que compartilhamos no mundo virtual, nos livros que publicamos, nos serviços e conferências que realizamos juntos e, atenção, é essa herança que podemos e devemos expressar em nossas ações.

Nem sempre temos a clara e viva noção disso, e podemos até mesmo nos julgar incapazes. Não obstante, mesmo que não vejamos claramente a realidade tangível da vida na eternidade, ela está ao nosso lado, caminhando de mãos dadas conosco, mesmo que não a percebamos.

Por isso esta Escola é hermeticamente aberta! Ela recebeu e continua recebendo a herança invisível e imperceptível do passado, e, por isso, é hermética. Ao mesmo tempo, ela distribui tudo o que tem e, por isso, é aberta! Tudo recebemos e, por isso, não nos sentimos inseguros em tudo dar!

Assim, cumprimos a lei de Cristo: não trabalhamos na insensatez do egoísmo que esconde o que recebeu, mas aplicamos a lei da multiplicação dos talentos. Damos o que recebemos e assim o multiplicamos por dez, ou seja, multiplicamos nosso tesouro mais sagrado pela oitava da eternidade, o zero. E, ao ser multiplicado, ele é distribuído, é colocado na grande praça do mundo, para que todos que têm fome e sede venham, de graça, e pela graça, se fartem!

Esse é o caminho que leva de volta à unidade, o caminho coletivo da transformação. Ao percorrer esse caminho, vamos percebendo e nos desfazendo da falsa noção da dualidade enganadora e, ao servir a todos, vamos nos lapidando e batalhando contra as sete características humanas, que precisam ser vencidas pela transmutação alquímica.

Essa é a magia contemporânea, superior, perfeitamente hermética e protegida, perfeitamente aberta e disponível. Essa é a magia da igreja do amor dos cátaros, que nos ensinou o caminho do compartilhar o amor. Essa é a magia do graal, que nos mostrou a magia da transformação viva da realização divina. Essa é a magia rosacruz que estamos construindo, a magia da sabedoria aplicada em prol de tudo e de todos. É sobre essa base que encerramos um século de trabalho e abrimos as portas para um novo século.

Queira Deus possamos compreender, desejar e realizar esse destino, não só em nosso benefício, mas principalmente em benefício da grande corrente da Fraternidade Universal!

---

23. Bíblia, Mateus 11:11.

UMA NOVA CIÊNCIA, UMA NOVA ESPIRITUALIDADE, UMA NOVA ARTE

Partindo da conexão com a centelha espiritual, cada aluno deve realizar o triângulo equilátero da consciência pela renovação de sua vida mental, emocional e ativa. No trabalho coletivo da Escola, esses aspectos são manifestados como a ciência, a religião e a arte originais. Os fundadores da Escola relacionaram cada um desses aspectos com, respectivamente, as fraternidades da rosacruz, dos cátaros e do graal.

Ao longo da História, esse triângulo de princípios se manifestou muitas vezes, e não apenas nos movimentos que receberam aqueles nomes. Em um sentido mais amplo, a rosacruz não tem apenas 100 anos, nem mesmo apenas 400 anos, mas se apresentou sempre que a ciência sagrada da libertação se revelou para a humanidade. No Bhagavad Gita, por exemplo, esse caminho do conhecimento interior foi denominado de jnana yoga, sendo jnana uma palavra sânscrita com origem comum à palavra grega gnosis. Ainda no Bhagavad Gita, o caminho do coração é apresentado como bhakti yoga, que em essência é o mesmo caminho seguido pelos cátaros, o caminho do coração. E o Bhagavad Gita também apresenta o caminho do karma yoga, o caminho da ação libertadora, que conhecemos como caminho do graal.

Apesar de cada um desses caminhos se exteriorizar em diferentes períodos, os outros aspectos também estão presentes interiormente. Por isso falamos de uma tríplice aliança da luz, da unidade entre os três aspectos dessa aliança, cada qual contendo interiormente os outros dois: a ciência da alquimia real (a rosacruz), a espiritualidade interior do cristianismo gnóstico (o catarismo) e a arte da realização do hermetismo universal (o graal). Cada um desses aspectos se

apresenta de forma sempre renovada para se manter como caminho viável para o ser humano.

Os capítulos anteriores trataram da essência sempre atual dessas três manifestações da Fraternidade Universal. Os próximos capítulos tratam da atuação dessa fraternidade tríplice na transformação de toda a cultura, conduzindo ao surgimento de uma nova ciência, uma nova espiritualidade e uma nova arte.

Esses elementos, por sua vez, impulsionam uma transformação planetária, que se pode denominar de alquimia universal. Este capítulo trata das questões mais visíveis desse desenvolvimento, enquanto o próximo tratará do processo alquímico de transformação universal, possibilitado pela alquimia interior.

O trabalho da Escola não pode ficar restrito entre suas paredes; ela não trabalha apenas para seus alunos, mas atua em sintonia com o impulso da Fraternidade Universal, que objetiva levar a uma transformação coletiva de toda a humanidade e, por meio dela, a uma transformação de toda a vida planetária. Precisamos compreender esse processo de transformação coletiva para colaborar positivamente com ele.

Começando pela nova ciência, como manifestação coletiva de um novo pensar, ou seja, de um pensamento claro, lúcido e intuitivo, iluminado pela centelha espiritual. A ciência se desenvolveu ao longo de séculos a partir da observação objetiva dos eventos naturais e do pensamento ordenado, que procura padrões na natureza. Muito foi conquistado a partir desse desenvolvimento, como o aumento da expectativa de vida humana, a cura de doenças e a construção de uma civilização baseada em tecnologia.

No entanto, esse desenvolvimento também deu origem às armas de destruição em massa, e contribuiu para a degradação ambiental, que ameaça atualmente não apenas a civilização, mas a própria sobrevivência de inúmeras espécies, incluindo a humana. O sonho de uma ciência que nos levasse a uma vida de abundância e harmonia certamente não se concretizou. E por quê? O que falta a essa ciência?

Falta-lhe uma visão integrativa: ainda é uma ciência limitada, que considera apenas a matéria bruta, negando a vida interior, inclusive a própria consciência, vista apenas como um produto secundário da matéria. É, portanto, uma ciência sem alma e sem espírito, o que retira do Universo qualquer valor, significado e profundidade. É uma ciência que divide o mundo e analisa suas partes, sem levar em conta o inter-relacionamento de todas as coisas. É uma ciência que espelha o egocentrismo humano, e por isso separa e divide o mundo exterior da mesma forma que o mundo interior está dividido.

Não se pode desprezar os avanços significativos da ciência, pois isso seria "jogar fora o bebê com a água da bacia"; essa ciência não deve ser rejeitada, mas expandida para abarcar a totalidade da existência.

Para isso ela precisa reconhecer os seus próprios limites, evitando cair no "cientificismo", que é a crença equivocada de que apenas o conhecimento científico é válido, desconsiderando outras formas de entendimento, como a filosofia ou a arte. Precisamos de uma ciência que reconheça o mundo em sua totalidade, como a manifestação de um novo pensar. Isso não significa negar o conhecimento científico tradicional, mas agregar a ele a sabedoria da unidade de todas as coisas.

Nessa ampliação, é necessário que se perceba que, além da concepção das coisas como posses (a visão do "ter") e da percepção sensorial exterior (o mundo do "ver"), existe o mundo do "ser", das experiências subjetivas e das impressões do coração, a realidade da alma. É essencial também vislumbrar a possibilidade de uma transcendência absoluta e de uma unidade plena, que reflitam a realidade do espírito.

Em segundo lugar, como manifestação de um coração renovado, de um novo sentir, deve se manifestar exteriormente uma nova visão da espiritualidade, que é necessária para responder aos anseios mais profundos da psique humana.

Essa espiritualidade deve ser marcada por profunda sensibilidade, aliada à compaixão e à empatia por toda forma de vida e todos os seres, pois, em essência, não há divisão. O que é espiritual manifesta-se na vida e pela própria

vida. Dessa forma, Deus não é compreendido como um ser abstrato, exterior, mas habita o coração humano e está no núcleo de todo ser.

Essa espiritualidade não se prende a dogmas ou à autoridade de figuras do presente ou do passado, nem à interpretação literal de textos sagrados. Ela nasce da conexão interna com a centelha espiritual e compartilha com a ciência a busca por clareza e lucidez, mas com foco na vida interior. Assim como a ciência deve se expandir para incluir as vivências do coração, a espiritualidade deve incorporar a racionalidade e transcendê-la, sem negá-la.

A nova espiritualidade reconhece a sacralidade de todas as formas de vida e vê o Universo como uma expressão viva de uma inteligência superior, que se manifesta na dança da criação e não numa realidade separada. Ela nos convida a transcender as limitações do ego e a perceber nossa interconexão com tudo o que existe. Dessa maneira, a espiritualidade se transforma em uma força unificadora, conduzindo-nos a viver em harmonia.

Além disso, essa nova espiritualidade nos chama a explorar as profundezas de nossa própria consciência. Ela nos incentiva a buscar a verdade interior e a desenvolver uma compreensão mais profunda de nossa verdadeira natureza. Esse processo de autoconhecimento nos ajuda a liberar medos e ilusões, permitindo-nos viver de maneira mais autêntica e plena. Com isso, podemos manifestar uma vida de propósito e significado, alinhada com os princípios espirituais mais elevados.

E, em terceiro lugar, como manifestação coletiva de uma nova ação libertadora, surge uma nova arte de viver, baseada em valores internos reconhecíveis e não mais em leis e regras exteriores ou em simples tradições.

O ser humano é percebido como um cocriador, um artista da vida, que age em harmonia com as leis naturais. E isso representa tanto oportunidade como responsabilidade: o futuro do planeta agora está nas mãos da humanidade. O que pode parecer uma maldição, devido à destruição atual do planeta, pode, na verdade, se transformar em uma bênção.

O lento processo que conduziu ao desenvolvimento do ser humano, um ser autoconsciente e pensante, pode conduzir assim toda a vida planetária a um novo estágio de seu desenvolvimento, em sintonia com a intenção do Logos.

Para viver de acordo com essa nova arte, é essencial desenvolver uma nova consciência da unidade de todas as coisas, que é um dos aspectos da nova ciência, e do sentimento de compaixão por todos os seres, característica da nova espiritualidade. Portanto, já não há aqui separação entre cabeça, coração e ação; entre ciência, espiritualidade e arte.

Precisamos, por exemplo, reconhecer que nossas ações têm impacto direto sobre o meio ambiente e que somos responsáveis pela preservação do planeta para as futuras gerações. Isso envolve não apenas adotar práticas de consumo consciente, mas também cultivar relações saudáveis e harmoniosas com todos os seres; envolve praticar a comunicação empática, o respeito mútuo e a colaboração.

Isso pode começar a ser exercitado na própria Escola, pois, ao construir uma comunidade baseada em valores como unidade, liberdade e amor, criamos um ambiente propício para o crescimento pessoal e coletivo.

Mas isso não pode ficar restrito ao ambiente da Escola, devendo se manifestar em ações completamente renovadas em nossa vida cotidiana, transformando-nos em agentes de mudança de toda a sociedade.

A nova arte de viver também nos convida a valorizar a criatividade e a expressão pessoal. Cada indivíduo é único e possui talentos e habilidades que podem ser compartilhados com o mundo. Ao encorajar a expressão criativa e artística, promove-se um ambiente em que as pessoas podem se conectar com sua verdadeira essência e contribuir para a riqueza cultural da sociedade. A arte, em todas as suas formas, torna-se uma ferramenta poderosa para a transformação pessoal e social.

A integração desses três aspectos – ciência, espiritualidade e arte – nos leva a uma nova visão do papel do ser humano no cosmo. Não somos apenas observadores passivos, mas participantes ativos na criação da realidade. Cada

pensamento, palavra e ação influencia o todo, e, portanto, temos a responsabilidade de agir de maneira consciente e harmoniosa a cada instante, exercendo influência positiva no meio social do qual participamos. Ao reconhecer nosso potencial como cocriadores, podemos trabalhar juntos para transformar a realidade, para que ela reflita a beleza, a sabedoria e o amor que existem no mais profundo de nosso ser.

Essa visão integrada também nos lembra da importância de honrar e respeitar a diversidade, pois cada cultura, tradição e indivíduo traz uma perspectiva única que enriquece a tapeçaria da vida. Ao acolher a diversidade, aprendemos uns com os outros e expandimos nossa compreensão do mundo. Essa abertura para o novo e o diferente é essencial para a evolução espiritual e para a construção de uma sociedade mais inclusiva e harmoniosa.

Essa transformação coletiva só se torna viável a partir de núcleos de transformação individual; daí vemos a importância das escolas espirituais, que conduzem seus alunos a essa transformação. Aqueles que vivenciam essa transformação tornam-se faróis na tempestade, apontando o caminho para muitos. Embora cada jornada seja única, ela é fundamentada na própria luz interior da centelha espiritual, que brilha em todos os corações.

E tudo isso é dito porque é preciso deixar claro que não se deve minimizar a influência de uma escola espiritual nesses processos de transformação. É preciso entender que, por meio do trabalho individual de cada aluno em seu discipulado e do trabalho coletivo de uma escola espiritual fidedigna, os impulsos de transformação da fraternidade tornam-se atuantes no mundo e na humanidade de forma mais concreta e contundente.

Conclui-se que o papel de uma escola espiritual é colaborar, nos níveis interiores de cada ser humano, para que coletivamente a humanidade possa produzir essa transformação planetária.

A ALQUIMIA UNIVERSAL

Se conseguíssemos enxergar além dos noticiários sobre conflitos, tensões políticas e crises econômicas, perceberíamos que o mundo está sendo impulsionado a um desenvolvimento superior pela alquimia universal. Em meio à aparente desordem, ocorre um processo profundo de transformação, em que a crise é o catalisador para uma renovação espiritual e cultural, guiando a humanidade para um novo estágio de consciência.

A alquimia sempre teve um aspecto individual e outro cósmico, que abrange todo o planeta. A alquimia individual e a alquimia universal estão intimamente relacionadas, porque o verdadeiro alquimista colabora de muitas maneiras para a renovação geral do mundo e da humanidade.

A alquimia é especificamente a ciência rosacruz universal, mas contém em si os outros dois elementos, a espiritualidade interior (o catarismo) e a arte da realização (o graal). Não se trata, portanto, de uma transformação apenas do pensamento, mas de todo o ser.

Em todos os domínios da ciência, da espiritualidade e da arte, o processo alquímico atua levando a transformações fundamentais nas ideias e nas disposições dos seres humanos. Por trás de todo o desenvolvimento artístico, pulsa um poderoso desejo de renovação, que é também gerado pela alquimia interior. Por trás do arrebatamento religioso do indivíduo encontra-se o mesmo impulso dinâmico de reorientação: a alquimia. Não há ciência que não seja afetada por esse processo alquímico. E as transformações tecnológicas, como resultados mais visíveis do avanço científico, são impulsionadas pelo mesmo processo; nada é mais determinante para a sociedade atual do que isso.

Com o avanço de tecnologias como inteligência artificial, redes 5G, big data e computação quântica, a capacidade de acumular e processar informações está

crescendo exponencialmente, revolucionando áreas como medicina, educação e comunicação, e transformando toda a sociedade. Essa aceleração das inovações permite que complexidades que antes levariam séculos, ou até milênios, sejam desenvolvidas em poucas décadas.

Testemunhamos também o desmoronamento de todo um sistema social e o desaparecimento massivo de métodos obsoletos, a partir de impulsos irresistíveis. Tudo isso ocorre sob a influência do fogo, das línguas de fogo sob as retortas dos alquimistas.

A alquimia, assim, torna-se viva para cada um de nós, no agora. Não é uma alucinação coletiva de sábios da Idade Média, que supostamente teriam tentado fabricar ouro a partir de metais vis. Não! A alquimia universal está muito próxima de nós, ela é atualmente a própria pulsação do coração do século XXI.

A humanidade, vivenciando esses processos inconscientemente, está profundamente ferida em vários sentidos, corporal, psíquica e espiritualmente. E essa constatação sóbria e real mostra como é necessário o trabalho da alquimia universal, que aponta para uma cura fundamental do indivíduo e da coletividade.

Contudo, grandes perigos estão presentes, ligados ao fato de que a humanidade ainda está muito focada em processos exteriores e na busca de transformações externas, sem atacar a causa fundamental do problema, que é o egocentrismo. É preciso compreender que nenhuma transformação exterior – seja política, econômica, social ou tecnológica – é efetiva se não parte da transformação interior do ser humano. Não nos enganemos com relação a isso, pintando um futuro róseo que virá independentemente do que fizermos. Podemos caminhar tanto para uma civilização superior, em que o conhecimento e a tecnologia sejam utilizados para o bem-estar de todos, ou para a completa destruição da civilização, caso não consigamos gerir os desafios impostos pelo rápido avanço tecnológico e, em particular, pela crise climática global.

De qualquer forma, a experiência dos séculos mostra que todo conhecimento, todo impulso e toda ação que não brotem da fonte interior, da centelha espiritual, têm existência efêmera se não forem purificados por ela. Todos os que sentem o chamado interior devem compreender que nunca encontrarão resposta para seus questionamentos mais íntimos se não tomarem esse princípio fundamental como o alicerce de toda uma nova construção.

E essa construção não se baseia na idealização de uma união mística, mas na superação do próprio egocentrismo, alcançada por meio de profundo autoconhecimento. Para avaliar objetivamente quanto se está ou não conectado com a centelha espiritual, deve-se examinar as próprias ações diárias e verificar em que medida são guiadas ou não pelo egocentrismo.

A transformação real acontece do interior para o exterior; não é possível inverter essa ordem. O interior é o espírito, o exterior é a matéria. Toda matéria tem como destino se tornar o reflexo do espírito, tendo a consciência como intermediária; em essência, não há separação entre ambos.

Essa compreensão está contida nas palavras alquímicas do apóstolo Paulo de que "toda criação espera ansiosamente pela manifestação dos filhos de Deus", pois é a partir de entidades autoconscientes, como o ser humano, que toda criação pode ser transformada ao estabelecer a conexão entre matéria e espírito.

Temos em nós a partícula divina, espiritual, a partícula de ouro, solar, que pode transmutar todos os elementos internos e externos no ouro do espírito; esta é a única alavanca que pode mover o mundo inteiro. Essa partícula divina não pertence a nós nem transforma apenas o microcosmo humano, pois é una com a essência espiritual do planeta, o Logos planetário. Somente a partir desse princípio é que nos tornamos verdadeiros alquimistas, que podemos atuar em prol de uma transformação coletiva real. Por isso, assim como as escolas espirituais que nos precederam, deve-se manter uma presença ativa e influente na sociedade de nosso tempo.

Da mesma forma que a transformação individual parte da conexão com a centelha espiritual, a história mostra que qualquer transformação coletiva

verdadeira se expande a partir do núcleo de escolas espirituais, que conduziram seus alunos à transformação de suas consciências e de suas vidas. Foi assim na antiga China, por exemplo, quando muitos seguiram os passos de Lao Tsé. Também foi assim que o maniqueísmo se desenvolveu em liberdade; o mesmo aconteceu na região da Bulgária, na época dos bogomilos; no sul do França, em que os cátaros realizaram seu trabalho por algum tempo; e em algumas civilizações africanas e pré-colombianas, que deixaram registros de culturas livres e harmônicas estruturadas ao redor de um núcleo espiritual vivo e atuante. Em todos esses casos o núcleo vivente de uma comunidade iniciática desempenhou papel central na transformação da cultura e da sociedade.

E isso pode ocorrer novamente em nossos dias, e talvez numa extensão muito maior do que antes. Para atuar positivamente sobre o mundo e a humanidade, para uma transformação alquímica real de toda a natureza, não se deve de forma alguma seguir pelos caminhos exteriores; não é necessário se declarar contra isto ou a favor daquilo; não se deve tomar partido e ser a favor ou contra este ou aquele partido ou organização. Deve-se, isso sim, conectar a consciência com a centelha espiritual, permitindo que o pensamento seja iluminado, o sentimento purificado e a ação transformada. É desse modo que se avança até a união perfeita com o espírito, que possibilita a alquimia interior e a transformação da própria vida a partir da transformação da consciência.

Essa é a alquimia divina, a respeito da qual se tratou em detalhes em capítulos anteriores quando se mostrou a correlação entre os sete planetas, os sete metais e os correspondentes sete pontos de contato com o ser humano. Essa alquimia leva à vitória sobre as sete características da alma natural: a raiva, a distração, a especulação, a vitimização, a teimosia, a vaidade e a inércia. Se realizarmos isso como indivíduos e como grupo consciente, abrem-se amplas e novas possibilidades para todos: a partir da alquimia interior, é impulsionada a alquimia exterior e a transmutação de toda a natureza. Quando se compartilha o que é realizado interiormente, por meio de dedicação e serviço desinteressado à comunidade, ao mundo e à humanidade, o campo coletivo da Escola se torna

espelho lapidado e puro, capaz de refletir com clareza a luz universal. Com a coragem de ser essa luz visível a todos, para que brilhe diante de cada pessoa no mundo e ajude a iluminá-lo, esse campo se expande para além de seus limites, influenciando o campo planetário, alinhando-se com o trabalho alquímico das sete escolas e da Fraternidade Universal. Como reflexo da purificação interior, os domínios sutis do planeta também são purificados e a ilusão já não pode mais tomar forma: todas as formas ilusórias, privadas de sua fonte, se dissipam qual névoa; as ideias sustentadas artificialmente se desfazem; o que dá sustentação ao pensamento, sentimento e ação egocêntricos e ilusórios é eliminado. Isso conduz, de forma natural, a uma nova ciência, a uma nova espiritualidade e a uma nova arte.

A humanidade inteira é assim conduzida à sua verdadeira vocação e passa a interagir com a matéria e com toda a vida planetária de forma transformadora, elevando-as a uma condição superior, por meio do trabalho alquímico de renovação. Nesse processo, o desenvolvimento tecnológico se torna instrumento para essa transformação global. Esse é o trabalho alquímico universal, trabalho empreendido por seres humanos para seres humanos, para todos os reinos naturais e para todo o cosmo.

Não se trata de possibilidades futuras ou profecias, mas da realidade presente. A humanidade já ingressou em um novo dia em que a luz se revela, um período em que os véus estão sendo retirados e tudo o que até agora foi conservado na obscuridade está se manifestando.

Podemos contribuir para a criação de uma nova ciência, uma nova espiritualidade, uma nova arte de viver e um novo mundo, concretizando assim a alquimia universal. Isso não acontece por meio de atitudes externas, mas pela verdadeira prática da alquimia interior. O chamado é claro: é tempo de unir conhecimento, coração e ação a partir do único elemento unificador, a centelha espiritual. Juntos, nessa base, podemos ajudar a criar um mundo onde a ciência respeita a espiritualidade, onde a espiritualidade é vivida na prática diária e onde a vida é uma expressão contínua de criatividade e harmonia. Esse

caminho de integração nos leva a perceber a interconexão de todos os aspectos da existência.

Dessa forma, a ciência, integrada à espiritualidade, torna-se uma ferramenta poderosa para a exploração do universo e da consciência humana. A espiritualidade, vivida na prática diária, sem o peso das estruturas dogmáticas e autoritárias, enriquece nossa vida com propósito e significado. E a arte de viver, baseada em valores internos e não em regras exteriores, nos guia na criação de uma sociedade mais justa, sustentável e harmoniosa. Assim, podemos enfrentar os desafios do mundo contemporâneo com sabedoria e compaixão. Mesmo problemas como a crise ambiental, as desigualdades sociais e os conflitos culturais tornam-se oportunidades para aplicarmos esses princípios em ação consciente e viva. Como resultado, plantamos as sementes de um novo período de iluminação e realização, um renascimento mais profundo e abrangente do que aquele que se seguiu à Idade Média.

Essa é uma jornada de descoberta e transformação, em que cada passo nos aproxima mais de nossa essência divina e de nosso potencial como cocriadores de um novo mundo. Um mundo onde cada ser humano seja reconhecido por sua divindade inata e por seu papel único na grande tapeçaria da vida; onde toda vida seja respeitada e cuidada, como parte dessa mesma tapeçaria. É essa visão que nos inspira a seguir em frente, com coragem, compaixão e compromisso inabalável com a verdade, rumo a mais um século de trabalho a serviço do mundo e da humanidade.

Que possamos compreender a extensão desse trabalho, que sejamos impelidos do íntimo a colaborar, como indivíduos e como grupo consciente, nessa nova tarefa da cabeça, do coração e das mãos. Que assim seja!

A ETERNIDADE NO TEMPO

O símbolo sobre o lugar de serviço em Haarlem, na Holanda, onde em agosto de 1924 começou o trabalho da Rosacruz Áurea, contém uma visão sobre o futuro da humanidade e do trabalho da Escola. Ele é formado por uma estrela de 5 pontas que representa o pentagrama da alma-espírito renascida – envolta por 7 vezes 7 raios – que representam os sete raios do espírito em sua manifestação humana e universal[24]. Esse símbolo indica a missão da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, e a promessa que deve se realizar para cada ser humano e para toda a humanidade: o renascimento da alma e sua união com o espírito, na força de radiação do espírito sétuplo.

Esse foi, é e sempre será um dos grandes pontos focais da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, verdadeira escola do espírito dedicada ao verdadeiro ser humano, ao novo ser humano que um dia se manifestará em todos vivendo no "ouro" da nova vida, na estrela de cinco pontas da sabedoria e do amor, cercado pelos sete raios do sol divino universal.

O que acontece naquele espaço do templo também acontece dentro de nós, onde existe o princípio da vida verdadeira, o centro de conhecimento espiritual, o sol; uma luz, sete vezes sete maior, que irradia do nosso ser interior mais profundo. Para detectar essa luz, procurar seus rastros, encontrá-la, ter permissão para experimentá-la e tentar segui-la, é que existem os templos da Rosacruz, esses espaços que nos auxiliam a reconhecer o único espaço interior da alma em que ela pode se unir ao espírito.

Existe um ponto focal dentro de nós, um ponto de partida, um começo essencial identificável? Se queremos olhar para cima, fixar os olhos na luz, se queremos que nossos pensamentos subam aos céus e ao sol, devemos examinar

primeiro, em profundidade, o chão sob nossos pés. Referimo-nos à base, ao fundamento essencial: quem somos nós, como seres humanos?

Essa não é uma pergunta simples. Todos procuram uma resposta, repetindo essa mesma pergunta muitas vezes ao longo do tempo, buscando descobrir a verdadeira questão da vida, uma visão que os leve mais longe. Nessa busca é preciso esforço para se livrar de ideias obstrutivas e errôneas, que nos afastam de nós mesmos e das respostas essenciais; pois às vezes preenchemos essa lacuna com muita facilidade, desviando da pergunta essencial sobre nossa verdadeira natureza.

A resposta "o homem tem essencialmente um núcleo de natureza espiritual, aprisionado em um corpo físico!" é verdadeira, mas de pouca utilidade. Expressar uma ideia, por mais elevada e verdadeira que seja, não nos leva mais longe, não transmite nenhuma forma de nova energia, nem cria impulso numa nova direção. A afirmação de tal pensamento traz potencialmente maior individualização e separação e, portanto, apenas aumenta a tensão. Uma pessoa pode perseguir tal pensamento durante toda a sua existência, refletindo, meditando e se concentrando nisso: ainda assim pode não alcançar uma real renovação de sua vida.

Mas o que quer que pensemos sobre o mundo, sobre a humanidade, sobre nós mesmos, qualquer pensamento que possamos formar, contém sempre certa contradição, é sempre polarizador. Pois o pensar, tal como o conhecemos agora, sempre racionaliza as coisas: ele as define, e assim as coloca em contradição com outras coisas, ou as desliga umas das outras. Por isso o pensar comum, por mais elevado que seja, não oferece uma nova visão, uma nova energia; não nos conecta com a verdadeira renovação que se busca.

O mesmo ocorre com nossos sentimentos, que facilmente caem em padrões familiares: ora nos sentimos bem, satisfeitos, ora incomodados, deprimidos, ansiosos. Que emoção alguém pode experimentar que traga uma verdadeira renovação? Que sentimento uma pessoa pode experimentar, que seja tão forte e vivo a ponto de evitar os velhos caminhos trilhados? Essa busca é como se

estivéssemos tentando encontrar com muito cuidado uma passagem para nos aproximar do portal que emerge do poderoso símbolo da nova manifestação de um novo ser humano que deve surgir em nós. Mas não se alcança esse resultado com os pensamentos ou sentimentos comuns. Não se pode desejá-lo nem se pode pensá-lo! Não adianta nos esforçarmos para não pensar, ou pior ainda, não sentir.

A questão é que nossos pensamentos e sentimentos devem ficar em silêncio por um momento. Não por vontade própria, nem por treinamento ou exercício, mas por uma ação espontânea; é um silêncio interior, um repouso, uma calma, uma espera, uma escuta real, e ao mesmo tempo, é uma atividade, uma expressão, uma manifestação. É como ouvir em profundo silêncio e paz interiores, mas ainda estando ativo e acordado. Assim que nossos pensamentos e sentimentos entram nesse algo, nesse verdadeiro descanso, mesmo que por acidente, mesmo que por apenas um segundo, o verdadeiro "ser humano" é capaz de falar em nós. Não com pensamentos concretos, como o nosso pensamento está habituado; não no sentido de que sejam indicações firmes, como: "faça isso, deixe aquilo!". Não! É algo no sentido de uma imagem, de um novo sistema de pensamento e sentimento, como um poder, uma verdade, uma nova estrela no firmamento do nosso ser.

Isso é o que um rosacruz busca. Trata-se de entrar em um mundo onde a vida é algo completamente novo, um mundo onde o pensar e o sentir precisam ser totalmente reconstruídos, a partir do zero.

Nessa busca, pode ocorrer ver o espaço de novos pensamentos e sentimentos como um vazio, um vácuo completo, como algo que é descrito como o "não-ser". Há pessoas que entraram nesse portal para o não-ser; que procuraram e encontraram o novo "ser". Elas procuraram a passagem estreita e entraram por ela. Existem incontáveis pessoas assim, dezenas, centenas de milhares, mas, é claro, em seu caminho rumo ao "novo ser" elas desapareceram de vista, ingressaram no campo do espírito, tornando-se unas com ele, como um ser

brilhante e onipresente. Em puro brilho e esplendor, como uma estrela de cinco pontas, elas entraram no campo imensurável dos sete raios.

Todos os templos são verdadeiros testemunhos desses buscadores da luz, dos que a procuraram e a encontraram. A atmosfera de luz que neles habita é a expressão de sua nova humanidade, da verdadeira sabedoria áurea do amor, como os cinco atributos da veste dessas novas almas, que permanecem trabalhando, na força dos sete vezes sete raios do sol divino.

Esses novos seres não rejeitaram a sua vida terrena e material; não se tornaram oponentes desta natureza; eles veem tudo nesta natureza, toda a vida incomensurável, como uma grande escola em que o espírito finalmente aprende a ver-se a si mesmo refletido no reluzente espelho da alma.

Em um domingo, 22 de outubro de 1939, foram proferidas as seguintes palavras no primeiro templo de Haarlem, cujos alicerces servem de base para o grande templo dos dias atuais:

Não buscamos a iniciação fora do corpo, mas
DENTRO do corpo!
Procuramos NO corpo, pela consciência superior,
a comunhão dos santos e a vida imortal.
Buscamos a eternidade que irrompe no tempo,
devorando o tempo até que ele não exista mais.
Não separamos o perecível do imperecível,
Mas nós os conectamos, nós os unimos profundamente.
Pois o perecível deve revestir-se do imperecível,
E o imperecível deve revestir-se do perecível.

Que vejamos a luz como o nosso eu mais profundo, como um amigo verdadeiro, como uma força extraordinária, que exige tudo de nosso ser, mas sempre como amigo fiel e verdadeiro, como alguém que está e sempre estará conosco e em nós.

Os fundadores da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, que eram dois em 1924 e tornaram-se três a partir de 1930 – Zwier Willem Leene, Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri – ouviram o chamado da alma do mundo.

Entenderam a linguagem que só é ouvida na encruzilhada entre o tempo e a eternidade, a linguagem da luz, que é o Cristo, com a qual o ser humano supera a matéria que se desintegra, aquele poder pelo qual a compreensão e o espírito nascem no homem. Eles iniciaram a tarefa que reconheceram como missão das suas vidas: abrir caminho para o nascimento de Cristo no ser humano. Com amigos, procuraram pessoas com ideias semelhantes, e pistas de sabedoria para lançar ao mundo uma tocha, um fogo.

Agora, 100 anos depois, o fogo foi lançado no mundo como uma aspiração do ser humano para ir além de sua existência microcósmica pessoal para o macrocosmo; como inspiração para chegar à visão pensante por meio da alma, seguido pela realização que significa a vitória da eternidade sobre o tempo, referida pelos rosacruzes como a veste nupcial do ser-alma-espírito.

Ao folhear as páginas dos 100 anos da Rosa Cruz no livro do tempo, é esse fogo atemporal que irradia de cada página. Seguindo a linha do tempo, vemos como tudo começou até o presente. Para os que começaram esse caminho e para nós, agora, é esse fogo que arde num amor avassalador por essa mesma missão. Uma missão que une a vida humana e a vida da nova alma; em que os fios da liberdade são tecidos pela alegria de podermos trabalhar juntos, lado a lado; em que a verdadeira amizade, a lealdade e o entusiasmo nos preenchem de energia infinita. Celebremos este momento agora, cheios de certeza e da mais pura e genuína gratidão por todos aqueles que nos precederam e que, com suas vidas, construíram este testemunho da eternidade no tempo.

E assim como eles, que também possamos testemunhar: esta Escola é uma maravilha magistral!

---

24. Esse é o mesmo símbolo presente no teto do Templo de Aquarius em São Paulo, utilizado atualmente como o selo da direção espiritual internacional da Escola, em seu trabalho mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Rijckenborgh, J. van. A Gnose em sua Atual Manifestação. Jarinu, SP: ed. Rosacruz, 2007.

Rijckenborgh, J. van. O Chamado da Fraternidade Rosacruz. Jarinu, SP: ed. Rosacruz, 2004.

Rickenborgh, J. van; Petri, Catharose de. A Gnosis Chinesa: comentários sobre o Tao Te King de Lao Tsé. Jarinu, SP: Pentagrama Publicações, 2017.

BÍBLIA. 1Coríntios.

Rijckenborgh, J. van. O Chamado da Fraternidade Rosacruz. Jarinu, SP: ed. Rosacruz, 2004.

Petri, Catharose de; Rijckenborgh, Jan van. Rosa Mystica: Raios de luz da magia gnóstica. Lectorium Rosacrucianum, 1999.

Petri, Catharose de. O Verbo Vivente. Jarinu, SP: Rosacruz, 2006.

BÍBLIA. Lucas.

BÍBLIA SAGRADA. Nova versão internacional. Santo André, São Paulo: Geográfica Editora, 2018.

BLAVATSKY, Helena P. A voz do silêncio. São Paulo: Ed. Pensamento, 2010.

BROWN, Brené. A coragem de ser imperfeito. Ed. Sextante, 2016.

MONTEIRO, T.; RODRIGUES, F.S.; PEXIRRA, M.; CRUZ, B.F.; GONÇALVES, A.I. RUEDA-OROZCO, P. PATON, J. Using temperature to analyse the neural basis of a time- based decision in Nature Science, 26 pg. 1407-1416 (2016), disponível em: https://www.nature.com/articles/s41593-023-01378-5, acessado em: 26/Set./2024.

RIJCKENBORGH, Jan van. Luz sobre o Tibet. Lectorium Rosicrucianum, 1957.

_____. “Os sete campos do microcosmo” in Revista Pentagrama, Lectorium Rosicrucianum, ano XVII, 1995.

_____. Dei Gloria Intacta – O mistério iniciático cristão da sagrada Rosacruz para a nova era. Lectorium Rosicrucianum, 2003.

_____. Filosofia elementar da Rosacruz moderna. Jarinu, SP: Rosacruz, 2003.

_____. A gnosis original egípcia, tomo I, Jarinu, SP: Ed. Rosacruz, 2006.

_____; PETRI, Catharose de. O novo sinal. Lectorium Rosicrucianum, 2014.

SCHWARTZ, Suzana. Aprendizagem: questão de ritmo? In ABRAHÃO, Maria Helena (org). Professores e alunos: aprendizagem em comunidades de prática educativa, Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

TRISMEGISTO, Hermes. Do castigo da alma. Lectorium Rosicrucianum, 2010.

O ser humano sempre buscou respostas para os grandes mistérios da vida. Quem somos? Qual o sentido da existência? Há algo além do que percebemos com os sentidos? Essas perguntas seguem ecoando, impulsionando aqueles que desejam ir além da superfície e mergulhar em uma compreensão mais profunda da realidade.

Este livro convida o leitor a um caminho de autodescoberta e transformação interior. Vivenciar um novo estado de consciência revela a conexão essencial com a verdadeira natureza do ser. Ao longo das páginas, somos levados a refletir sobre a possibilidade de uma renovação que transcende as limitações impostas pelo medo, pelas ilusões e pelo egocentrismo.

Esta leitura é um chamado à experiência direta de um novo modo de ser e existir. Para aqueles que sentem a inquietação interior como um impulso para algo maior, aqui está uma oportunidade de aprofundar essa busca.

LIVROS DA SÉRIE RENOVAÇÃO

1. Os sete raios do espírito e a transformação da vida humana
2. Saúde e espiritualidade
   A cura
3. A busca da nova consciência
4. Caos exterior, despertar interior
5. Inspirações para um novo tempo
6. Auto iniciação e libertação
7. Rosacruz Áurea | Uma escola iniciática para o século XXI

ROSACRUZ ÁUREA

UMA ESCOLA INICIÁTICA PARA O SÉCULO XXI

Em tempos de mudanças profundas, a busca por sentido e propósito se torna essencial. A Rosacruz Áurea oferece uma abordagem transformadora, que vai além do conhecimento intelectual e convida a uma experiência profunda de autodescoberta. Este livro traz reflexões e ensinamentos voltados à renovação interior, convidando o leitor a transcender as limitações do ego e a viver em harmonia com valores universais.

Não é um percurso individual, mas uma jornada de transformação que se expande e reflete no mundo ao nosso redor. Ao transformar nossa mente e coração, contribuímos para uma realidade mais integrada e harmoniosa.

A Rosacruz Áurea inspira aqueles que buscam respostas para os desafios atuais e desejam colaborar na construção de um futuro guiado por princípios elevados. Que esta leitura desperte em você a coragem para trilhar esse caminho de renovação e despertar espiritual.

Pentagrama publicações

9 786586 863086